



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
SUZANA LUIZ TIBURCIO

**NARRADORES DE MORRO GRANDE – SANGÃO/SC:
MEMÓRIA, IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL**

Tubarão
2012

SUZANA LUIZ TIBURCIO

**NARRADORES DE MORRO GRANDE – SANGÃO/SC:
MEMÓRIA, IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jussara Bittencourt de Sá.

Tubarão

Tibúrcio, Suzana Luiz, 1988-
T43 Narradores de Morro Grande – Sangão: memória, identidade e
hibridismo cultural / Suzana Luiz Tibúrcio;
orientadora: Jussara Bittencourt de Sá. -- 2012.
123 f. : il. color; 30 cm

Dissertação (mestrado)-Universidade do Sul de Santa Catarina,
Tubarão, 2012
Inclui bibliografias

1. Identidade Social. 2. Linguagem e cultura. 3. Memória coletiva. 4.
Comunicação oral. I. Sá, Jussara Bittencourt de. II. Universidade do Sul de
Santa Catarina – Mestrado em Ciências da Linguagem. III. Título.

CDD (21. ed.)306

SUZANA LUIZ TIBURCIO

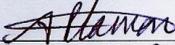
**NARRADORES DE MORRO GRANDE – SANGÃO/SC:
MEMÓRIA, IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

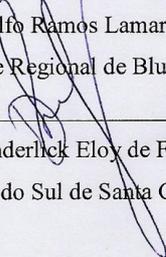
Tubarão, 5 de outubro de 2012.



Professora e orientadora Jussara Bittencourt de Sá, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professor Adolfo Ramos Lamar, Doutor
Universidade Regional de Blumenau



Professora Deisi Sunderlick Eloy de Farias, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

A Deus e a todos aqueles que, de uma forma
ou de outra, torcem pelas minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que em momentos de desânimo, angústia e medo, amparou-me pela fé.

Aos meus pais que, com toda sua dedicação e empenho, possibilitaram o meu crescimento acadêmico e pessoal durante todo o tempo.

Às minhas irmãs, pelo amor e a constante presença em todos os momentos da minha trajetória de vida.

Ao meu namorado Tiago, que me ouviu, aconselhou, secou minhas lágrimas, me animou e deu todo seu amor para que eu perseverasse nas horas mais difíceis e desanimadoras.

Aos meus sobrinhos que, com sua magia de ser criança ou adolescente, felicitam e enchem meu coração com ânimo e foco no futuro.

Aos meus amigos, especialmente Sheyla, Jorge e Rosiane, que estão comigo sempre, incentivando-me e possibilitando momentos prazerosos de descontração.

Aos colegas do Mestrado em Ciências em Linguagem que passaram ou irão passar pelas mesmas dificuldades e conquistas com as quais nos deparamos no decorrer da vida acadêmica.

Aos professores do PPGCL, que disseminaram seu conhecimento e, através do qual surgiram ideias e ideais acerca de minha pesquisa.

À professora Jussara Sá que, com sua paciência, dedicação, inteligência e carinho, fez com que tudo parecesse mais simples, instigante, importante e especial como foram todos os momentos em que trocamos alguma idéia.

Aos colaboradores dessa pesquisa, fruto de minúcias e árduo trabalho de campo. Cito apenas alguns nomes: Autinélio, Senhor Evaldo, Senhor Zé Odia, Senhor Santos, Senhora Luiza, Senhora Maria, Senhora Zilá, Senhora Helena, pessoas tão importantes como qualquer outra que prestou sua colaboração.

E a todos aqueles cujos nomes não citei, mas que tenho em minhas lembranças, a mais sincera gratidão.

“O homem é um ser essencialmente social e histórico que, na sua relação com outros, em uma atividade prática comum, intermediado pela linguagem, se constitui e se desenvolve enquanto sujeito” (Bakhtin).

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre o hibridismo cultural. Partiu-se do pressuposto de que a identidade também é construída pela linguagem e faz parte da história. Sabe-se que as identidades, mesmo distintas, peculiares, se interpenetram, e podem se revelar de acordo com a situação. Como sujeitos culturais, em muitos momentos, aparecem perceptíveis, e , vem à cena nossas peculiaridades tais como: legado étnico, social, individual, político, cultural. Assim as narrativas decorridas a partir das entrevistas com pessoas de uma localidade poderiam refletir elementos da história do lugar e aspectos das identidades culturais. Nosso objetivo, portanto, é analisar como o hibridismo pode aparecer nas falas de moradores com ascendências diferentes, através das narrações obtidas por entrevistas. Especificamente, tencionamos: a) problematizar as concepções sobre identidade cultural, aspectos que sinalizam o hibridismo cultural, com intuito de avaliar o papel da linguagem, dos legados étnicos e da história; b) pensar na narrativa como meio de enunciação de identidades culturais; c) desenvolver pesquisa de campo, através da técnica da história oral, com moradores do município de Sangão-SC, com objetivo de registrar narrativas sobre acontecimentos do lugar; d) decupar e registrar as narrativas do filme *Narradores de Javé* analisando as exemplificações e metodologias utilizadas no filme acerca da construção historiográfica; e) desenvolver análise verificando a ocorrência do hibridismo cultural nas entrevistas/narrativas com o grupo selecionado. Para tal, foram selecionados na pesquisa de campo cinco (5) moradores do bairro Morro Grande, município de Sangão - SC. Na coleta das entrevistas/narrativas utilizou-se, como aporte metodológico, as orientações da história oral, bem como exemplos extraídos do filme *Narradores de Javé* . Verificou-se, após assistir a este filme, uma aproximação com o contexto que se pretendia investigar, justificando, assim, sua eleição também como aporte metodológico. Entendemos a relevância deste estudo, na medida em que se insere aos estudos das ciências da linguagem uma pesquisa que oportuniza vez e voz a comunidade para investigar e resgatar momentos de sua história, em especial de seu contexto cultural ensejado e que dele se enseja. Considera-se com a realização desta pesquisa que estudar a linguagem e a cultura, suas especificidades, seus contextos, empreendem resultados importantes, e também suscitam a outras pesquisas.

Palavras-chave: Identidade Cultural. Hibridismo. Linguagem. Arte. Memória. História local.

ABSTRACT

This dissertation presents a study on cultural hybridity. Started from the assumption that identity is constructed through language and is also part of history. It is known that the identities, even distinct, peculiar, interpenetrate, and they may be known according to the situation. As cultural subjects peculiarities such as the ethnic, social, individual, political, cultural legacy are perceived. So narratives taken from interviews with people from one location could reflect elements of the history of that place and aspects of cultural identities. Our goal therefore is to analyze how hybridity may appear in the statements of residents with different ancestries through the narratives obtained through interviews. Specifically, we intend to: a) discuss the concepts of cultural identity, aspects that signal the cultural hybridity, in order to assess the role of language, ethnic legacy and history, b) think of the narrative as a means of expressing cultural identities; c) develop field research, using the technique of oral history, with residents of the city of Sangão -SC, in order to record narratives about events of that place; d) gather and record the narratives of the film *Narradores de Javé* analyzing the exemplifications of Yahweh and methodologies used in film about the historiographical construction; e) develop analysis verifying the occurrence of cultural hybridity in the interviews / narratives with the selected group. To this end, we selected the research field five (5) Morro Grande neighborhood residents, city of Sangão, SC. In the collection of interviews / narratives was used as the methodological approach, the guidelines of oral history as well as examples from the movie *Narradores de Javé*. After watching the film it was verified that in its context there were elements which were intended to be investigated, thus justifying his election also as “methodological approach”. We understand the importance of this study in as much as, and as to understand, in the science of language and in the process this study allows the community recover their history. It is considered in this research to study the language and culture, their specificities, contexts, undertake relevant results and also give rise to other research.

Keywords: Cultural Identity. Hybridity. Language. Arts.Memory. Local History.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cena 1: Interior da igreja.	59
Tabela 2 – Chamando Antônio Biá.	59
Tabela 3 – Antônio Biá colhendo informações.	60
Tabela 4 – Construção histórica através da oralidade.	61
Tabela 5 – Antônio Biá fala das modificações pela escrita.	62
Tabela 6 – Algumas entrevistas feitas por Antônio Biá.	63
Tabela 7 – Recontando a história de Javé.....	64
Tabela 8 – Legenda de cores de destaque das entrevistas transcritas.....	67
Tabela 9 – Transcrição da entrevista do N1.	68
Tabela 10 – Transcrição da entrevista do N2.	78
Tabela 11 – Transcrição da entrevista do N3.	84
Tabela 12 – Transcrição da entrevista do N4.	91
Tabela 13 – Transcrição da entrevista do N5.	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	LINGUAGEM, IDENTIDADE E NAÇÃO.....	16
2.1	HISTÓRIA E IDENTIDADE BRASILEIRA	18
3	IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL	30
3.1	O HIBRIDISMO CULTURAL.....	32
4	MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL.....	40
4.1	LITERATURA E CINEMA: SOBRE A ARTE DE NARRAR.....	47
4.2	METODOLOGIA	50
4.2.1	O local e os participantes do estudo.....	51
5	NARRATIVAS HISTÓRICAS: PRESENÇA DE ASPECTOS HÍBRIDOS NA ORALIDADE.....	57
5.1	NARRADORES DE JAVÉ	57
6	OS NARRADORES DE MORRO GRANDE	65
6.1	LOCAL DE ESTUDO	65
6.1.1	Habitantes	66
6.2	NARRADOR 1: “MORRO GRANDE-PRECONCEITOS E FESTAS”	68
6.2.1	Considerações sobre a narrativa 1.....	73
6.3	NARRADOR 2: “ MORRO GRANDE – UM LUGAR MOLDADO PELAS INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS/EDUCACIONAIS/CULTURAIS.”	78
6.3.1	Considerações sobre a narrativa 2.....	81
6.3.2	Analogia com Narradores de Javé.....	83
6.4	NARRADOR 3: “MEMÓRIAS DA CULTURA HÍBRIDA”	84
6.4.1	Considerações sobre a narrativa 3.....	87
6.5	NARRADOR 4: “A RELEVÂNCIA DO PAPEL SOCIAL NA HISTÓRIA QUE SE CONSTRÓI”	91
6.5.1	Considerações sobre a narrativa 4.....	94
6.6	NARRADOR 5: “ A RELEVÂNCIA DO PATRIMÔNIO E DA VALORIZAÇÃO CULTURAL”	97
6.6.1	Considerações sobre a narrativa 5.....	104
7	CONCLUSÃO.....	110

REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	118
ANEXO A – CARTA DE ACESSÃO AOS OUVINTES	119
ANEXO B – FOTOS	120

1 INTRODUÇÃO

Ao falar sobre a identidade, primeiramente, destacamos que as teorias sobre esta mostram que, mesmo compreendendo diversas manifestações, para muitos pesquisadores do campo das ciências sociais, existe a necessidade de se apreender como se constituem e se constroem as identidades em seus contextos sócio-histórico-culturais.

Partindo do princípio de que a identidade é construída também pela linguagem e é história, questionamos: as narrativas contadas por pessoas de uma localidade poderiam refletir elementos da história do lugar e aspectos das identidades culturais? Os fatos considerados históricos ao lugar receberiam o mesmo olhar nas narrativas? Haveria relevância nessas narrativas dos moradores para o resgate da história de um lugar, ainda que apresentassem elementos dicotômicos? Como as narrativas apontariam características no desenho das identidades de uma localidade? De que forma o hibridismo aparece na narrativa de pessoas de ascendências distintas? Essas lembranças são memórias particulares, sociais, estão isoladas, são memórias de mecanismos repetitivos?

Ainda pontuamos que, ao pensarmos sobre obras de arte, em especial, cinematográficas que colocam em cena personagens narrando um acontecimento da história de um local, como na obra *Narradores de Javé*¹, observamos diferentes perspectivas a partir do foco narrativo. Tal filme propõe pensar a construção histórica de um lugar através da narração e que, desta forma, a história toma diversos sentidos e significados que são redesenhados na entrevista. Ou seja, demonstram-se técnicas de coleta de dados que se assemelham e caracterizam o papel do pesquisador nas construções das narrativas. Sendo assim, a realidade artística pode caracterizar e servir como referência para refletirmos sobre a narrativa como fonte histórica. Logo, questionamos, de que forma a interpretação fílmica denota uma realidade vivida atualmente? Quais metodologias utilizadas na ficção se assemelhariam às técnicas de pesquisa oral empreendidas em entrevistas? De que forma um filme apresenta a narração como fator importante de construção histórica?

Portanto, o objetivo norteador desta pesquisa é analisar a presença de hibridismos culturais nas falas de moradores que são de descendências distintas através da narração, tendo como técnicas e metodologias de coleta de dados que compõem a construção de uma história

¹ Direção: Eliane Caffé, ano de lançamento 2003.

passagens abstraídas da arte fílmica. Como objetivos específicos, destacamos: a) problematizar as concepções sobre identidade cultural, aspectos que sinalizam o hibridismo cultural, com intuito de avaliar o papel da linguagem, dos legados étnicos e da história; b) pensar a narrativa como lugar de enunciação de identidades culturais; c) desenvolver pesquisa de campo, através da técnica da história oral, com moradores do município de Sangão-SC, com a intenção de registrar narrativas sobre acontecimentos do lugar; d) decupar e registrar as narrativas do filme *Narradores de Javé* analisando as exemplificações e metodologias utilizadas no filme acerca da construção historiográfica; e) desenvolver análise dos hibridismos presentes nas falas dos moradores de Sangão-SC e os aspectos que sinalizam a memória e identidade cultural dos mesmos.

Ao desenharmos esta dissertação, compreendemos que se trata de um tema instigante e complexo. Primeiramente, a complexidade na construção das identidades que, no Brasil, passa também pelas contradições históricas, pelos processos de autopreservação étnica ativados tanto pelas procuras locais, nacionais, internacionais, como as guerras inter étnicas e os conflitos entre nações que proveram diásporas de africanos, maciçamente promovidas pelo tráfico negreiro até meados do século XIX. Décadas após a Proclamação da República, a prática nacionalista e censores dos estrangeirismos se instituía como defensores da cultura nacional. Ocorria, assim, uma iniciativa oficial de forjar uma identidade eminentemente brasileira, nacionalista, que, por sua vez, procurou obrigar os indivíduos a abandonar e esquecer o que permanecia de sua identidade imigrante, os costumes e a cultura herdados de seus antepassados.

Também consideramos que refletir sobre a formação histórica e identitária de um município específico, por meio de narrativas, poderia sinalizar a definição de que “identidade faz parte da história”, ou seja, é um processo construído socialmente. Portanto, optamos pelas entrevistas, em especial, com moradores do município de Sangão. A eleição do referido município justifica-se por sua formação étnica, pelos processos de mudanças resultantes das diferentes etnias que imigraram para o Sul de Santa Catarina.

Percebemos, ainda, que o estudo do filme *Narradores de Javé* pretende comprovar e exemplificar que a construção identitária está fortemente ligada aos processos sociais e culturais. Assim sendo, temos a identidade resgatada através da memória dos moradores; a linguagem com base na história oral, entendida como impulsionadora e agente

da história; e a arte que nos permitirá entender a importância de uma construção de fatos que se tornam históricos.

Portanto, o reconhecimento da memória e dos intercâmbios culturais faz-se de extrema relevância, pois se constata que o não reconhecimento, certamente, possa resultar no apagamento/esquecimento dos valores que desenham a identidade cultural das localidades, das pessoas. Assim, na medida em que se concebe a educação como formadora de indivíduos para o exercício pleno da cidadania, o estudo e o resgate desses elementos fazem-se necessários, também, pela contribuição que poderão oportunizar ao processo educativo.

Este trabalho dissertativo encontra-se dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo faz menção aos temas linguagem, identidade e nação, que pretendem teorizar os aspectos que caracterizam a formação das identificações entrelaçadas com a interação social, ou seja, a cultura compondo a formação identitária do brasileiro. No tópico inicial deste capítulo procuramos refletir sobre a formação histórica do Brasil, conforme a sua multiplicidade étnica.

No capítulo dois encontra-se a temática identidade e hibridismo cultural, a qual salienta a mistura étnica dos vários povos distintos que migraram para o Brasil, que transformaram o contexto de identidade, sendo esta reconhecida a partir do hibridismo, ou seja, da miscigenação. A cultura brasileira está pautada no caráter híbrido, em patrimônios e lembranças históricas que remetem não apenas a uma formação identitária, mas várias que revelam um ser cultural totalmente eclético.

Já no capítulo três a memória e história oral ganham destaque ao valorizar as lembranças como constituintes/formadoras da história e construção identitária de um povo. Dentro deste capítulo destaca-se o tópico que se dedica à arte de narrar através da perspectiva do cinema, mais precisamente exemplos sucitados no filme *Narradores de Javé*, teorizando a importância da arte fílmica na formação cultural e histórica de um povo.

No capítulo quatro o filme *Narradores de Javé* serve como exemplificação de uma construção histórica baseada na oralidade, destacando semelhanças na coleta de entrevista que executamos e aquelas que estão representadas no filme.

No capítulo cinco apresentam-se os narradores de Morro Grande-Sangão, com base nas entrevistas orais² e as análises acerca do hibridismo presente na narrativa oral.

² Cada narrador assinou um termo de consentimento livre e esclarecido que se encontra no Anexo A deste trabalho, dando liberdade de divulgação de imagem e textos particulares.

E, por último, as considerações finais acerca de nossa pesquisa. Para empreender nossa pesquisa dissertativa e responder aos questionamentos propostos por este estudo, são apresentadas, neste capítulo, a descrição das técnicas utilizadas para análise, que resultam nas respostas aos objetivos propostos.

2 LINGUAGEM, IDENTIDADE E NAÇÃO

As concepções sobre a linguagem apontam para um grande percurso. A linguagem é marco e suporte para constituição/construção de identidades em seus contextos sócio-histórico-culturais.

Nesse campo, considera-se que a construção das identidades ocorre por meio da linguagem, pois é através dessa que se manifestam as produções sociais e que o sujeito se forma nas relações com outros sujeitos. De acordo com Bakhtin, a linguagem pode ser entendida como uma prática de caráter institucional, a fala, a enunciação, possuem natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais (BAKHTIN, 1997, p. 16). Em suas palavras, o mesmo autor salienta que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (1997, p. 123).

Pontua-se, ainda, que o sujeito se constitui apreendendo e assimilando as palavras e os discursos do outro, fazendo com que essas palavras e discursos sejam processados de forma que se tornem, em parte, as palavras do sujeito e, em parte, as palavras do outro. Todo discurso constitui-se de uma fronteira do que é seu e daquilo que é do outro.

Sabe-se que as identidades, mesmo distintas, peculiares, se interpenetram e podem se revelar de acordo com a situação. Pois, como sujeitos culturais, em muitos momentos aparecem perceptíveis, ou seja, vem à tona nossas peculiaridades, tais como aquelas provenientes do legado étnico, social, individual, político e cultural. Conforme afirma Hall, “na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (2002, p. 13).

Bakhtin (op cit.) argumenta que cada um de nós ocupa um lugar e um tempo específico no mundo, e que cada um é responsável ou “respondível” por suas atividades. Tal

situação promove a ocorrência de fronteiras entre o eu e o outro, reiterando a relevância fundamental da comunicação entre as pessoas.

Por estar imbricado em seu meio social, o sujeito, para o mesmo autor, aparece permeado e constituído pelos discursos que o circundam. Sendo assim, cada sujeito é um híbrido, ou seja, uma arena de conflito e confrontação dos vários discursos que o constituem; cada um desses discursos, ao confrontar-se com outros, visa a exercer uma hegemonia sobre eles. A linguagem pode ser considerada como arena de conflitos e, cada signo, mais que um mero reflexo ou substituto da realidade, é materialmente constituído no sentido de ser produzido dialogicamente no contexto de todos os outros signos sociais.

Pode-se afirmar, portanto, que o sujeito é, através da linguagem, construído socialmente, mediado pelas relações dinâmicas, pelas interações, por seu viver e pensar o mundo, por sua história e como sujeito histórico. Ciampa argumenta que “não há personagem fora da história, assim como não há história (ao menos a história humana) sem personagens” (2001, p.157).

E, a partir das reflexões sobre o papel da linguagem na construção do sujeito, de suas relações sociais, de seu pensar, viver e estar no mundo, como possibilitadora de sua história e identidade, que ancoramos, inicialmente, as considerações nesta pesquisa sobre nação.

A **nação**, de acordo com Anderson (2008, p. 32), é “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo inerentemente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. A imaginação decorre da linguagem, logo, para se considerarem membros de uma nação, faz-se necessário que esta nação seja imaginada, conforme Hobsbawm (2008, p. 18), por “qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação”. Ao completar o pensamento de Anderson de que a nação moderna é uma “comunidade imaginada”, Hobsbawm destaca que

Não há dúvida de que pode preencher o vazio emocional causado pelo declínio ou desintegração, ou a inexistência de redes de relações ou comunidades reais; mas o problema permanece na questão de por que as pessoas, tendo perdido suas comunidades reais, desejam imaginar esse tipo particular de substituição (Hobsbawm, 1991, p. 63).

Sobre esse aspecto, cabe apresentar que, de acordo com Schwarcz (2008, 16), as nações “são imaginadas, mas não é fácil imaginar. Não se imagina o vazio com base em nada.

Os símbolos são eficientes quando se afirmam no interior de uma lógica comunitária efetiva de sentidos e quando fazem da língua e da história dados ‘naturais e essenciais’”.

Anderson enfatiza a ligação do nacionalismo com a cultura e os valores adquiridos na sociedade: “Lo estoy proponiendo que el nacionalismo debe entender-se alineándolo, no com ideologías políticas consientes, sino com los grandes sistemas culturales que lo precedieron, de onde surgió³” (ANDERSON, 1993, p.30).

Assim sendo, falar em nação remete-nos a pensar sobre diversos elementos e sentimentos que a permeiam. Dentre esses, destacamos a memória, as tradições, o sentimento de pertencer a determinado lugar. Gostaríamos de ressaltar que essas peculiaridades não se aproximam do significado de nacionalismo⁴. “Antes da invenção histórica da nação, como algo político ou Estado-nação, os termos políticos empregados eram “povo” e “pátria”. Esta palavra também deriva de um vocábulo latino, pater, pai” (CHAUÍ, 2000, p.15). Desta forma, na etimologia, temos a palavra que remete a sentimentalismo, dedicação e identificação, que é o pai. Porém, depois da nação criada e moldada através dos atos políticos, ela perde esse sentido humanitário.

2.1 HISTÓRIA E IDENTIDADE BRASILEIRA

Conforme destacamos anteriormente, as reflexões sobre a identidade conduzem a transitar por elementos do contexto sócio-histórico-cultural. Entendemos que ficaria difícil empreender uma pesquisa sobre a identidade de um povo desconhecendo aspectos desse contexto. Neste sentido, ao investigarmos sobre a identidade brasileira, consideramos relevante apresentarmos “aspectos a que deram ensejo” (CALVINO, 1994, p. 8 apud SÁ, 2010, p.21).

³ Estou propondo que o nacionalismo deve acontecer, alinhando-se, não com ideologias políticas conscientes, mas sim com sistemas culturais que o precederam, de onde surgiram. (tradução da autora)

⁴ De acordo com Hobsbawn, o nacionalismo é um projeto político. Sendo assim, os grupos definidos como nações têm o direito de formar e devem formar Estados territoriais do tipo que se tornou padrão desde a Revolução Francesa. Resumindo, na prática, o projeto nacional geralmente significa exercer o controle soberano sobre uma faixa territorial tão contínua quanto possível, com fronteiras claramente definidas e habitada por uma população homogênea, que compõe seu corpo essencial de cidadãos (2000, p.272).

Para tanto, inicialmente, dentro de uma perspectiva histórica, caberia evidenciar que o brasileiro tem suas características físicas e sociais herdadas da junção dos diversos povos que migraram para o Brasil após 1500, de acordo com o que é oficializado. Ainda com base na história tradicional têm-se dados/relatos/informações do primeiro contato efetivo com os povos indígenas. Nessa história assinalada como oficial pouco se destacam informações referentes às viagens que aconteciam antes mesmo de 1500. Espanhóis e franceses que rodearam a costa brasileira e que, muito obviamente, possam ter tido um prévio contato com os ameríndios que aqui se instalaram, ou simplesmente poderiam saber de sua existência.

Ou seja, não era só Portugal a ver no Brasil algo rentável, pois além dele existiam outros que, após perceberem possibilidade de lucro, interessam-se em vir para o Brasil averiguar o que havia para ser explorado. Logo, em virtude desse interesse de outros países, Portugal decide fixar seu monopólio a fim de garantir uma terra que, em teoria, seria sua achada.

Gilberto Freyre relata os diversos países que se lançaram, motivados a conhecer um pouco mais da terra onde tudo que se planta germina. Conforme o autor, “iniciada a colonização do Brasil pelo esforço dos portugueses, ao sangue do colonizador oficial logo se misturou livremente o de europeu das mais variadas procedências: ingleses, franceses, florentinos, genoveses, alemães, flamengos, espanhóis” (FREYRE, 2003, p.276).

Para Fausto (2000, p.67), o interesse pelo Brasil e a decorrente colonização só se deu a partir das invasões espanholas e francesas nos territórios portugueses. Ao perceber o interesse dessas nações, Portugal decide colonizar e manter essa terra “achada”, reconhecendo, assim, a importância de incorporar o Brasil como colônia, consolidando sua supremacia diante das demais nações estrangeiras.

Os portugueses mostraram-se inicialmente desinteressados em explorar seus pretensos direitos ao Brasil. No entanto, os colonizadores franceses e os piratas que costumavam atacar suas rotas marítimas para a África e Ásia convenceram a Coroa portuguesa da necessidade de criar assentamentos efetivos e permanentes. Ignorando a localização das minas e podendo contar com um número elevado de camponeses indígenas, os portugueses escolheram a agricultura comercial como base para a colonização (FAUSTO, 2000, p.18).

Para Mignolo 2007, ao instaurar uma colonização em determinado país, acontecem diversas modificações, tanto sociais, como pessoais. Sendo assim, contata-se uma interferência ativa na vida do colonizado, que sofreu influências e imposições no trabalho, em sua casa e até mesmo em sua vida particular.

La lógica de la colonialidad opera em cuatro domínios de la experiencia humana: (1) económico: apropiación de la tierra, explotación de la mano de obra y control de las finanzas; (2) político: control de la autoridad; (3) social: control del género y la sexualidad, y (4): epistémico y subietivo/personal: control Del conocimiento y la subjetividad. (MIGNOLO, 2007, p.36)⁵

Ao delimitar nossas considerações aos acontecimentos pós-chegada de Cabral, constatamos que, a partir dessa primeira conquista, deu-se início um interesse pelo Brasil. Assim, tal interesse visava também aos bens que o Brasil possuía, como no caso, o pau brasil. Conforme Freyre, “O Brasil foi como uma carta de paus puxada em jogo de trunfo em ouros. Um desapontamento para o imperialismo que se iniciara com a viagem à Índia de Vasco da Gama” (2003, p.275).

Entendemos que falar sobre os primeiros anos da formação do Brasil é transitar por um território um tanto tênue e até movediço, pois foi um período de controvérsias e desavenças, culminado pela incessante pulsão em lucrar através da mão-de-obra escrava e pelas riquezas naturais que o Brasil possuía, prevalecendo as informações dos colonizadores. Litaiff, ao conviver e pesquisar a vida dos Guarani-Mbyá, presenciou e ouviu relatos acerca da modificação de vida ocorrida nas tribos. Sobre esse primeiro contato, comenta: “O cacique de Bracuí relatou-nos o “Descobrimento do Brasil” mostrando que, desde o começo do contato entre brancos e “índios”, o conflito e a violência estiveram presentes” (LITAIFF, 1996, p.136).

Portanto temos, na formação do Brasil, um ambiente de mortes, mudanças, imposições e escravidão, e é impossível pensar em formação histórica acalentada, sem gerar dúvidas e questionamentos sobre tal acontecimento de modo a se desdobrarem teorias a seu respeito. Segundo Freyre, “formou-se na América tropical uma sociedade agrária estrutural, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio - e mais tarde de negro – na composição” (2003, p.65).

A primeira modificação ocorrida na terra Brasilis diz respeito ao contato entre índios e portugueses. Nesse encontro, ocasional ou não, aconteceram trocas culturais, comerciais e físicas. As trocas culturais atuaram diretamente na língua que se modificou, na

⁵ A lógica do colonialismo opera em quatro domínios da experiência humana: 1- econômico: apropriação da terra, exploração da mão-de-obra e controle das finanças; 2- político: controle da autoridade; 3- social: controle de gênero e sexualidade, e 4 – epistémico e subjetivo/pessoal: controle do conhecimento e da subjetividade. (Tradução da autora)

inclusão de roupas, pois foram obrigados a se vestirem, na separação das famílias, entre outros.

Ao direcionar a pesquisa para Santa Catarina, destacamos as reflexões citadas por Spricigo. Este autor fornece detalhes acerca do panorama local onde os índios moravam, ou seja, a ‘casa’⁶ dos índios. Em seus relatos, comenta que os Jesuítas, ao conhecerem o ambiente em que moravam os indígenas do Litoral Sul de Santa Catarina, rancho de madeira e palha, revelaram a importância não apenas de evangelizar, mas modificar os hábitos culturais.

De acordo com Spricigo,

Retornamos à análise da obra do Pe. Raulino Reitz discutindo a maneira como é apresentado o tipo de moradia dos primeiros habitantes que ocuparam a área do litoral Sul de Santa Catarina. Ao narrar a catequização indígena por missionários jesuítas no início do século XVIII, descreve a chegada dos mesmos acompanhados por alguns índios, que, ao desembarcarem, dirigiram-se a uma habitação e esta não passava de um rancho de madeira guarnecido de palha, prossegue dizendo que ainda em nossos dias veem-se, à beira-mar, ranchos de pescadores deste material e acho que tem muito de parecido com aqueles dos antigos habitantes de Sombrio (SPRICIGO, 2007, p.32).

Logo, a missão jesuítica, além de catequizar, também provocou mudanças na moradia, na língua, no vestir, na comida e nas crenças. A função dos jesuítas de catequizar também vislumbrava acalmar os ânimos dos povos indígenas e, conseqüentemente, torná-los mais mansos e vulneráveis perante a escravidão que estavam sofrendo, assim como afirma Freyre: “O próprio sistema jesuítico - talvez a mais eficiente força de europeização técnica e de cultura moral e intelectual, a agir sobre as populações indígenas” (2003, p.115).

Litaiff afirma que “Os missionários procuram transformar os Mbyá em cristãos, tornando-os desta forma, a imagem do homem-branco. Enquanto os Guaranis não adotarem o cristianismo, serão sempre gente estranha e inferior diante dos olhos destes religiosos” (1996, p.109). Sendo assim, para poderem sobreviver, precisariam se adequar a vida do europeu.

⁶ A casa de povos indígenas está intrinsecamente relacionada ao ambiente (mata). Primeiramente, a partir dessa observação, apresentamos concepções de diferentes autores com o intuito de oportunizar uma leitura mais ampla sobre o tema. Para Fossari (2005, p.15), “Em qualquer época, ao se estabelecer em um lugar, a população humana passava a manter, através de suas atividades, uma relação estreita com o ambiente”, ou seja, modifica o meio para construir sua vida. “As populações que chegavam ao território eram nômades. Os primeiros moradores exploravam os ambientes abertos e as incipientes matas; com a expansão e o adensamento destas, oferecendo novos recursos, as nômades populações também as penetraram e algumas aí se fixaram” (SCHMITZ, 2005, p.40). Muitas das populações não tinham residência fixa, eram nômades, por isso, construíam habitações temporárias no ambiente. “As casas subterrâneas, na verdade, não são subterrâneas, mas habitações com o piso rebaixado”, destaca Schmitz (op cit, p.49), acerca da cultura dos grupos jê. “Os Mbyá que vivem em reservas indígenas tendem a se isolar, buscando o mínimo de contato com a sociedade”, e estes possuem suas aldeias que são “Habitações divididas em pequenos núcleos, sendo o centro a residência do cacique e a Opy que é a casa de reza”, conforme Litaiff (1996, p.32, 46). Atualmente os indígenas vivem em reservas.

Os índios serviam de mão-de-obra para o transporte do pau-brasil, matéria-prima lucrativa para a exportação e lucro dos portugueses. Para que não matassem e se revoltassem com suas matas sendo destruídas, com suas famílias sendo domesticadas, a ideia do pecado imposta procurava transformar o pensamento índio, fazendo com que colaborassem, mesmo involuntariamente, com a dizimação de seus povos. Se tratando de Santa Catarina, a dizimação e escravização não foi diferente.

Conforme Farias,

Várias levas humanas ocuparam o sul do Brasil. A primeira teria chegado por volta de 12.000 A.P. E mantido estabilidade tecnológica ao reproduzir comportamentos relacionados aos caçadores-coletores até cerca de 1.000 A.P. Beck (1970 apud SANTOS, 1973) admite que os primeiros grupos a entrar no território catarinense teriam sido caçadores-coletores provenientes do Vale do Rio Uruguai. Eram povos distintos que retiravam a subsistência do ambiente, e dele também retiravam a matéria-prima para a confecção de armamentos e instrumentos do cotidiano, além de possuírem uma vida social, com hábitos culturais baseados em crenças, e no convívio familiar (FARIAS, 2005, p.44).

Além do litoral, têm-se registros e achados de povos no interior do Brasil que, diferenciados daqueles que viviam no litoral e tinham o hábito da pesca e da coleta, os habitantes do interior sobreviviam através da caça e da coleta.

Posterior e/ou concomitantemente aos caçadores-coletores, temos os Xokleng, que habitaram a encosta de Santa Catarina durante centenas de anos. Desde o século XVIII, encontramos citações sobre o grupo nas mais diversas formas. Eram conhecidos como Botocudos, Bugres, Aweikoma, Xokrén e Kaingang. Cada termo denota um significado. “Bugre” é uma denominação comum a todos os grupos indígenas e possui caráter pejorativo, significando selvagem, inimigo (FARIAS, 2005, p.92).

Esses grupos humanos viveram muito tempo antes da chegada de Cabral, mas o povo litorâneo que teve o contato com o europeu foi o Guarani. Esse foi o agrupamento que mais sofreu modificação cultural, pois, no momento em que acontece uma conquista, acontece também imposição de cultura, aquela que não se enquadra aos moldes daquele que a subjuga precisa ser modificada. Tal panorama remete às reflexões de Hall. Segundo o autor, “cada conquista subjugou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada” (HALL, 1999, p.60). Tal unificação possibilitaria uma colonização mais favorável e rentável.

Essa unificação/imposição de cultura foi oriunda do contato com diferente. O novo para o índio e o novo também para o português. Nessa primeira troca de experiências ocorrida com a chegada dos europeus, ambos passaram a se conhecer através da troca de

materiais que usavam no cotidiano, que era feita através do escambo. Ocorriam trocas de objetos, como pente, espelho, e outros. Também as armas indígenas, as riquezas minerais e naturais existentes nessa terra. Sem o real entendimento do grande valor dessas peças para o europeu e pelo encantamento com o novo, o índio adquiria novas peças ao seu cotidiano, tanto em vestimentas quanto em utensílios diversos.

O contato europeu/índio não se limitou apenas às trocas lucrativas para o primeiro. Também propiciou mudanças físicas, aquelas decorrentes das diversas doenças que vieram com os portugueses. Os povos indígenas estavam acostumados a utilizar ervas para tratamento de suas doenças. Entretanto, mesmo consideradas como medicinais, essas ervas foram ineficazes no tratamento das doenças europeias. Um exemplo foi a sífilis, que se propagou muito mais na colonização brasileira do que no período exploratório, porém, nos serve como margem e exemplificação para tal debate. Entretanto, após toda dizimação, o que restou dos indígenas deixou sua marca no povo europeu; desse contato, “dos Tupis ficaram no Brasil os nomes de quase todos os animais e pássaros, de quase todos os rios; de muitas das montanhas, de vários dos utensílios domésticos” (FREYRE, 2003, p.220).

Na esteira temporal do processo de colonização, o mesmo autor comenta “a colonização por indivíduos - soldados de fortuna, aventureiros, degredados, cristãos-novos fugidos à perseguição religiosa, naufragos, traficantes de escravos, de papagaios e de madeira...” (FREYRE, 2003, p.81). Esses foram os povos trazidos ou migrados para o Brasil no intuito de servirem como olhos e ouvidos da coroa portuguesa e que administravam os diversos engenhos de açúcar que foram instalados no Brasil.

A característica desse novo povo que vinha para o Brasil era de trabalhador fervoroso, com esperança de conseguir “fazer a sua vida” numa terra fértil e capaz de gerar lucros. Essa marca também esteve impressa no colonizador português: “Nele aparece a junção do guerreiro-funcionário com o comerciante-empresário, tipo humano, constituído nas tropelias da conquista, na ambição da riqueza e na produção mercantil” (FRANCO, 1997, p.14).

Munido desse espírito aventureiro e fugaz, o colonizador impõe suas leis, sacrifica, escraviza todo aquele que vier trabalhar em seu engenho. A Coroa Portuguesa cedia lotes de terras que serviriam de local para a criação e ampliação dos engenhos. Era um período de crescimento territorial e comercial, pois “o sistema colonial fez parte desse

contexto em que se expandiram os mercados e disto dependeu sua vitalidade” (FRANCO, 1997, p.12).

Com a imigração imposta ou o tráfico de africanos, a mão-de-obra tornou-se barata. Conforme Franco, “A organização das fazendas indica um estilo de vida cuja qualificação é produzir para enriquecer. Seu caráter de empresa aparece claramente marcado sobre sua estrutura material, sobre a organização do trabalho, sobre as relações de dominação” (1997, p.237).

O africano sofreu muito com a escravidão. Foi legado a ele a vida nas senzalas, sob a pena de trabalhar apenas para comer, não tendo condições humanas de sobrevivência, sendo rejeitado por todos numa terra de hábitos e costumes contraditórios aos seus. “A escravidão, de que sempre se serviu a economia portuguesa mesmo nos seus tempos de rija saúde, tomou aspecto acentuadamente ao tornar-se monarquia mercantil e imperialista” (FREYRE, 2003, p.332).

Conforme Mignolo 2007, a formação da América Latina é decorrente de uma total influência imigratória que define a nossa mestiçagem. A partir do século XIX, busca-se uma nova nação brasileira, e nos servindo como exemplo, a América Latina em geral, citadas por tal autor, temos a intenção de um progresso, e neste caso, um progresso formado por uma população branca, por isso o incentivo a vinda de ascendentes europeus para o Brasil.

La latinidad sirvió para definir la identidad de una comunidad de élites criollas/mestizas, a la que luego se sumaron los descendientes de los inmigrantes europeos que empezaron a llegar a América Del Sur en la segunda mitad Del siglo XIX.[...]. La política inmigratoria fue una de las medidas tomadas para promover el progreso y la civilización, e indirectamente blanquear a los Estados-nación emergentes. (MIGNOLO, 2007, p.112)⁷

Portanto, além do açúcar, o mercado escravo também era lucrativo. A compra e venda de escravos, que serviam na exploração, tornou-se um negócio na colonização brasileira. No entanto, mesmo à margem da sociedade, a cultura dos escravos ia, aos poucos, adentrando a do colonizador. E, por conta do tráfico também de mulheres africanas, muitas usadas para o coito pelos senhores de engenho, ocorreria a miscigenação, que crescia agora não só com o indígena, mas também com o africano.

⁷ A latinidade serviu para definir a identidade de uma comunidade de elites criolas/mestiças, e que depois somaram-se os descendentes de imigrantes europeus que começaram a chegar na América do Sul na segunda metade do século XIX. A política imigratória foi uma das medidas tomadas para promover o progresso na civilização, e indiretamente branquear os Estados Nações emergentes. (Tradução da autora)

Nas palavras de Freyre,

O Brasil não se limitou a recolher da África a gama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais, que lhe amanciou as terras secas; que lhe completou a riqueza das manchas de massapé. Vieram-lhe da África “donas de casa” para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas, artífices em ferro, negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril. Comerciantes de panos e sabão, mestres, sacerdotes e tiradores de reza maometanos (FREYRE, 2003, p.391).

A formação da identidade brasileira, no decorrer do tempo, contaria, ainda, com a imigração dos italianos, alemães, asiáticos, entre tantos outros. Iniciava-se no Brasil o período comercial e de grande salto populacional. Além dos engenhos de açúcar, descobrem, também, o tão valioso café, que nestes cafezais, agora com mão-de-obra não tão escrava quanto a indígena e a africana, pois recebiam salários, embora pequenos; essas pessoas vinham para o trabalho, povos europeus que buscavam condições de vida um pouco melhores que tinham em sua terra natal. Tanto quanto os demais, os imigrantes trazem consigo uma gama cultural que se mistura aos moldes já instaurados na colônia Brasil. Nas falas de Spricigo, fica referenciada a importância dos italianos no surgimento de algumas manufaturas: “a etnia italiana é aquela citada como responsável por execução de trabalhos nas serrarias, atafonas, marcenarias, olarias, alfaiatarias, frigoríficos, etc... enfim a quase totalidade dos ofícios” (SPRICIGO, 2007, p.61).

Ribeiro (1995) demonstra os dados censitários da época colonial e os registros dos milhares de imigrantes que foram transportados e também naturalizados no Brasil, esclarecendo, assim, a composição do Brasil quanto ao contingente populacional imigratório que nosso país recebeu.

O contingente imigratório europeu integrado na população brasileira é avaliado em 5 milhões de pessoas, quatro quintas partes das quais entraram no país no último século (sobre o papel da imigração no Brasil, ver Ávila 1956; Carneiro 1950; Martins 1955; Cortes 1954; Saito 1961; Waibel 1949; Willems 1946; Laytano 1952; Diégues Jr.1964; Ianni 1966). É composto, principalmente, por 1,7 milhão de imigrantes portugueses, que se vieram juntar aos povoadores dos primeiros séculos, tornados dominantes pela multiplicação operada através do caldeamento com índios e negros. Seguem-se os italianos, com 1,6 milhão; os espanhóis, com 700 mil; os alemães, com mais de 250 mil; os japoneses, com cerca de 230 mil e outros contingentes menores, principalmente eslavos, introduzidos no Brasil, sobretudo entre 1886 e 1930. Os diversos censos nacionais registram na população presente porcentagens de estrangeiros e brasileiros naturalizados que sobem de 2,45% em 1890 a 6,16% em 1900, caindo, depois, sucessivamente, de 5,11 % em 1920, a 3,91 % em 1940, a 2,34% em 1950 e a 0,8% em 1970 (RIBEIRO, 1995, p.241 e 242).

O panorama do Brasil depois das imigrações mostra que também o português colonizador sofrera modificações culturais. Tal qual o índio, o italiano, o alemão e outros imigrantes, o português adquiria uma cultura distanciada dos primeiros colonizadores. Essa cultura agregaria diferentes hábitos alimentares, comportamentais, ritos religiosos, vestimentas e outros, resultando, a partir dessa incorporação e transformação, em uma cultura híbrida⁸.

O português no Brasil teve de mudar quase radicalmente o seu sistema de alimentação, cuja base se deslocou, com sensível déficit do trigo para a mandioca; e o seu sistema de lavoura, que as condições físicas e químicas de solo, tanto quanto as de temperatura ou de clima, não permitiram fosse o mesmo doce trabalho das terras portuguesas (FREYRE, 2003, p.76).

Esses imigrantes vieram ao Brasil trazendo seu estilo de vida que se misturou aos brasileiros, pois, em consequência do processo de conquista, já não tinha mais uma unicidade. “Os imigrantes alemães e descendentes, apesar de todos os laços culturais e afetivos que pudessem manifestar e cultivar, politicamente falando, haviam ‘queimado os navios’. Emigraram para não mais retornar” (RAMBO, in FIORI, 2003, p.78). Ou seja, a população brasileira passava a se formar.

Mediante essas considerações sobre aspectos da história da colonização e da formação do povo brasileiro, consideramos relevante retomar algumas reflexões sobre a nação que se desenhava.

Destacamos que o sentimento de nação não é instaurado no momento em que surge um país, ele é construído com bases sociais de um povo e impulsionado através de um ato, como na maioria dos países. No Brasil, a Independência, em 1822, iria, legalmente e aos poucos, promover o sentimento de “pertencimento”, o sentimento nacionalista, e considerar nossas as manifestações culturais, como por exemplo, a literatura, as artes plásticas e outras.

Sobre as artes, Sá comenta que “esse espírito nacionalista também atingiu o teatro” (2010, p.34). Entretanto, vale ressaltar que a nacionalidade brasileira nunca foi algo inato, mas sim moldada pelo contato social. Assim, ao pensarmos nos autóctones, (desde o momento de descoberta e colonização do Brasil), temos uma história de adaptação ao modelo novo de colonização, conforme Litaiff relata através da fala de um Mbyá Guarani: “Os Mbyá tiveram que se adaptar ao modelo branco, principalmente em termos econômicos, para

⁸ Posteriormente, neste estudo, retomaremos com mais especificidades o conceito de hibridismo e identidade híbrida.

sobreviverem ao violento contato com a sociedade nacional” (LITAIFF, 1996, p.151). Logo, a cultura que supostamente imperara foi a do colonizador europeu.

Conforme já mencionado, durante a colonização do Brasil e depois de sua Independência, mesmo com a ideia do branqueamento disseminada pela elite dominante, a miscigenação tornava-se irreversível, atingindo o fenótipo brasileiro e o *modus vivendi*.

Ainda que o governo passasse a financiar a vinda da população branca italiana e alemã, tendo como um dos objetivos anular a miscigenação com as etnias africana e indígena, os que aqui chegaram também iriam contribuir tanto com a miscigenação quanto com a incorporação de aspectos de sua cultura na cultura brasileira da nação que se desenhava.

Mas no que diz respeito à imigração, essas teses era bastante precisas: a imigração de brancos europeus devia realizar um papel fundamental na formação da nação brasileira – branquear - uma população predominantemente mestiça e brasileira. Assim, através da mestiçagem (ou do “caldeamento”, como preferiram), seria formada no Brasil uma raça histórica, com fenótipo branco e, no decorrer do processo seriam eliminadas as raças “inferiores” (negros, índios e seus mestiços) através da seleção natural e social (SEYFERTH, in FIORI, 2003, p.48).

Assim sendo, esse branqueamento simplesmente gerou a população mestiça que hoje temos, e não descaracterizou as diferentes culturas: houve, sim, a mistura, convivência e permanência de muitos de seus elementos.

Desde sempre a nacionalidade é identificada através do

Território, densidade demográfica, expansão de fronteiras, língua, raça, crenças religiosas, usos e costumes, folclore e belas artes foram os elementos principais do “caráter nacional”, entendido como disposição natural de um povo e sua expressão cultural (CHAUÍ, 2000, p.21).

Logo, no âmbito dessas reflexões sobre a cultura que se construía, faz-se oportuno destacar que, conforme destaca Chauí, um dos elementos formadores da nossa nacionalidade é prioritariamente a **língua**, ou seja, a forma com que nos comunicamos e que possibilita a criação da identidade de um povo. Em virtude do processo de colonização, o Brasil adotou a Língua Portuguesa como língua nacional. Sobre esse aspecto, Anderson, caracteriza a nacionalidade destacando a língua, a falada e a escrita: “[...]los estados nacionales – tienen lenguas nacionales impresas, muchas de ellas tienen estas lenguas em comum y en otras sólo una pequena fración de la población “usa' la lengua nacional em la conversación o por

escrito⁹”(ANDERSON, 1993, p.75), mas não sendo este o único modo de impor a nacionalidade e construir a nação.

Após a Independência, ainda conforme o mesmo autor, qualquer outra coisa podia estar relacionada à nação. “Debajo de la declinación de las comunidades, las lenguas e los linajes sagrados, estaba ocurriendo un cambio fundamental en los modos de aprehensión del mundo que, más cualquier otra cosa, permitía pensar a la nación¹⁰” (Idem, ibidem, p.43). Isso porque a fragilidade e a busca insensata por um ideal de país e uma unidade étnica ocasionavam mudanças na sociedade relacionadas à cultura. Segundo Fiori, “o Brasil, em suas diversas fases históricas de imigração estrangeira, que vão se estender dos tempos iniciais até por volta de 1940, viveu um período de afirmação do Estado Nacional” (FIORI, 2003, p.15).

A nação foi vista e entendida, durante os anos, de forma diferenciada. Como afirma Chauí, ao citar Hobsbawm, primeiro a nacionalidade era baseada na porção de terra, depois na cultura, e por último o Estado político, os símbolos e as marcas partidárias de um país.

De 1830 fala-se em “princípio da nacionalidade”; de 1880 a 1918, fala-se em “ideia nacional”; e de 1918 aos anos 1950-60, fala-se em “questão nacional”. Nessa periodização, a primeira etapa vincula nação e território, a segunda a articula à língua, à religião, à raça, e a terceira enfatiza a consciência nacional, definida por um conjunto de lealdades políticas. Na primeira etapa, o discurso da nacionalidade, provém da economia política liberal; na segunda, dos intelectuais pequeno-burgueses, particularmente alemães e italianos, e, na terceira, emana principalmente dos partidos políticos e do Estado (CHAUÍ, 2000, p.16).

Sobre a **identidade da nacionalidade brasileira**, pode-se afirmar que o projeto do europeu colonizar para o Brasil ficou muito longe do que realmente aconteceu. “Nós, brasileiros, nesse quadro, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado” (RIBEIRO, 1995, p.453). Dessa forma, originaram-se brasileiros, além de miscigenados, (pardos, mulatos, mamelucos, entre outros), uma população com características aventureiras e dispostas a enfrentar barreiras de dependência colonial, devido a todo processo de colonização doloroso e árduo que viveram nesses primeiros anos.

⁹ Os estados nacionais tem línguas nacionais impressas, muitas tem essa língua em comum com outras, só uma pequena fração da população usa a língua nacional na conversa e por escrito. (tradução da autora)

¹⁰ Sob o declínio das comunidades, das línguas e das linhagens sagradas, ocorre uma mudança fundamental nos modos de apreender o mundo, mas acima de tudo, permite-se pensar a nação. (tradução da autora)

En una forma muy similar, desde fines del siglo XVIII el nacionalismo há experimentado un proceso de modulación e adaptación, de acuerdo con diferentes épocas, regímenes políticos, economías y estructuras sociales. En consecuencia, la “comunidad imaginada” se há extendido a todas las sociedades contemporáneas concebibles¹¹ (ANDERSON, 1993, p.220).

De acordo com o que foi apresentado anteriormente, o Brasil não correspondeu às vontades e planos dos portugueses, pois a miscigenação de sua população proveu hábitos, costumes, ou seja, uma cultura cuja diversidade étnica traz consigo marcas do colonizador português, do espanhol, dos autóctones, africanos e imigrantes. Devido ao processo de imigração, pode-se observar a presença de diferentes culturas ao longo de todo o território brasileiro. O sentimento de nação brasileira aparece presente em manifestações culturais como o futebol, o carnaval e outras, deflagrando o ecletismo cultural que envolve seus sujeitos. Essa peculiaridade permite afirmar que o sentimento de nacionalidade brasileira é desenhado pelos vestígios das cores dos autóctones, dos colonizadores, dos imigrantes. Nesse sentido, observa-se a relevância do papel da **memória** no sentimento que permeia a nação. Sobre esse aspecto, outras considerações e reflexões serão ainda apresentadas neste estudo.

¹¹ De uma forma similar, desde o final do século XVIII, o nacionalismo tem experimentado um processo de modulação e adaptação, de acordo com diferentes épocas, regimes políticos, econômicos e estruturas sociais. Em consequência, a “comunidade imaginada” tem se estendido a todas as sociedades contemporâneas concebíveis. (tradução da autora)

3 IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL

Com o transitar dos tempos e o advento da globalização, o mais nacional do Brasil aparece nas diferenças culturais. As pessoas passaram a conhecer o que está ao seu redor através da mídia. “Os vários nacionalismos desse período contaram com a nova comunicação de massa (o rádio e o cinema) para transformar “símbolos nacionais em parte da vida cotidiana de qualquer indivíduo e, com isso, romper as divisões entre a esfera privada e local, e a esfera pública e nacional” (CHAUÍ, 2000, p.20).

De acordo com Hobsbawm,

Talvez a característica mais impressionante do fim do século XX seja a tensão entre esse processo de globalização cada vez mais acelerado e a incapacidade conjunta das instituições públicas do comportamento coletivo dos seres humanos de se acomodarem a ele. É curioso observar que o comportamento humano privado leve menos dificuldade para adaptar-se ao mundo da televisão por satélite, ao correio eletrônico, as férias nas Seychelles e ao emprego transoceânico (HOBSBAWM, 1995, p.24).

A partir da repetição televisiva ou de áudio, de propagandas que afirmam um Brasil eclético, as pessoas passam a perceber a identidade através dos aspectos híbridos e não simplesmente uma unicidade étnica. Apesar de toda desigualdade, nos reconhecemos pela mistura de etnias, de dialetos e pelas diversas marcas sociais ecléticas existentes.

Os meios de comunicação impulsionam o acesso às informações mundiais e com isso é possível ter acesso à cultura de todos os países, ocorrendo assimilações das mesmas. É através desse processo que a nacionalidade se transforma e se molda através dos recursos midiáticos, com base naquilo que é mais vivenciado; um grande exemplo disso é a moda, que é constantemente modificada de acordo com costumes estrangeiros.

A história da economia mundial desde a Revolução Industrial tem sido de acelerado progresso técnico, de contínuo mas irregular crescimento econômico e de crescente “globalização“, ou seja, de uma divisão mundial cada vez mais elaborada e complexa de trabalho; uma rede cada vez maior de fluxos e intercâmbios que ligam todas as partes da economia mundial ao sistema global (HOBSBAWM, 1995, p.92).

A nacionalidade é algo subjetivo. No caso do Brasil, existem muitas manifestações que envolvem e transmitem os valores nacionais e culturais, conforme já mencionados, o futebol e o carnaval são exemplos, na medida em que se verificam estádios de futebol lotados, e o carnaval e a música sendo consagrados em todo território e reconhecidos

internacionalmente. O reconhecimento pelo outro também é um indicador da nacionalidade. Para muitos, é diante do outro que o sentimento de nacionalidade aflora. Dessa forma, o Brasil tem uma nacionalidade baseada na mistura étnica, principalmente quando pessoas de diferentes ascendências assimilam gostos e características e formam algo novo. Uma nova comida, uma nova roupa, uma nova dança, estilo musical, devido à imigração e à abertura para uma nova cultura que conviveria mutuamente, ou seja;

Nação que toma a decisão política de abrir suas portas à imigração; tem em seu bojo uma ideia de Brasil de acordo, com a qual, em solo pátrio, as etnias originárias historicamente necessitam agora conviver com essas novas personagens que o Brasil passa a receber (FIORI, 2003, p.12).

Ao longo deste estudo procuramos reiterar o pensamento do brasileiro que reflete uma identidade cultural híbrida e, como tal, encontra-se em processo de construção e vem sendo moldada através da cultura. Conforme Geertz (1987), “A cultura, numa visão semiótica é como uma “teia de símbolos” que podem ser lidos e que formam os padrões culturais ou sistema de símbolos” (GEERTZ, 1978, p.15 apud LITAIFF, 1996, p.20). Entende-se **cultura** (do latim, cultivo, plantação, criação) como algo em movimento, não estático, que é resultado e promove multiplicidade de práticas políticas, econômicas, sociais, crenças, ideologias, dentre outros, capazes de sofrerem e adaptarem alterações com o decorrer dos tempos e nos espaços, de acordo com as interações e construções sociais que ocorrem no âmbito das relações internas e externas ao grupo. É marcada pela diversidade em todos os sentidos.

De acordo com Ortiz (2003, p.83), o surgimento de culturas híbridas provém da diluição de fronteiras. Assim, a mobilidade do visível e do invisível, do qualitativo e do quantitativo, o intercambiar de conhecimentos das comunidades, as interações, integrações e outros possibilitam o hibridismo cultural.

Logo, sem um modelo único, a ideia de pertencimento é aberta, não se fechando em si mesma. O hibridismo cultural é pontuado pelas relações de pertencimento com os demais. Ele mantém em constante dinâmica a essência da própria identidade através da negação de modelos uniformizantes, exclusivos e excludentes da diversidade, diversidade essa como essência da identidade.

3.1 O HIBRIDISMO CULTURAL

Nesta pesquisa, procuramos reiterar que a percepção da inexistência de um único modelo de organização mobilizável destaca-se na diversidade de populações e situações que se entrelaçam em práticas culturais variadas, nas crenças, no tempo, entre outros, refletindo o hibridismo cultural.

Assim, o hibridismo representa a qualidade do que provém de naturezas diferentes, no qual permanecem aspectos de suas especificidades. O ato deriva de misturas, sendo essas culturais, sociais, físicas que, na formação do Brasil, originaram-se das diversas migrações desde sua conquista ou descoberta. Sendo assim, temos diversas etnias que se chocaram e se relacionaram cotidianamente na vida dos brasileiros, pois, conforme Chauí,

Sabemos todos que somos um povo novo, formado pela mistura de três raças valorosas: os corajosos índios, os estóicos negros e os bravos e sentimentais lusitanos. Quem de nós ignora que da mestiçagem nasceu o samba, no qual se exprimem a energia índia, o ritmo negro e a melancolia portuguesa? Quem não sabe que a mestiçagem é responsável por nossa ginga, inconfundível marca dos campeões mundiais de futebol? (CHAUÍ, 2000, p.6).

Percebemos que Chauí chama a atenção para os aspectos culturais que derivam da mistura étnica dos índios com africanos e portugueses. São esses aspectos que denotam e caracterizam a hibridização cultural no Brasil. Entretanto, a história da colonização mostra que não foram somente os portugueses, mas também os italianos, alemães, asiáticos, entre outros. O ser híbrido é formado pela composição de cores, formas, gostos, que molda a transformação cultural. Esse não pode representar unicamente uma etnia, ele é definitivamente o outro, o diferente, o originário da terceira formação, trazendo consigo vestígios dos ascendentes de sua formação.

Conforme Bhabha, o ser humano passa pela fase do espelhamento, onde, na construção de sua identidade, baseia-se e adquire para si aquilo que mais lhe agrada/assemelha. A fase do espelho deriva a hibridização, pois o sujeito transforma-se com base em culturas diferentes que estão a sua volta. “O imaginário e a transformação que acontece no sujeito durante a fase formativa do espelho, quando ele assume uma imagem distinta que permite a ele postular uma série de equivalências, semelhanças, identidades, entre os objetos do mundo ao seu redor” (BHABHA, 1998, p.119).

Esse hibridismo é frequente na pós-modernidade¹². Nesse tempo vivenciam-se as fronteiras do presente, assim como relata Bhabha. Viver na fronteira quer dizer viver entre uma etnia e outra, uma busca incessante por suas características. O que é “pós” ultrapassou os limites da unicidade e se forma a partir do que está mais visível no local em que se vive.

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do "presente", para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo "pós": pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo... (BHABHA, 1998, p.19).

Nessa pós-modernidade, visível significaria ser apreciado por muitos, como no caso da moda, entre outros. A influência das mídias tornou-se determinante no contexto histórico-social e cultural. O que é veiculado pelas mídias torna-se capaz de atuar diretamente no comportamento daqueles que assistem, contemplam. A grande massa populacional é induzida e seduzida.

Com os dialetos, gostos culinários, festivos e tudo mais, as assimilações não são diferentes. Nos dias atuais, rodeado de informações variadas dos mais diversos países, das mais variadas culturas, o sujeito adquire para si o jeito de viver que mais lhe seja oportuno. Entretanto, muitos esquecem tradições legadas pelos antepassados, adaptando-se aos aspectos culturais disseminados ou ‘mais reconhecidos’. Tal situação reflete uma identidade moldável, buscando as suas identificações naquilo que lhe atrai, naquilo que é mais conhecido.

Hall define muito bem esse momento pós-moderno em que vivemos através da representação. Vive-se para representar, e não se vive aquilo que foi nos ensinado na infância ou com os quais nascemos. Ao vivenciar o mundo contemporâneo e tentar fazer parte dos

¹² “De acordo com David Harvey, na ‘Pós-modernidade há na verdade a desconcentração do poder corporativo em rápido crescimento com relação aos mercados nacionais; crescente internacionalização do capital e, em alguns casos, separação entre capital industrial e capital bancário; declínio relativo/absoluto da classe trabalhadora e da eficácia da negociação coletiva; ocorre a industrialização de países do Terceiro Mundo e desindustrialização de países centrais, que se voltam para a especialização em serviços; ocorre a fragmentação cultural e pluralismos, aliados ao solapamento das identidades tradicionais ou de classe; sentimos o declínio da dimensão da fábrica propiciado pela dispersão geográfica, pelo aumento da subcontratação e por sistema de produção global’ (HARVEY, 1998, p.165, 166). Para outros autores a pós-modernidade é reconhecida através do termo modernidade tardia: ‘O que "tardio" geralmente trans é mais um sentido de que as coisas são diferentes, que passamos por uma transformação de vida que é de algum modo decisiva, ainda que incomparável com as mudanças mais antigas da modernização e da industrialização, menos perceptíveis e menos dramáticas porém mais permanentes, precisamente por serem mais abrangentes e difusas.’ (JAMESON, op. cit., pp. 24, 25). Dentre essas muitas denominações, a pós-modernidade também é conhecida como a sociedade pós-colonial, ou seja, a sociedade decorrente do pós-guerra. De acordo com Hall, não é simplesmente uma sucessão cronológica, é também uma conjuntura histórica, pois “problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, típicos do “alto” período colonial, persistem no pós-colonial (HALL, 2003, p.56).

grupos modernos, é preciso adquirir coisas que nem mesmo compreendemos muito bem. Fazem-se coisas que nos são impostas, representamos algo que não se conhece na gênese, enfim, nós reproduzimos a representação, o ponto de vista do outro. Ou seja,

As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” veio a ser representada - como um conjunto de significados- pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade simbólica, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural (HALL, 1999, p.49).

Esses fatos acontecem porque povos híbridos buscam a inovação, buscam estar em conexão com o redor do mundo, eles se completam com o exterior. É por isso que muitas vezes pensam ter perdido sua identidade, pois ela ainda hoje é vista pautada em uma só etnia. Sendo assim, devemos concordar com Hall quando ele coloca a globalização como também responsável pela nossa formação cultural, onde;

Parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (Idem, p.87).

No aspecto da globalização, o sujeito não identifica o que é regional do que é mundial, eles se misturam. O que é global passa a ser regional muito rapidamente, e disso decorrem assimilações e adequações culturais aos moldes mundiais muito frequentemente. Em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o “global” e o “local” na transformação das identidades (Idem, p.76). Essa tensão é oriunda dos meios de comunicação que estão cada vez mais desenvolvidos e presentes na vida das pessoas, sendo estes a televisão, o rádio, a internet, que possibilitam grandes trocas de experiências e, como tal, vivencia-se a vida do outro cotidianamente.

Porém, a partir da criação de uma cultura híbrida, mas reconhecida mundialmente e respeitada, porque a mesma representa os valores culturais de países que se sobressaem, cria-se um estereótipo. Aquele sujeito que não faz parte de grupos elitizados é visto como inferior e como aquele que atrapalha o processo de construção de uma identidade realmente boa.

O estereótipo, então, como ponto primário de subjetificação no discurso colonial, tanto para o colonizado como para o colonizador, e a cena de uma fantasia e defesa

semelhantes - o desejo de uma originalidade que é de novo ameaçada pelas diferenças de raça, cor e cultura (BHABHA, 1998, p.117).

Sendo assim, nas nações que sofreram processo de colonização, como no caso do Brasil, tentou-se e tenta-se apagar as marcas culturais dessas etnias minoritárias, como a africana e indígena por representarem, para muitos, um *status* étnico **não** legitimado pelas nações dominantes. Na contramão dessa concepção, o hibridismo buscaria a junção de todas as etnias sem que as mesmas percam suas referências culturais.

Porém, a questão da etnia é totalmente social, assim como afirma Hall. Para ele, a etnia não é biológica, ela é cultural/discursiva, ou seja, forma-se a partir dos elementos sociais onde se encontra o sujeito. É passível de modificação, não é inata. O fato de o sujeito ter nascido na Alemanha e viver toda a vida no Brasil não impõem a ele seguir a cultura alemã como sua e verdadeira. A sua identidade vai ser adquirida de acordo com o meio e a sua etnia é discursiva no momento em que me identifico com as culturas diversas existentes. Enfim, “A raça¹³ é uma categoria discursiva, e não uma cultura biológica” (HALL, 1999, p.63).

Se a etnia, chamada raça por Hall, é discursiva, se ela se transforma, se nada é inato, por que existir o estereótipo cultural? Infelizmente, ainda se buscam as identificações superiores e, em sua maioria, espelham-se nas etnias elitizadas que foram os colonizadores e não os colonizados. Aqueles que sofreram ruptura, modificações, são vistos como inferiores ou sem nacionalismo. Contudo, com as grandes migrações que acontecem incessantemente, o conceito de identidade deve ser repensado e reformulado, pois não existe uma cultura única e, mesmo involuntariamente, vivencia-se tanto a cultura do colonizado quanto do colonizador. “A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (Idem, ibidem, p.39).

Biologicamente, cada um apresenta um fenótipo, o restante é cultural e exterior, e um exterior que é derivado da mistura de diversas etnias. Portanto, o desmerecimento com certas etnias torna-se totalmente ilógico, porque uma identidade completa-se por todas as formas culturais que rodeiam o ser.

O sujeito pós-moderno se reconhece, ou deveria reconhecer-se pelas diferenças e o Brasil é, desde sua formação, um povo híbrido. Desde o contato com os europeus, os indígenas sofreram adequação aos moldes exteriores. No momento dessa “intromissão” e,

concomitantemente ao repasse de sua cultura, o processo de hibridização passa a acontecer e é a partir daí que surgem novas identidades.

Nesta pesquisa procuramos demonstrar que o hibridismo cultural aparece refletido no cotidiano, porém, para muitos, ele é perceptível. E, se durante muito tempo, a elite dominante buscou por uma unicidade étnica, uma identidade brasileira tão nacional nos moldes do europeu colonizador, a história tratou de mostrar que a junção de vários imigrantes não reproduziria uma não-identidade, mas uma identidade nacional que se molda e atualiza trazendo, inclusive, aspectos legados pelos autóctones, os povos nativos.

De acordo com Vilson Farias,

A pressão foi tão forte que os nativos do litoral sentiram-se tão “humilhados e envergonhados de sua maneira de ser e de viver”, pois eram chamados de “manezinhos, mcorongos, atrasados” por cultuarem suas tradições e processos produtivos. Somou-se a esta pressão o sentimento da falta de uma origem étnico-cultural que os fizessem “filhos de um povo”, como o eram os descendentes de alemães, italianos, poloneses, já que eram conhecidos por estes simplesmente brasileiros (2000, p.108).

Conforme destacamos, os aspectos culturais, involuntariamente, foram se pautando na diversidade e temos pulsantes marcas e folguedos culturais que representam e denotam a mistura étnica dos brasileiros desde sua formação. Na cultura brasileira, o hibridismo está presente nos variados aspectos: na música, nas comidas, nas vestimentas, na arquitetura, na memória, dentre outros. Vilson Farias faz uma relação de marcas culturais/folguedos açorianos que se misturaram aos costumes indígenas e afro-brasileiros. São exemplos deles

Os ternos de reis, cantorias do divino, as festas do Espírito Santo, a malhação de Judas, os engenhos de farinha, as olarias, os teares manuais, a chapelaria, a pesca em baleeiras, a cobertura d'alma, o pão-por-Deus, as lendas das bruxas e lobisomens estão incorporadas em diversas comunidades litorâneas onde parte de seus habitantes, a par de descendentes de outras culturas, praticam estes valores com a mesma intensidade que os descendentes luso-açorianos (FARIAS, Vilson, 2000, p.99).

Os costumes açorianos, na cultura brasileira, embora adaptados, aparecem presentes, principalmente no litoral. O povo brasileiro aprende e repassa tais técnicas como se fossem suas desde o princípio. Torna-se difícil identificar somente os costumes dos açorianos com características idênticas às de sua origem. Entretanto, percebemos muito de seus vestígios e características nos costumes dos brasileiros. As lendas, principalmente, fazem

¹³ Neste estudo optou-se pelo substantivo “etnia”, entretanto, colocamos o substantivo “raça” por constar na citação da obra mencionada.

parte do folclore brasileiro, algo tão brasileiro que é recontado e refeito adequando-os às nossas terras e aos nossos feitos. Vilson Farias declara que as mais diversas lendas foram modificadas de acordo com a oralidade de cada um, de acordo com o imaginário e o ambiente em que vivem.

Essas lendas, apesar de terem sua origem portuguesa, com o tempo, foram adquirindo peculiaridades de outras narrativas, reiterando o aspecto híbrido da cultura brasileira.

Algumas destas lendas vieram dos Açores, verdadeiras sobrevivências da Idade Média. Outras foram incorporadas da população indígena da região. Outras ainda foram surgindo com o passar do tempo, resultando do imaginário do homem litorâneo em suas relações com o meio ambiente. O povo litorâneo acredita que possam existir muitos fatos sobre o assunto, passados de geração em geração, que ainda são comentados nos dias atuais. As pessoas mais antigas acreditavam em bruxaria, e há quem acredite ainda hoje (FARIAS, Vilson, 2000, p.490).

No contato oral com nossos avós, muitos deles ainda sabem contar pelo menos uma lenda, ou já ouviram alguma delas através de pessoas de seu convívio. E aqueles que a repassam, realmente acreditam fielmente em tal conto, isso porque elas duram por tempos e tempos, e são recontadas pelas mais diversas gerações.

Enfim, o hibridismo faz parte de nossa cultura brasileira. Na música temos a influência do gingado afro com a religiosidade açoriana. Temos o sabor português nas comidas italianas e alemãs, e vice-versa. Temperos que se misturam e transformam a originalidade refazendo esse novo gosto.

Os vestuários são compostos também com o que vem do exterior. Nas casas, a presença do asiático com o português é comum, permeado de histórico afro. E na religião, ainda mais presente se fazem as questões híbridas. O sincretismo religioso permite que o candomblé se misture aos ritos católicos e também apresente certa afinidade com cultos espíritas, jesuítas, hindus, dentre outros.

Ou seja, em quase tudo, em cada pedaço de terra brasileira, percebemos as diversas influências. Basta lembrarmos pequenas cidades que se formam a partir da imigração alemã, italiana, até mesmo dos que foram imigrados forçosamente, muito presentes no Estado de Santa Catarina. Ao focalizarmos as primeiras etnias que aqui chegaram, observamos que as cidades refletem semelhanças com aquelas de onde vieram seus antepassados. No entanto, não se pode afirmar que são 'puramente' italianas, alemãs ou outra nacionalidade. Embora muitos se empenhassem na recuperação e preservação da cultura de seus ascendentes, o

ambiente, o clima, o lugar e o tempo não são mais os mesmos. Há toda uma história permeada de contatos, trocas e assimilações que permitem tanto avaliar os vestígios bem demarcados da cultura do imigrante, como as interferências e adaptações de outras. Uma cultura se transforma e se recria a partir da inserção de outras e, nessa troca, acontecem esquecimentos e adequações, assim como exemplifica Vilson Farias.

Nos municípios que sofreram forte presença de outros valores culturais nos últimos anos houve transformações, esquecimentos intencionais de muitos valores básicos da cultura, tanto por vergonha como por se tornarem tais práticas antieconômicas (são exemplos: produção artesanal da farinha, açúcar, cachaça, tipitita, balaios de taquara, esteiras, etc...) (FARIAS, Vilson, 2000, p.102).

Para Hall, o fenômeno de vivenciar a cultura de sua ascendência em locais distintos dá origem à Tradução Cultural. Mesmo que consigam vivenciar diversas marcas culturais do seu povo ascendente, esses não têm o desejo de viver no país de origem dos primeiros imigrantes, eles adequaram o seu modo de viver, houve uma reformulação, uma tradução propriamente dita. Essa tradução deriva do hibridismo cultural que, depois de incorporados os mais diversos valores étnicos em suas vivências, não podem exclusivamente vivenciar uma única etnia. Essas são as pessoas fronteiriças, que vivem o seu passado, o passado do outro e viverão tudo aquilo que vier no seu futuro, adquirindo e moldando a sua vida com base no exterior social.

Pois há uma outra possibilidade: a da Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. [...] A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias casas. As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural perdida ou de absolutismo étnico (HALL, 1999, pp. 88,89).

Entretanto, ainda vale dizer que todos nós vivemos uma tradução cultural. Pois mesmo que estejamos em nosso país de origem, também traduzimos nossa cultura, nunca teremos uma unicidade nos aspectos culturais, porque vivenciamos tudo ao nosso redor.

Para concluirmos, pensa-se que a razão de muitas pessoas não se sentirem pertencentes a uma cultura híbrida ou de pensar sua brasilidade sem identidade, deve-se ao fato de que o hibridismo ainda é uma percepção recente nas pesquisas. No momento em que houver o devido incentivo e socialização das pesquisas em torno das questões culturais

híbridas, provavelmente a identidade brasileira passa a ganhar uma nova roupagem, um novo pensar, pois como tal,

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético, ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p.27).

Afinal, a diversidade/diferença cultural pode, inclusive, emergir como um sistema de articulação e intercâmbio de signos culturais que, por sua vez, refletem formas de vida diferenciadas que se completam no cotidiano social e se formam na hibridez da tradução cultural. O contato com outras formas de vida possibilita, portanto, as trocas de experiências e, com isso, a formação dessa terceira identidade híbrida.

Destacamos que o pertencimento cultural acontece através da sensibilização e entendimento sobre o sincretismo religioso e ecletismo cultural brasileiro como sendo algo nosso, feito no Brasil. Sendo assim, poderemos desenhar nossa nacionalidade e identidade brasileira através do reconhecimento dos aspectos culturais híbridos, e ainda consideramos a relevância da memória, que reflete nos aspectos de identificação e reconhecimento de nossa nacionalidade híbrida.

4 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

Neste estudo, após abordarmos algumas reflexões que teorizam, dentre outras, a nação, a identidade e o hibridismo cultural, entendemos ser oportuno também pontuarmos algumas considerações sobre a **memória** e a **história oral**, na medida em que também servem de escopo teórico para avaliar o contexto da pesquisa e cumprir com o objetivo proposto.

Inicialmente, destacamos que a memorização implica em diversos fatores, tais como discernimento, clareza, vivências, objetividade, senso crítico, boa saúde, entre outros. O fato de memorizar, além de todos os fatores é ainda particular, isso porque adquire para si aquilo que lhe é mais conveniente e adequado ou, ainda, o que mais se assemelha com as personalidades e gostos próprios. “Memória, imaginação e representação são bases que sustentam qualquer narrativa sobre o passado e o presente” (MEYE, 2002, p.53). Não basta ter vivenciado um ato, para recontar é preciso saber reproduzir.

Ao ver e vivenciar atos cotidianos, as informações e imagens processadas no cérebro são armazenados. As lembranças giram em torno de nossas ações presentes, elas refletem o que foi vivenciado através de nossos gostos, ou seja, registro as ações que se destacaram na vida. Alfredo Bosi chama essa lembrança de memória-hábito, pois reproduzimos coisas que foram assemelhadas às nossas características sociais. Destacam-se, também, as lembranças de coisas que passaram despercebidas ou que não queremos que sejam lembradas, e Bosi as chama de lembranças isoladas. Para o autor, os dois tipos de memória permeiam o pensamento humano acerca de suas vivências.

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado (BOSI, Alfredo, 1994, p.37).

Guarda-se para si aquilo que possui importância, seja pessoal, social, ou que possa ser compartilhada. Relembramos com mais firmeza aquilo que nos chamou atenção ou nos identificamos, o restante não interfere na vida presente, serve apenas como lembrança singular, sem muita utilidade. Essas lembranças revivem no instante em que instigamos o seu ressurgimento, em muitas vezes, elas adormecem até serem refeitas em nossa narrativa. Para Alfredo Bosi (1994), lembrar um ato é uma reconstrução através de uma teia de símbolos, que

se completam na memória. “O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (Idem, p.55).

Sendo assim, precisamos cada vez mais impulsionar a lembrança para que ela não se torne em vão, e detalhes da narrativa desapareceram com o decorrer dos anos. É por esse motivo que os símbolos históricos merecem valorizações e consequentes preservações. Citam-se aí os diversos patrimônios existentes, que são, muitas vezes, esquecidos e desvalorizados, porque não tem o devido incentivo perante sua importância social e identitária. Os patrimônios históricos devem sensibilizar o ser humano, devem chamar a atenção do sujeito que o presencia, pois a sensibilização faz com que a identificação aconteça e, consequente a isso, a memorização. E, a partir de tal memorização, se armazenada, será processada e reproduzida a outros, de acordo com as possibilidades e situações que convêm. Depois de reproduzida/socializada, ela se torna cada vez mais importante e constituinte de nossa própria identificação cultural.

Meye esclarece a construção identitária a partir da memória quando ele afirma que esta não se resgata, porque ela não é objeto; mas sim se constrói, a partir dos vários elementos humanos que rodeiam as lembranças e simbologias históricas. “Uma das expressões mais comuns de quem se refere às narrativas sobre o passado é “resgate da memória”. A rigor, não existe resgate da memória, até porque memória não é uma coisa ou um objeto concreto, por isso resgatável” (MEYE, 2002, p.50). Ou seja, a memória, é realmente uma das grandes heranças que devemos preservar no ser humano.

Para Kreutz,

A memória cultural apresenta-se sob duas modalidades. De um lado, existe potencialmente como arquivo, como horizonte total de textos, imagens, padrões de comportamento, acumulados no decorrer da história. De outro lado, a cada época específica só é ativada aquela parte mais diretamente relacionada às condições momentâneas (KREUTZ, in FIORI, 2003, p.200).

Portanto, a memória não nos serve apenas como comprovação e formação histórica, mas também destaca aquilo que é conveniente no presente em que se vive. Enfim, a lembrança é realmente, um ato totalmente particular.

Sabe-se, então, que o ser humano memoriza desde gestos, sinais, acontecimentos, experiências, até aquilo que o nosso subconsciente consegue resgatar. Às vezes, nosso cérebro não dá conta de perceber tudo ao nosso redor, mas o subconsciente o armazena e utilizará

assim que surgir o momento adequado, no instante em que será destacado algo que lembre os detalhes dessa memorização. A memória não reserva somente ao ato intrínseco em si, sem interstícios. Guarda-se muito além do principal de um ato, guardam-se sentimentos, medos, sensações particulares.

As entrevistas de história oral também permitem explorar aspectos da experiência histórica que raramente são registrados, tais como relações pessoais, vida doméstica e a natureza de organizações clandestinas. Elas oferecem uma rica evidência sobre os verdadeiros significados subjetivos, ou pessoais, de eventos passados: qual a sensação de casar-se, de estar na linha de fogo, de enfrentar a morte em um campo de concentração (THOMSON, in FERREIRA, 2000, p.51).

Além dessas memórias que constroem a história ou um fato, existe também a memória daquilo que não se quer lembrar, daquilo que se tenta apagar, mas, que de acordo com as instigações e sensibilizações, tais memórias ressurgem causando nostalgia e ressentimentos. São exemplos de momentos vividos sobre preconceitos, escravidão e guerras. Pollack afirma que essas pessoas são vítimas de um momento e preferem não falar para ter uma consciência tranquila.

E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança "comprometedora", preferem, elas também, guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar? (POLLACK, 1989, p.6).

Isso decorre do tão extenso tempo em que muitas dessas minorias não podiam falar, porque somente a versão elitizada dos poderes valia para representar. Sendo assim, a partir do incentivo à memória dos silenciados estamos enfatizando uma nova versão histórica, um ponto de vista daquele que não tinha intenção de engrandecer um ato, simplesmente esse ato fez parte de sua vida e, conseqüentemente, chamou a atenção ou, até mesmo, fez parte de sua vida, servindo assim para guardar na lembrança. "Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional" (POLLACK, 1989, p. 4).

Quando damos espaço aos que, para muitos, são invisíveis, marginalizados, esquecidos pela história oficial, podemos capturar muitos elementos importantes e, também, contribuir para a construção histórica plena, e não algo pronto e acabado. Vivencia-se a história do passado e faz-se história no presente. Ao reconhecermos a importância de tais

vozes, reconhecemos, também, que a história é um ciclo, e o que está considerado acabado em livros didáticos não é a única e verdadeira realidade histórica.

Enquanto o narrador estiver fazendo parte da história presente na memória, tal lembrança se torna cada vez mais tangente e a ânsia por repartir tais experiências se torna cada vez mais fervorosa. Ou seja, os atos que entornam suas vidas têm mais sentido de serem relatados, se na narração, formos os atores principais dessa encenação, se a cena estiver vinculada a minha vida particular. Dessa forma, ela pode ser refeita, floreada e lembrada com mais ênfase. Os atos, mesmo aqueles que não estão diretamente ligados às vivências particulares, tornam-se mais relevantes na medida em que se aproximam das ações cotidianas daquele que vai relatar.

Sendo assim, pelo fato de ser tão particular, o narrador precisa saber para que a sua fala contribuirá; mesmo sem o tácito conhecimento histórico, ele necessita entender a sua importância, assim como afirma Meye: “Vale lembrar que com as entrevistas criam-se expectativas que precisam ter termos finais. Quem deu um depoimento quer e deve sempre saber dos resultados” (2002, p.123).

Essa construção da memória através da fala denominado **história oral** permite capturar mais detalhes de um fato. Essa aproximação que o vivente/narrador faz com o tal possibilita uma ínfima riqueza de detalhes sobre a história, que os escritos estão impossibilitados de descrever.

Atualmente, a história oral já vem sendo reconhecida pelo meio acadêmico universitário. Porém, durante muito tempo, a única versão histórica realmente reconhecida pela ciência foi aquela escrita. Joutard lembra a importância e relevância da narrativa oral nos mais diversos grupos sociais, desde autobiografias, interesses políticos, informativos, de memória, até à universidade e à pesquisa científica.

Há as instituições locais, os grupos religiosos, étnicos, ideológicos, as empresas que buscam coligar sua memória oral para reforçar sua identidade, os pedagogos preocupados em iniciar seus alunos na história, os jornalistas tentando fazer compreender tal ou qual realidade social ou evento, os arquivistas e curadores de museus interessados em completar seus acervos de arquivos - ou que receberam uma encomenda pública - e, finalmente, o mundo universitário e acadêmico, que coloca um problema histórico a ser resolvido e procura a resposta nas fontes orais - isoladamente ou, no mais das vezes, em conjunto com outros documentos (JOUTARD, in FERREIRA, 2000, p.37).

A supremacia do relato oral está em perceber e declarar informações que a escrita da história não deu conta de repassar. A pessoa que vivencia o momento histórico que está

sendo narrado possui informações que passam despercebidas pelos olhos daqueles que querem apenas registrar, seja por motivo de lucro ou não. Ao vivenciar, conhecer e ser instigado a falar sobre o assunto histórico, o narrador da história oral se sente importante e capaz de fornecer informações que só ele sabe. Ele se coloca na cena, se transporta para o imaginário e de lá detêm os mais valiosos detalhes. Enfim, “a história joga luzes nas lembranças objetivadas em documentos. A história oral busca excitar o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções” (MEYE, 2002, p. 66). Portanto, “a necessidade da história oral se fundamenta no direito de participação social, e nesse sentido está ligada ao direito da cidadania” (Idem, ibidem, p. 20). A construção nacional e cidadã perpassa a participação pessoal que devemos ter para a formação de nossa própria história.

O narrador possui o olhar exterior e interior ao mesmo tempo. Ele é exterior no momento em que estava vivenciando, mas não fazia diferença social no ato histórico. Mas ele é interior e importante no momento da narração, no ato de contar suas experiências. Desta forma, ele se sente pertencente e fugaz com as suas lembranças.

Em sua maioria, pessoas em idade mais avançada são aqueles que mais possuem essa vastidão no olhar, pois vivenciaram momentos marcantes e estes realmente valorizavam os feitos sociais, preocupavam-se com o bem-estar cidadão e gostavam de fazer parte da vida sócio cidadã. Bosi dá todo o crédito psicológico da memorização às pessoas idosas, afirmando que as suas experiências sociais são vastíssimas, relacionadas às nossas, dos dias atuais, onde cada um vive a sua vida, e deixa o tempo e o mundo passar ao seu lado, sem interferências.

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis (BOSI, Alfredo, 1994, p.60).

Na maioria das entrevistas feitas, principalmente com idosos, as conversas são recheadas de sentimentalismos e isso vem demonstrar o quanto o ato narrado é particular e importante e que, obviamente, merece respeito. Isso porque, durante muito tempo, estava somente guardado na memória, e com essa narração um pouco do narrador se transporta para a história, ele dá como contribuição um pouco da sua vida para a construção histórica.

Nos dias de hoje, as pequenas coisas já não têm mais tanta importância como tinham antigamente para nossos avós. Os atrativos de entretenimento, atualmente, são vastíssimos, e é por esse motivo que uma cantiga de roda, um brinquedo inventado não tem

mais a magia que tinha na época antiga. Alfredo Bosi lembra: “Hoje fala-se tanto em criatividade... mas onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e as danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza” (1994, p.83). Realmente nos surpreendem pelo brilho que possuem nos olhos de poderem vivenciar um momento que, para ele, foi de extrema magia.

Hoje, já não se têm mais importância em relatar o passado, ele sempre parece igual, sem perspectivas. “Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da técnica desorienta” (BOSI, Alfredo, 1994, p.84). Atualmente, vive-se somente a sua vida, não a compartilhando oralmente. Os atos são mostrados através de redes sociais na internet e, com isso, a arte do contar e da conversa vai perdendo o sentido e o jeito bonito de ser.

É por esses motivos que a análise e coleta das informações de um relato devem ser bem trabalhadas. Porque são experiências particulares que servem para a construção histórica humana de todos. É necessário que

O memorialista se contenta em escutar, recolher fielmente, sem jamais intervir nem tomar a mínima distância; seu silêncio vale aprovação, para não dizer adesão. O historiador não deixa de ouvir e recolher, mas sabe que deve se distanciar, que a simpatia necessária, virtude cardinal do bom entrevistador, não deve cegá-lo nem privá-lo da lucidez (JOUTARD, in FERREIRA, 2000, p.43).

Uma distância entre narrador e memorialista deve ser mantida, apesar desta ser uma fase em que pouco se distancia, na maioria dos casos, há intromissões e direcionamentos acerca do fato, a fim de garantir a fidedignidade da fala do narrador e de sua experiência para que a mesma não se torne uma construção daquele que a coletou.

Sendo assim, torna-se também necessário que o historiador-coletor entenda as diferenças culturais do seu local de entrevistas. Há discordâncias sociais que nem mesmo conseguimos perceber se não tivermos o contato com as pessoas das mais diversas etnias. Pensa-se num ideal humano, numa completude e unicidade perante um ato. Porém, nas entrevistas, percebem-se as discrepâncias na fala que devem ser entendidas e respeitadas por aquele que coleta. Afinal, cultura é diversidade e construção histórica é cultura.

É igualmente necessário que o historiador oral esteja atento às nuances culturais quando realiza entrevistas dentro de sua própria sociedade, que dificilmente será culturalmente homogênea. Os entrevistadores precisam ter sensibilidade para com os padrões de relacionamento e comunicação de subculturas definidas por gênero,

classe, raça e etnia, região, sexualidade, deficiências e idade (THOMSON in FERREIRA, 2000, p.50).

Resumindo, a função do memorialista-coletor é um unir e encaixar de peças que moldam toda a teia histórica. Juntam-se história e perspectiva do falante com a arte de entender e relacionar fatos do historiador. “Uma interação imanente é combinada com o conflito cultural entre entrevistador e narrador. A tensão torna-se visível através da análise das transcrições que expressam sentimentos e histórias pessoais ao mesmo tempo em que revelam maneiras de representar” (LEYDESDORFF in FERREIRA, 2000, p.78). Portanto, o narrador e o memorialista estão presentes e se chocam nessa construção histórica a partir do relato, pois o fato pode ser desviado de sua função, se não entendido claramente pelo memorialista, ou houve um choque cultural que atrapalhe a sensatez de recriar um fato.

O historiador precisa deixar seus anseios e vivências e se tornar neutro perante o entrevistado, pois a importância do escravizado (por exemplo, no Brasil colonial), a partir do relato, é a mesma que a do colonizador. Ambos vivenciaram o ato, porém, existem pontos de vista diferenciados e é função do historiador discernir e refazer o ato com maior clareza e respeito possíveis.

Esses são os casos das vozes dos escravizados, dos perseguidos, dos marginalizados, que possuem cultura, tem sua história e vivenciaram os mesmos momentos que a elite vivenciou. Porém sua história foi deixada de lado, sua cultura foi desfavorecida, e ainda mais esquecida foi a sua opinião. Como se seus olhos e ouvidos não captassem a mesma informação (SCWARZSTEIN in FERREIRA, 2000, p.100).

A partir dessas conceituações entende-se que não existe uma vertente histórica, e muito menos uma única voz acerca de um fato, pois o passado tem diversas significações que são refeitas no presente a partir dos diversos olhares.

Finalmente, creio que não existe uma única voz; existem muitas vozes latino-americanas da história e da história oral e essas vozes são nossos temas, nossas perguntas, nossos atores, nossas culturas, nossas identidades e, creio ainda, estamos comprometidos com o desafio de encontrar novos modos de enfocar o passado para recuperar seus múltiplos significados e, assim, participar ativamente no processo social da construção da memória (Idem, ibidem, 2000, p.103).

Muitas informações culturais não foram resgatadas na oralidade, sendo assim têm-se histórias adormecidas nos registros e, quantas vezes, tencionadas a serem esquecidas, bem como interligadas àquelas elitizadas e escritas no transcorrer da história. Sendo assim, “a identidade, portanto, é um fator original redefinido mediante uma herança cultural submetida a situações desafiadoras” (MEYE, 2002, p.73).

O povo brasileiro é aquele que monopolizou e também o que foi monopolizado. É aquele que escravizou e que foi escravizado. Porque somente a versão da elite prevalece e é entendida como a verdadeira? E as histórias regionais, que só tem como fonte a oralidade? Estas não fazem parte da história? Se milhares de povos ainda têm muito a acrescentar na nossa história, se muitos fatos ainda nos causam dúvidas, a história oral se torna de extrema importância para o entendimento do passado para as populações vindouras. “Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas. Como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLACK, 1989, p.3).

As informações registradas através da história oral devem ser elaboradas para servirem no entendimento da nossa história, e essas histórias, por serem tão particulares, tão verdadeiras, tão sentimentais, provavelmente causarão mais efeitos de sensibilização e consequente preservação nas pessoas que tiverem acesso a esses registros.

4.1 LITERATURA E CINEMA: SOBRE A ARTE DE NARRAR

Ao abordarmos a importância da memória e da história oral, entendemos ser relevante destacar também a da teoria da literatura e da narrativa. Para fazer uma narração é necessário imaginação, criatividade, memória, dentre outros fatores. Não basta simplesmente ter vivenciado o momento. “A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma” (BOSI, Alfredo, 1994, p.88).

Ao reproduzir o ato são necessárias exemplificações que o simples fato de contar por contar não satisfaz. Benjamin afirma que a arte de narrar está em extinção e temos que concordar, pois somente os mais velhos conseguem transpor com clareza seus feitos, os mais jovens consideram desnecessário. “Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa instância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (BENJAMIN, 1986, p.197).

Falar sobre determinada coisa tem sentido quando o ouvinte dá sentido a tal coisa. Portanto, surgem os detalhes que somente a narração/história oral é capaz de resgatar. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (Idem, *ibidem*, p. 201). Ou seja, é uma junção de ideias que moldam a narração.

Vale destacar que estamos dissertando sobre narrativas orais, históricas e não narrativas romantizadas, mitológicas, fictícias, literárias, entre outras. Nas versões narrativas não orais possui-se uma intenção de projeção ao belo, ao estilo e, muitas vezes, de informação, cria-se intencionalmente para um fim, assim como destaca Coelho:

Na linguagem literária há também a intenção informativa e na científica pode existir uma série de elementos de intenção estilística. Porém de maneira geral a distinção entre texto literário e não-literário (=linguagem científica, cotidiana, técnica), classifica-se como linguagem referencial toda mensagem verbal não-literária que vise a uma simples transmissão de informação; e como linguagem literária toda aquela que surja como intenção estilística. É a intencionalidade do texto, e não o seu objeto, o que permite classificarmos sua linguagem como literária ou não. O seu valor intrínseco, obviamente, vai depender da maior criatividade de seu autor (COELHO, 1987, p.14).

Ao narrar, o falante deve ter uma boa memória para lembrar aquilo que foi vivenciado e, para que isso aconteça, pode utilizar de objetos que demarquem suas intenções ao falar, ou usar de escritos, notícias que comprovem sua fala. Isso reforça ainda mais o seu potencial de memória acerca do fato.

O narrador, normalmente, relata aquilo que viu/ouviu, mas, grande parte das vezes, aumenta o fato para dar credibilidade ou aproxima os tais fatos de sua vida. Através da linguagem, ele tem a possibilidade de modificar o ato de acordo com o que lhe for conveniente, portanto, deve-se ter atenção nesses aspectos, pois se acredita que “o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual” (BOSI, Alfredo, 1994, p.56).

Ele pode registrar gestos e os momentos de nostalgia, pois tais dados servem como interstício para a análise. Benjamin exemplifica os interstícios de uma narrativa com a mão: ele a utiliza para apontar, gesticular e refazer seu conto. “Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito” (BENJAMIN, 1986, p.221).

Além dos gestos, têm-se também os registros escritos, fatos, notícias, mapas que servem para fidedignidade à narração, tanto no nível do entrevistador quanto do narrador. Ao demonstrar tais elementos, estes servem para completar aquilo que está sendo narrado. O narrador terá mais firmeza e boa lembrança utilizando-se de instrumentos que o auxiliem na contação. E para o entrevistador serve como exemplo de comparação e comprovação. Ele pode confirmar ou negar a fala do narrador de acordo com os subsídios concedidos.

Neste estudo o foco maior é a arte de narrar a partir da teoria da literatura, entretanto, entendemos ser relevante também apresentarmos alguns aspectos da narrativa cinematográfica. Cabe destacar que, em relação a outras artes como, por exemplo, a música e a literatura, o cinema é considerado uma arte ainda recente, neste sentido, muito se tem por investigá-lo.

Inicialmente, ressaltamos que, no filme, a narração está diretamente relacionada à imagem. Além desta, existem elementos considerados importantes, como o som, as personagens, a iluminação, cenografia, a cor, a angulação, o enquadramento, dentre outros, na composição de sua narrativa. Esta acontece a partir de um roteiro padrão, no qual já aparecem pontuados, em suas situações, momentos de tensão e relaxamento. Tais momentos são sinalizados com intuito de envolver o espectador, retirando possíveis lacunas ocasionadas pelos cortes da edição, passando a ele a ideia de tempo “real” na história do filme.

De acordo com Burch, ao “notar que essa conquista, ou melhor, esse banimento do acaso, caminhou junto com a progressiva entronização da noção de grau zero do estilo cinematográfico, que visava [a] tornar a técnica invisível e eliminar quaisquer ‘falhas’ devidas às interferências do acaso” (2006, p. 136).

Logo, entende-se que os fatos da história colocados em cena não precisam ser verdadeiros, porém, precisam estar em consonância, isto é, parecer “reais” com a diegese da obra. A diegese é o conjunto de ações no espaço e tempo em que ocorre a narrativa. Trata-se da realidade ficcional. Em um filme a diegese¹⁴ é a realidade própria da narrativa, ou seja, do mundo ficcional colocado em cena, distinguindo-se da realidade de quem o assiste.

Observa-se, ainda, que o texto, a imagem e o som devem se complementar para que a narrativa aconteça de forma precisa e que a narração (fala das personagens) ocorre em primeira pessoa (intradiegético) ou em terceira pessoa (extradiegético).

¹⁴ Convém destacar que tanto o tempo como o espaço diegéticos referem-se ao tempo e ao espaço que existem dentro da história colocada na tela, contemplando as particularidades, limites e coerências determinadas pelo diretor-autor.

Ainda conforme aponta Genette, (1972, p.243) há vários tipos de narrador mediante ao seu lugar na diegese. O narrador, de acordo com a sua posição na diegese, e não no enredo, pode ser homodiegético, trata-se de uma personagem da história; heterodiegético, quando não participa da história; e autodiegético é o que narra as suas próprias experiências como personagem central dessa história.

Em alguns filmes percebe-se que a narrativa se desenvolve seguindo um começo, meio e fim bem-definidos, o que permite uma boa visão, uma linearidade dos acontecimentos colocados na tela. Este tempo é denominado de tempo cronológico.

Em outros, a sequência dos acontecimentos aparece subvertida, ou seja, o tempo destes não segue ao tempo da cronologia apresentado pela história, não é desenvolvido numa linha ascendente, ocorrendo digressões, flash backs. Este tempo é denominado de tempo psicológico.

Entendemos que a linha narrativa de um filme baseia-se na construção do olhar de alguém sobre algo, e que o repertório cultural, imagético e cinematográfico do realizador é um fator determinante no caminho em que uma obra irá seguir. Essa construção decorre da decupagem. Martin (2003, p. 75) define a decupagem como a composição da imagem cinematográfica proveniente de uma decantação, simultânea, da narrativa em partes menores para uma posterior composição do real fílmico.

No âmbito dessas reflexões observamos que a história em uma obra cinematográfica, no filme, resultante da composição dos elementos e dos processos de construção da narrativa, possui a capacidade de ampliar o real, ou da ficção lançar luzes sobre o real imaginado ou vivenciado.

Concluindo, em uma narrativa fílmica é importante ao espectador compreender que a história contada e a sucessão de suas imagens suprimem o tempo real através de suas cenas e sequências.

4.2 METODOLOGIA

O presente estudo, do ponto de vista de seus objetivos, apropria-se dos pressupostos da pesquisa descritiva, na medida em que procura descrever as características do

contexto identidade, cultura híbrida e memória numa comunidade de características identitárias diversificadas. Do ponto de vista da abordagem, a pesquisa realizada configura-se como qualitativa, pois visa a analisar o aparecimento de uma identidade cultural híbrida nas narrativas obtidas pelas entrevistas com moradores do município de Sangão – SC e as contribuições do resgate histórico através da oralidade, tema abordado no filme *Narradores de Javé*. Este atua como exemplificação no âmbito da análise quanto à importância e rumos que uma história toma ao ser narrada, bem como os procedimentos da entrevista oral na construção de um enredo.

Em especial, a presente pesquisa envolve diretamente a relação entre conteúdo abordado e os métodos/práticas a serem desenvolvidas. Conforme Demo (2003, p.34), a pesquisa de cunho qualitativo, utilizando como abordagem metodológica o estudo de caso, caracteriza-se por uma investigação profunda e exaustiva de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. Pode se assemelhar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular.

A opção pela pesquisa qualitativa deu-se pelo fato da mesma manter o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. Cabe destacar que não foram fixadas regras, procurando compreender aspectos sociais e subjetivos, envolvendo sentimentos, valores e conceitos pessoais. Para Carlim (1998, p. 67), “A pesquisa qualitativa traz entusiasmo uma vez que evidencia a perspectiva de um refinamento metodológico, em que são consideradas as manifestações ou expressões humanas e sociais antes inacessíveis para o estudo”. O estudo qualitativo, assim, é aquele que se desenvolve numa situação “natural”, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

4.2.1 O local e os participantes do estudo

Na concepção de Rauen (2002), a população alvo indica o conjunto de indivíduos que possuam pelo menos uma característica comum definida pela investigação, sendo assim,

os envolvidos no estudo, além de se tornarem parte do processo de investigação, contribuem para a compreensão dos resultados da pesquisa e são agentes ativos em todo processo.

A escolha do local para este trabalho de pesquisa foi o município de Sangão-SC, basicamente o bairro de Morro Grande. Esse município está localizado entre as cidades de Jaguaruna e Criciúma e possui 10.362 habitantes, conforme dados oficiais da Prefeitura Municipal de Sangão¹⁵.

O município foi criado em 02 de março de 1934, com o nome de 24 de Outubro, de acordo com o decreto estadual nº 531, ficando desmembrado da sede de Jaguaruna. Até essa data, Sangão era distrito de Jaguaruna e só depois em 02 de abril de 1934 sua sede foi elevada à categoria de Vila pela lei estadual nº 86, de 31 de março de 1938, quando então passou a denominar-se distrito de Sangão. (VIEIRA, 2007, p.25). Porém Sangão possuía um pólo comercial favorável para tornar-se município, assim à comunidade se mobilizou para desmembrar-se de Jaguaruna através do voto.

Em 15 de março de 1992, foi realizado o plebiscito pró-emancipação onde grande parte da população compareceu às urnas quando Sangão foi finalmente desmembrado de Jaguaruna e de acordo com a lei nº 8552 de 30 de março de 1992, foi elevado à categoria de município sendo assinada pelo excelentíssimo Senhor Governador do Estado de Santa Catarina Vilson Pedro Kleinubing (VIEIRA, 2007, p. 26). O município de Sangão faz parte da microrregião de Tubarão e pertence à Associação dos Municípios de Laguna (AMUREL)

Conforme o Censo de 2007 a população atual do Sangão é de 10.362 (dez mil, trezentos e sessenta e dois) habitantes; caracteriza-se etnicamente por descendentes de imigrantes italianos, portugueses, africanos e alemães. As três primeiras formaram o núcleo tradicional de Sangão enquanto que a última é formada por imigrantes de comunidades vizinhas.

Referindo-se à ascendência vemos uma grande mescla presente no município sendo povos italianos, portugueses, alemães. E ainda, há grande presença de afros na localidade, sendo este o histórico mais tangente na região. Sobre a chegada desses moradores de ascendências africanas e a sua instalação na comunidade, tem-se atrelado as influências da família Batista. Hipólito Guimarães Batista, conforme os entrevistados de nossa pesquisa, foi o fundador do bairro Morro Grande, e seu filho Leonel Batista, trouxe para trabalhar em seus engenhos e comércio uma grande leva de pessoas com ascendências africanas. Essas mesmas,

¹⁵ Os dados foram fornecidos em 08/03/2012.

contam histórias diversas sobre esse convívio tal como martírios, massacres, mortes entre outros. Inclusive, tenciona-se ter existido na localidade um quilombo.

A partir de entrevistas orais com moradores da baixadinha, local específico, um pouco afastado do centro, onde possivelmente seria o quilombo e onde reside a maioria dos negros da região atualmente, a pesquisadora Rosiane Prudêncio (2007) conclui que não existiu quilombo no bairro Morro Grande, simplesmente porque no momento em que se instaurou tais moradias já havia acontecido a abolição da escravatura, porém, todos os requisitos para que houvesse propriamente um quilombo, foram comprovados na oralidade, tais como: era um local afastado onde os afros se escondiam, tinham palmeiras para construir suas casas, elaboravam danças, rituais, músicas, e religião específicas que caracterizavam tal povo. Ou seja, o quilombo como estrutura reconhecida não houve, mas as sensações de rebeliões, local de encontro, e o sentimento quilombola sim.

Sobre indagações a respeito da identidade híbrida dos moradores de Morro Grande, para a nossa pesquisa foram escolhidos 5 moradores com idade superior a 60 anos de idade que pudessem contar aspectos de sua vida particular e social no decorrer dos anos.

Especificamente temos como narradores, o narrador¹⁶ 1(N1), um homem de 67 anos; o narrador 2, (N2) uma mulher de 85 anos; o narrador 3 (N3), uma mulher de 87 anos; o narrador 4 (N4), uma mulher de 66 anos e, por último, o narrador 5 (N5), um homem de 60 anos. Os diálogos com os entrevistados procuraram abordar temas como: brincadeiras da infância, comidas, festas, histórias lendárias e formação do local onde moram. Nosso propósito fora o de investigar a possibilidade de o hibridismo cultural estar presente nos registros dos falantes por meio dos valores culturais apontados nas respostas. Esta pesquisa tenciona demonstrar a relevância da memória para a identidade dos povos, no caso dos que apresentam traços de miscigenação.

Os entrevistados selecionados para a pesquisa demonstraram-se familiarizados com as lembranças, fato este demonstrado no relato de momentos vividos em seu passado. Estes narradores tiveram contato prévio com a pesquisadora, as entrevistas foram agendadas e, na pesquisa de campo, estas foram registradas através de câmera filmadora.

Cabe destacar que, para que ocorra um conhecimento melhor sobre as características dos elementos de uma amostra ou população, Barbetta (2004) afirma que

¹⁶ Para preservar a identidade dos entrevistados, optamos pelo uso da nomenclatura **narrador**, doravante como **N**.

precisamos coletar dados desses elementos. De acordo com o mesmo autor, essa fase de coleta de dados necessita ser cuidadosamente planejada para que os dados a serem levantados forneçam informações relevantes e pertinentes aos objetivos propostos pela pesquisa.

É preciso esclarecer que nossa opção de estudo foi, portanto, desenvolver uma abordagem na perspectiva da pesquisa qualitativa interventiva, observando a construção humana, como resultado dos processos de interação do sujeito com o seu mundo objetivo e subjetivo, bem como as relações sociais, as interações.

A pesquisa interventiva foi feita através de um Estudo de Caso. Conforme Lüdke e André (1986, p.17), “quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso”. Dessa maneira, outra perspectiva para a apropriação dessa estratégia de pesquisa é quando ela tem sua origem na necessidade “de entender um fenômeno social complexo” (YIN, 2003, p.1). Esse estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, onde ambos contribuíram com a elaboração da fundamentação teórica e deram aporte à análise do objeto em investigação.

Primeiramente foi elaborado o levantamento das obras referenciais que deram aporte metodológico para as teorias de linguagem, nação, identidade, história brasileira, hibridismo cultural, memória e história oral. De acordo com Rauen, a pesquisa bibliográfica surge para dar fundamento ao problema, assim, “a pesquisa bibliográfica consiste na busca de informação bibliográfica relevante para a tomada de decisão em todas as fases da pesquisa” (2002, p. 65). Essa forma de pesquisa apresenta três funções: 1) Discorrer sobre o tema da pesquisa para que haja o aprofundamento sobre o tema; 2) Oferecer subsídios para responder ao problema formulado; 3) Demonstrar a aplicabilidade do objeto da análise utilizando-se de métodos de investigação na pesquisa qualitativa.

Ainda sobre os métodos da pesquisa, este estudo pode ser considerado como exploratório quanto à profundidade da investigação. Conforme aponta Gil (1999), na pesquisa exploratória procura-se oportunizar uma visão geral de determinado fenômeno ou fato. Conforme mencionado, pela possibilidade de ocorrência do hibridismo nas resposta/narrativas dos entrevistados, entende-se também o caráter exploratório desta pesquisa.

Meye (1996) afirma que a história oral pode ser constituída numa relação entre entrevistador, narrador e o recurso da gravação.

O mesmo autor define a história oral como

Um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEYE, 1996, p.15).

Quanto à natureza dos dados, a presente pesquisa, definida como qualitativa, desenha-se “por ser uma forma adequada de entender um fenômeno social” (RICHARDSON, 1999, p. 79). Neste sentido, o estudo desenvolvido apresenta a análise direcionada à compreensão de processos vivenciados por muitos, as mudanças, etapas da vida e sua apreensão pela arte. Assim sendo, diferentemente de dados quantificáveis ou exatos, são analisados momentos das narrativas obtidos pela pesquisa de campo, avaliando sua linguagem verbal e não-verbal. Para Rudio (1986), a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Sobre essa perspectiva, na coleta dos dados optou-se por transcrever as entrevistas e tabelá-las com legendas diferenciadas por cores distintas que designam cada qual um tipo de representação. A cor azul identifica os **gêneros** que apareceram na fala; a cor cinza identifica o **hibridismo** e, assim, sucessivamente as questões de **pertencimento cultural, papel social, descendência, heroísmo, folgedos, formação do município, figura de Leonel Batista, escravidão/maus tratos e momentos marcantes da entrevista**. As legendas e caracterizações nos servem para definir e identificar a cultura e identidade híbrida presente na vida dos entrevistados/narradores.

As falas foram analisadas qualitativamente através de interpretações baseadas no escopo teórico desta pesquisa. Através da amostragem das tabelas e as consequentes análises procurar-se-á identificar valores culturais. As tabelas possuem a finalidade de possibilitar uma visualização de caracterizações que aparecem na fala do entrevistado/narrador.

Além das tabelas, as entrevistas, conforme já se pontuou, foram filmadas. Ainda que não esteja contemplado nos objetivos dessa dissertação, inclui-se, como apêndice, alguns dos registros filmados em um DVD.

Cabe à história oral registrar a memória viva, emoções e sentimentos das pessoas das diferentes origens socioculturais. Sob este aspecto, a presente pesquisa propõe resgatar dos entrevistados do município de Sangão, relatos acerca de suas vivências, valores étnicos e

papéis sociais que possibilitem identificar os hibridismos na fala, seja intencionalmente ou não. Este resgate valoriza, desde respostas que se espera receber, até desabaços e sinais demonstrados no decorrer da entrevista. O processo de registrar todos estes procedimentos enriquece a análise e aproxima as interfaces acerca do objetivo pesquisado, ou seja, ao gravar a voz, transcrever os dados, destacar aqueles relevantes e reler de acordo com a busca do questionamento principal, encontram-se, na maioria das vezes, as respostas das indagações constantes nos pequenos detalhes da pesquisa de campo.

5 NARRATIVAS HISTÓRICAS: PRESENÇA DE ASPECTOS HÍBRIDOS NA ORALIDADE

5.1 NARRADORES DE JAVÉ

A partir das considerações sobre a arte de narrar baseadas na teoria literária e na arte cinematográfica, propomos, neste estudo, apresentar uma leitura da obra *"Narradores de Javé"*, de Eliane Café (2003)¹⁷. A leitura deste filme visa a fornecer elementos que darão aporte à análise e procedimentos para as entrevistas colhidas na pesquisa com os moradores do município de Sangão-SC, uma vez que *Narradores de Javé* empreende, em sua diegese, a técnica da história oral. Assim, através das narrativas proporcionadas pelas entrevistas com as personagens procuramos, enquanto técnica, estabelecer possíveis similitudes entre as narrativas na pesquisa de campo realizada por meio da técnica da história oral.

O filme é construído pelo entrelaçar de várias narrativas. A história é baseada em fatos narrados, conforme aparece apresentado no filme, de acordo com a página eletrônica Adoro Cinema:

Somente uma ameaça à própria existência pode mudar a rotina dos habitantes do pequeno vilarejo de Javé. É aí que eles se deparam com o anúncio de que a cidade pode desaparecer sob as águas de uma enorme usina hidrelétrica. Em resposta à notícia devastadora, a comunidade adota uma ousada estratégia: decide preparar um documento contando todos os grandes acontecimentos heroicos de sua história, para que Javé possa escapar da destruição. Como a maioria dos moradores é analfabeta, a primeira tarefa é encontrar alguém que possa escrever as histórias.

*Narradores de Javé*¹⁸ inicia com Zaqueu (Nélson Xavier) contando a seus amigos a história do vale do Javé. A cidade de Javé está tomada pela represa. Zaqueu e Souza

¹⁷ DVD *Narradores de Javé*. 102 min. NTSC Cor. Produzido e distribuído por Videolar S.A., de Manaus, sob a licença de Videofilmes Produções Artísticas LTDA, 2005.

¹⁸ Este termo remete-nos à passagem bíblica do Êxodo, que denomina Deus como Javé. "Deus disse ainda a Moisés: "Assim falarás aos israelitas: É JAVÉ, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, quem me envia junto de vós. Este é o meu nome para sempre e é assim que me chamarão de geração em geração" (ÊXODO 3, 15). Ou seja, pensa-se numa referência religiosa, uma verossimilhança entre o título do filme com a nomenclatura de Deus nas passagens bíblicas. Mas no filme, Javé é uma cidade fictícia que está prestes a desaparecer, e é onde acontecem as narrações acerca do resgate de sua história. É um povoado do interior baiano, idealizado como um espaço urbano que foi condenado ao desaparecimento pela construção de uma hidrelétrica, cujas águas inundaram o lugar (Revista Época, 2004 *apud* CARDOSO, 2008, p.3).

(Matheus Nachtergaele) aparecem, juntamente com um moço que espera o barco para levá-lo ao seu destino, mas esse, perdendo o referido transporte, permanece ali para ouvir a tal história do Vale do Javé, fato esse um tanto quanto lendário e histórico.

É a partir desse princípio que sua diegese sugere a imaginação acerca da história contada por Zaqueu, que poderia muito bem ter sido “romanceada” ao ser narrada.

É nesse aspecto que o ditado popular “quem conta um conto aumenta um ponto” caberia, em especial, a esse filme, pois ao demonstrar como se dá a história de Javé e a tentativa de se resgatar o imaginário acerca de entrevistas, ele demonstra as várias facetas que uma narrativa pode ter ao ser declamada nas diferentes vozes dos falantes.

A observação desses diálogos/narrativas permite reflexões acerca da história oficial, dos livros, revistas e documentários. Constatamos que muitos revelam apenas um ponto de vista. Também consideramos que, ao ser transcrita, da voz de um falante ou de uma própria matéria (documento, objeto arqueológico/histórico), poderiam ocorrer modificações. A diretora, em uma entrevista para a revista *Época*, afirma ser o filme um alerta sobre os documentos oficiais históricos.

Queríamos com isso relativizar o caráter oficial dos textos histórico e mostrar o jogo de interesses contido nas versões oficiais. Se a História do Brasil fosse contada pelos negros, seria uma outra História e com outras datas comemorativas (Revista *Época*, 2004 *apud* CARDOSO, 2008, p.19).

O filme dá margem para pensarmos no quanto a história que temos do passado foi modificada. Ele nos instiga a refletir como a história pode ser remexida e refeita ao longo das transcrições e mediações feitas para serem veiculadas à população, como forma de ser mais vendável, de ser mais interessante ou fazer um bem particular.

É nesse aspecto que Pollack afirma ser o filme a arte capaz de fazer relembrar cenas guardadas na memória humana, fatos marcantes, momentos históricos que demarcam uma vida, isso através da imagem que divaga pela emoção.

Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização e, portanto, no enquadramento da memória. Ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções (POLLACK, 1989, p.11).

Refletindo sobre a escrita da história, pensamos que, nos dias atuais, as escritas são repassadas pelas mãos de várias pessoas e isso faz com que, o que chega às nossas casas/escolas/e sociedade, seja o resquício de uma interpretação particular que, inclusive, já

poderia estar muito distante da realidade, tal qual como aconteceu e acontece ainda hoje com a escrita da história.

Essa constatação e representação sobre a escrita da história é uma reflexão feita a partir do filme, que possibilita pensar uma realidade através da imagem passada. A arte fílmica demonstra ou representa uma realidade que muitos costumam chamar de mensagem do filme. Alfredo Bosi define essa semelhança como mimesis, ou seja, algo que repete, imita. Portanto, sendo o filme a arte de representar, ela reproduz o ser humano, a vida social.

Uma das mais antigas tradições teóricas filia-se à representação. É o conceito de arte como mimesis. O termo comparece em vários textos da filosofia grega. O seu significado preciso depende, naturalmente, dos contextos. Pode aludir à mera imitação de traços e gestos humanos, tal como ocorria nos mimos e na pantomima, representações de caráter jocoso e satírico. Pode também significar a reprodução seletiva do que parece mais característico em uma pessoa ou coisa, e ser, portanto, uma operação que revele aspectos típicos da vida social (BOSI, 1985, p.28).

Retornando aos *Narradores de Javé*, percebemos que seu enredo baseia-se na história de um vilarejo simples que está prestes a desaparecer devido à construção de uma barragem na localidade.

Na cena 1, dentro da igreja, destacam-se falas que caracterizam a localidade de Javé: Tabela 1

Tabela 1 – Cena 1: Interior da igreja.

(Tumulto) Povo pergunta: e as casas? As terra?
- Nós vamo ter que sair, nós vamo ter que sair.
(Zaqueu)- Os home disseram que só não inundam quando a cidade tem alguma coisa importante, história grande, quando é coisa de tombamento e aí é patrimônho, aí eles não mexem néla.

Os moradores, com intuito de impedir tal destruição, decidem que o melhor a se fazer é mostrar que o vale tem uma história e é importante. Para isso, precisam coletar entrevistas resgatando a história de Javé e, para escrever as narrações, chamam Antônio Biá, conforme transcrição na Tabela 2.

Tabela 2 – Chamando Antônio Biá.

- Ih, pois então danou-se, esse lugar velho não vale o que o gato enterra.
-(Zaqueu) Oh, escuta aí. Os home disseram que só não inunda se for patrimônho, não é assim? Então já sei o que a gente tem que fazer. Até hoje ninguém escreveu, também porque não precisou, mas então vamo nós mesmo hoje escreve a grande historia do Vale de Javé.
(Zaqueu)- Vamo colocar no papel os enredo gente, desencavar da cabeça, os acontecimentos de valor, botar na escrita, fazer uma juntada de tudo que é importante pra provar pras autoridades porque Javé tem que ter tombamento.
(Deodora) E quem vai escrevinhá essas história?

Alguém grita: Chama Antônio Biá!!

Esse personagem representa um sujeito lendário na localidade, um antigo carteiro que aprontou com mentiras a diversas pessoas. Biá é cheio de trejeitos e artimanhas em suas entrevistas, tentando moldar o histórico acerca de Indalêncio, buscando a história da formação de Javé a partir dessa pessoa que acreditam ser o fundador.

Em todas as cenas de entrevistas, ao indagar às pessoas da comunidade, demonstra-se o modo peculiar de Biá em recolher as informações: Tabela 3.

Tabela 3 – Antônio Biá colhendo informações.

(Biá)_ Pois muito bem seu Vicentino, eu vim aqui lhe ouvir, dialogar, assim tudo que foi importante, das suas lembranças Javélicas, as históricas e as pré-históricas, pra gente pôr no livro, a Odisséia do vale do Javé, primeira parte (ele aponta o lápis) - eu não uso canéta, eu não costumo, eu não sei se o senhor já viu que a canéta corre assim no papel sem freio, aí se a gente erra e que arruma, aí emporcalha tudo né, fica aquela desinteria de tinta, agora o lápis não, o lápis é maravilhoso porque ele agarra o papel, ele aceita a borracha, ele obedece a mão e ao pensamento da gente, aliás eu sou um homem que só consegue pensar a lápis seu Vicentino. Mas voltando ao tema Javélico, é...
(uma das entrevistas) (Samuel)_Ele Ta dizendo que Indaleo era chefe de guerra, e queria guiar nossa gente pra nossa terra de volta, de origem, mas só que Indaleo, o próprio Indaleo não sabia o caminho de volta.
(Biá)_ Aí Indaleo era o mesmo que Indalêncio? Deixa pra lá, se não é parece que é, tem tudo pra ser, então fica sendo. Pergunta uma outra coisa da narrativa, assim acarajé catumbi topo.
(Entrevista) (Biá)_ Sente, Sente, sente Seu Vicentino! Também não dá pra escreve tudo de uma carrera só, né Seu Vicentino. Aliás o senhor vai me desculpa, mas esse negócio de Indalêncio ir lá e pega um boi assim sem mais nem menos não tá bom não!
(Seu Vicentino)_ Porquê que não tá bom?
(Biá)_ Ninguém vai entrega um boi assim de graça, só se for boi de camelô. Olha tem que melhorá!
(Seu Vicentino)_ Melhorá, você já tá querendo inventá, é?
(Biá)_ Não inventá não, mas floriá um bocadinho. Vamo vê? Deixa ver: Os dias, pareciam não ter fim, e aquela gente guerreira, de tanta fome, quase não mais respirava, e aí passa por eles aquela boiada imensa, gorda, um dilúvio bovino

No enredo do filme aparece o que se pode denominar de ‘Mito de Indalêncio’. Este é contado de acordo com a realidade e o ponto de vista de cada narrador. Inclusive, nas narrativas, Indalêncio se transforma em mulher ou homem de acordo com aquele que está narrando.

Na teoria cinematográfica tal aspecto está relacionado aos tempos dos acontecimentos que aparecem subvertidos, que retornam a outros momentos causando digressões, flash backs, que nessa instância delimitam a intencionalidade da cena fílmica. E, ainda, as cenas não precisam representar igualmente a realidade, mas utilizar de meios que suscitem pensar o que é real através da diegese, que decorre efetivamente das ações artísticas

no tempo e espaço da narração, ou seja, a realidade da ficção, permeada por utilitários que o caracterizem semelhantes ou que lembrem uma realidade e que façam ativar a criticidade acerca de tal temática.

Nas entrevistas concedidas nas diversas cenas do decorrer do filme, podemos perceber o aspecto diegético que o filme retrata com a realidade da construção histórica através da oralidade, conforme transcrito na Tabela 4.

Tabela 4 – Construção histórica através da oralidade.

Narrador 1: (Seu Vicentino)_Esse mesmo, como o senhor já deve de ter sabido, é quase certo que eu seja um descendente indireto daquele nobre chefe de guerra. Indalécio era um homem seco, duro, sistemático, era um homem que nunca dizia Sim, quando queria dizer Não <i>(Demonstra em imagens Seu Vicentino caracterizado como Indalécio)</i>
Narrador 2: (Deodora)- Fazia muitos dias que caminhavam cansados, Idalécio ia pelo meio do caminho...
(Biá)- Pode pular essa parte dona Deodora, porque esse comecinho seu Vicentino já contou, recontou e descontou.
(Deodora)- É mais já deve ter contado puxando pro lado dele. Aposto que nem tocou no nome de Maria Dina.
(Firmino)- Todo mundo sabe que tu também é parente de Maria Dina.
(Deodora)- Me criei não sinhô. Sou parente e posso provar. Todo descendente minha gente, tem esse sinal de nascença. Olha aí ta vendo. Todo descendente tem ó.
O fato é que tem muita gente aqui que não dá crédito a Maria Dina. <i>(Cena de Maria Dina interpretada por ela - Deodora)</i> Sabe porque minha gente? Porque era muié. Caminhavam a dias, o de come era pouco e muitos ficavam mortos pelo caminho. Idalécio mesmo ferido guiava o bando, mas nenhum lugar parecia prestar para assentar sua gente. Maria Dina desapareceu por um dia e uma noite. Mas no dia seguinte, Maria Dina voltou pra levar sua gente ao lugar que os pássaros da noite haviam lhe mostrado. E ali no grande Vale ela cantou as divisas de Javé.
Narrador 3: (Firmino) Pois olhe, ei seu Biá. Eu posso lhe dar prova de tudo que estou lhe dizendo. E é aquelas óia: científica. Mas o caso de verdade, verdadeira mesmo, aconteceu foi assim ó, cum um dedo ou sem dedo. <i>(Cena de Indalécio interpretado por Firmino)</i>
(Biá)_Bonito começo, tá ai, eu gostei! Mas dá pro senhor ser mais objetivo, ir direto nos fatos, no talo do abacaxi.
Narrador 4: (Gêmeo)_Sim, sim, Desenho que eu fiz da minha propriedade, herança que vem vindo lá dos meus antigos, pois todo mundo sabe que é nessas terras aqui que estão os restos de Indalécio.
(Biá)_Não era Indalécio não?
(Outro)_Indalécio! (gritando)
Narrador 5: (Samuel)_Oconda amutemba, aiosongo umbaita moxum Indalécio oca?
(Pai Catê)_Indaleo, Indaleo oga ogum ala oé, Indaleo, Indaleo.
(Samuel)_Ta dizendo que Indaleo era chefe de guerra, e queria guiar nossa gente pra nossa terra de volta, de origem, mas só que Indaleo, o próprio Indaleo não sabia o caminho de volta.

Conforme percebemos, o narrador aproxima a história de sua vida e a arte fílmica demonstra o ponto de vista de cada um acerca de um fato, através das faces diferenciadas que Indalécio tem ao ser narrado pelas diferentes pessoas. Dessa forma, o escritor transforma o fato de acordo com as necessidades, assim como instiga Biá. Em uma de suas primeiras

entrevistas é encenada a sua fala que demonstra tal modificação na escrita, de acordo com a Tabela 5:

Tabela 5 – Antônio Biá fala das modificações pela escrita.

(Biá) Inventador não. Eu só mostrei que tinha fogo onde todo mundo só via fumaça. Gente, iscritura é assim. O homem curvo, vira carcunda, gente do olho torto, eu digo que é zarolho. Pur exemplo: o sujeito é manco na vila heim? Heim? Então na história eu digo que ele não tem perna. É assim, é das regras da escritura.

De acordo com Coelho, o objetivo da arte é descobrir a humanidade dentro da própria arte, demonstrar o mundo que nos rodeia. Sendo assim, no aspecto de demonstrar os vários pontos de vista da história, o filme representa claramente, através da narração, dos gestos, da imagem, uma realidade tangente em nossa vida, que são as modificações históricas. Para a mesma autora, “A arte é, na realidade, em suas expressões mais variadas o fenômeno que descobre o mundo à humanidade.” Bem como “A arte é uma espécie de ponte entre a realidade comum que nos rodeia e o mundo do indivizível, que escapa a percepção comum” (COELHO, 1987, p.14).

No entanto, quando refletimos com base na ideia de que a história em si é um fato criado e transformado, podemos crer que essa narrativa pode ter sido também, bem como tantas outras, uma criação de Zaqueu, ou seja, sob a ótica de uma invenção. Tal constatação torna-se possível na medida em que, através da mensagem do filme, podemos divagar sobre várias possibilidades que ela nos oferece. Conforme Neiva Júnior, assim que chegamos à gênese do filme, quando percebemos a interlocução de símbolos podemos contemplar a mensagem e explorá-la, criando inclusive, outras constatações; foi exatamente o que nos aconteceu. “A imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade. Após contemplar a síntese é possível explorá-la aos poucos; só então emerge novamente a totalidade” (NEIVA, 1998, p.5).

O filme instiga a pensar e analisar o rumo que os fatos tomam ao serem levados pela narrativa de outros, então ela poderia ter sido escrita ou não por Biá (José Dumont), poderia ter sido uma ou outra pessoa que não este “intelectuário” (como ele mesmo se denomina), que tanto trapaceou de acordo com Zaqueu, o narrador. Essa é a versão de Zaqueu; portanto, tal fato poderia, ainda, ter sido contado por Biá, ou por qualquer outra pessoa, por que não? Afinal, tantas pessoas ali viviam e várias presenciaram o mesmo acontecimento, umas poderiam gostar mais de Antônio Biá que Zaqueu e, que dessa forma,

Biá não seria esse “cara” enrolado que parece ser através das narrativas de Zaqueu, sendo que, se assim fosse, teria tido outro viés ao ser narrado.

A mãe de Souza (Matheus Nachstergaile), dono do bar, já no início do filme, está lendo um livro. Essa ação nos leva a observar como seu enredo sugere que nada é pronto e acabado, tudo pode ser modificado. Nessa ação da mulher ler um livro poderíamos criar outras indagações a respeito da ‘mensagem’ do filme. E, ainda, as palavras curtas, os gestos e as insinuações evidenciam a esperteza de Biá e, também, o quanto a história pode ser modificada ao ser transcrita.

Observamos, ainda, a intenção das personagens, ao tentar conquistar a confiança de Biá, de ver seu nome aparecendo na **Odisseia de Javé**. Em todas as entrevistas feitas por Biá, no decorrer do filme, aparecem narradores buscando a supremacia perante o fato contado:

Tabela 6 – Algumas entrevistas feitas por Antônio Biá.

Narração 1: (Biá)_ Calma, calma, por enquanto, basta soletrar o nome de todos vocês, para pôr aqui no livro, a começar por você.
(Samuel)_ ó aqui eu não vou saber desse negócio aí...
(Biá)_ Samueles...
(Samuel)_ Não Samueles não, Samuel!
Narração 2: (Vado)- Assim não seu Biá, assim não.
(Firmino)- Se eu fosse o senhor eu botava a minha que é a história de fato seu Biá.
(Deodora)- A sua não. A minha história que eu tenho até as provas.
(tumulto)
(Biá)- Calma, calma, vamos fazer uma votação. Quem acha que é a Maria Dina de Deodora levanta a mão. E quem acha que é a de Firmino.
(Vado)- A senhora levantou a mão duas vezes dona Maria.
(Maria)- Mas acontece que as duas histórias tem sentido. Não se pode tirar uma sem o prejuízo da outra.
(Vado)- Má num pode contar as duas histórias no mesmo livro
(Maria)- Pode sim rapáz, pode contar, pode
Narração 3: (Biá)_ Não, mas o senhor termina depois, por enquanto o senhor diz o seu nome, sobrenome e pronome pra gente botá no livro.
(Seu Vicentino)_ Vicentino Indalécio da Rocha

Nos momentos finais do enredo, as personagens, após a represa tomar conta da cidade, procuram Biá, que nada escreveu até então sobre Javé, pois percebeu muitos fatos contraditórios, que agora, vai construir uma história acerca do que está presenciando, ou seja, aquele que ajudou no resgate ou aquele que atrapalhou, entre outros. As personagens rodeiam Biá para tentar contar sua própria versão sobre o ato, querem se colocar e se fazer na história. A cena que encerra a narrativa do filme mostra Biá com alguns dos narradores recontando a História de Javé:

Tabela 7 – Recontando a história de Javé.

<i>Quando a represa já tinha tomado conta...</i>
<i>(Biá senta e começa a escrever ao presenciar a saída dos moradores de Javé com o sino)</i>
(Biá)_Sim também não esqueci de vocês dois não, vocês entram um pouquinho, mas é a primeira parte.
(Vado)_Como assim pouquinho, que primeira parte?
(Biá)_Que parte? A parte antiga de Javé, agora eu não to vendo ocês faze muita coisa, parece que tão mais sapeando quem está trabalhando.
(Vado)_Peraí, perai, o senhor não estava aqui quando o aguaçero chegou, eu puxei sozinho o sino cá pra fora.
(Firmino)_Sozinho? Sozinho, tu tava dando era ordem, os outros é que tavam carregando, agora quem mergulho foi eu e Antero.
(Maria)_Eu também mais Deodora ajudamos, viu Seu Biá, bote aí no livro também

A partir da leitura de **Narradores de Javé**, verificamos que o enredo, ao representar uma realidade verossímil, também atenta para as verdades narradas, ou seja, diferentes pontos de vista sobre um mesmo fato ou personagem. Tais aspectos permitem reiterar as peculiaridades do narrar os fatos, como também que as verdades podem ser modificadas.

A arte oportuniza a percepção de que o sentimento pertencimento/identificação pode ser desenhado por linhas tênues, na medida em que representamos uma construção identitária através dos aspectos híbridos.

6 OS NARRADORES DE MORRO GRANDE

6.1 LOCAL DE ESTUDO

A localidade que escolhemos para a pesquisa foi o Bairro de Morro Grande, no município de Sangão-SC¹⁹. Este município pertencera a Jaguaruna até 15 de março de 1992, quando foi realizado o plebiscito pró-emancipação. Nessa data, grande parte da população compareceu às urnas e a localidade de Sangão foi desmembrada de Jaguaruna (lei nº 8552 de 30 de março de 1992) e elevada, assim, à categoria de município (VIEIRA, 2007, p. 26). O município de Sangão faz parte da microrregião de Tubarão e pertence à Associação dos Municípios de Laguna (AMUREL), conforme Imagem 2 no Anexo B.

A escolha do referido município deu-se por apresentar, na localidade de Morro Grande, uma presença marcante de etnias miscigenadas. Tal presença decorreu da migração²⁰ de trabalhadores dos mais diversos estados e países, como, por exemplo, os afrodescendentes da região, que chegavam pelo litoral – Balneário Campo Bom, ou pela ferrovia, onde os trilhos estão localizados, justamente no centro do bairro. Portanto, a vinda de povos distintos já é rotina e serve como fator de análise acerca das formações identitárias híbridas.

¹⁹ O município de Sangão está localizado a uma latitude 28°38'16" sul e a uma longitude 49°07'45" oeste, estando a uma altitude de 50 metros, no sul de Santa Catarina. Foi criado em 02 de março de 1934, com o nome de “24 de Outubro”, de acordo com o decreto estadual nº 531, ficando desmembrado da sede de Jaguaruna. Até essa data, Sangão era distrito de Jaguaruna e só depois em 02 de abril de 1934 sua sede foi elevado à categoria de Vila pela lei estadual nº 86, de 31 de março de 1938, quando então passou a denominar-se distrito de Sangão. Porém Sangão possuía um pólo comercial favorável para tornar-se município, assim a comunidade se mobilizou para desmembrar-se de Jaguaruna através do voto. (VIEIRA, 2007, P.25).

²⁰ Salienta-se que, inclusive nos dias atuais, essa leva de trabalhadores continua a migrar, devido à falta de mão-de-obra nas indústrias localizadas no município.

6.1.1 Habitantes

Conforme o Censo de 2007, a população atual do Sangão é de 10.362 (dez mil, trezentos e sessenta e dois) habitantes; caracteriza-se etnicamente por descendentes de imigrantes italianos, portugueses, africanos e alemães. As três primeiras formaram o núcleo tradicional de Sangão, enquanto que a última é formada por imigrantes de comunidades vizinhas.

Referindo-se à ascendência, vemos uma grande mescla presente no município de povos italianos, portugueses, alemães. Mas existe algo, além disso, que não está escrito e nem é ensinado nas escolas da região, que são as histórias lendárias presentes no imaginário dos Sangãoenses, histórias de povos indígenas que, por algum tempo, conviveram com tais munícipes alguns anos atrás²¹.

Desta informação decorrem algumas considerações. Primeiro, ascendentes de indígenas também constituiriam a população do município, uma vez que foi descoberta recentemente a existência de povos indígenas na localidade através do mapeamento de sítios arqueológicos²². Entretanto, nos registros oficiais não há, ainda, qualquer alusão ao reconhecimento dessa etnia na formação de seu povo.

Contudo, verifica-se a presença de outras etnias devido à imigração constante de pessoas que vinham para trabalhar na comunidade. Essas, por sua vez, trazem consigo as

²¹ O senhor Horácio (nome fictício), morador da localidade de Morro Grande, conta que próximo à sua residência existia muita mata e viviam tribos de índios, que eram bem pobres e faziam balaios para vender, inclusive tais índios vinham até sua residência oferecer o artesanato. Seu filho (de nome fictício Márcio) conta que tinha medo, quando criança, desses índios, porque eram diferentes, feios, mas quando ia brincar com seus amigos perto do Rio, em meio a uma mata, próxima a sua casa (Rio Sangão), encontrava balaios e cerâmicas jogadas ao chão. Seu Horácio ainda conta que tais índios viveram por bastante tempo na localidade no bairro Sangãozinho, onde ficavam em suas cabanas, nesse local havia muita mata antigamente. Hoje a localidade tem diversas casas e os caminhões das olarias retiraram muito barro da localidade, por isso não existem mais árvores e a mata se extinguiu.

²² Foram mapeados 3 sítios arqueológicos em Sangão no ano de 2009, sendo dois reconhecidos como sítios cerâmicos Guarani e outro sem identificação. Este mapeamento foi resultado do trabalho monográfico da pesquisadora como requisito do trabalho de conclusão de curso, sob orientação da Prof^a Dr^a Deisi Scunderlick Eloy de Farias. “No município de Sangão foram encontrados três sítios arqueológicos caracterizados conforme informações de agricultores e vestígios encontrados em campo” (Tibúrcio, 2009, p.26).

Sítio Sangão 01- UTM: 22J0684051/6825736
Sítio Sangão 02 – UTM: 22J0683981/6825723
Sítio Sangão 03 – UTM:22J0678609/6828911

Tabela 1 - Sítios arqueológicos mapeados em Sangão-SC (Tibúrcio, 2009, p.39).

características e peculiaridades de sua formação. Assim, além dos indígenas, Sangão é formado por descendentes de africanos, açorianos, italianos e alemães, dentre outros.

Esse panorama sobre a formação da população de Sangão instigou-nos a investigar, por meio da narrativa oral, moradores descendentes das diferentes etnias, como afrodescendentes, descendentes de franceses, italianos, alemães e açorianos.

Assim como Biá, no filme *Narradores de Javé*, o mote das entrevistas foi constituído pelas histórias em torno da formação da localidade de Morro Grande - Sangão. Também procuramos indagar sobre suas lembranças da infância, das festas, da escolarização, da ocorrência de preconceitos, manifestações culturais, como folguedos, lendas e mitos.

Mediante as narrativas encontramos palavras que demarcam alguns conceitos, que estão representados abaixo em legendas, distintos por cores. Eles demarcam conceituações que nos direcionam para o entendimento da formação híbrida de tal comunidade.

Na sequência, colocamos tabelas com transcrições das entrevistas. Procuramos realçar as falas com as cores da legenda. Concomitante às falas, apresentamos nossas considerações, nas quais analisamos como se apresenta a construção histórica e a valorização dos aspectos híbridos na formação da identidade cultural.

Tabela 8 – Legenda de cores de destaque das entrevistas transcritas.

1. 	Papel social: Demonstra o quanto o narrador se posiciona como personagem principal na fala.
2. 	Descendência: Trata da ascendência, aquela que o narrador diz pertencer, ou seja, o que carrega em seu nome, de suas origens.
3. 	Pertencimento (identidade cultural): Corresponde aos valores que o falante coloca como sendo os pertencentes às suas origens, ou seja, as tradições herdadas.
4. 	Grupo: Demarca a que grupo social pertence, ou quais aparecem.
5. 	Figuras marcantes: Salienta a figura de pessoas importantes na contação, que tiveram uma relevância especial.
6. 	Folguedos: Tratam das tradições culturais na sociedade e ao longo das vidas do entrevistado/narrador.
7. 	Características híbridas: referem-se aos folguedos e tradições que se misturam etnicamente, e que denotam festividades e cultos miscigenados. Essas apontam para o hibridismo nas manifestações culturais.
8. 	Formação do município: Corresponde às informações que os narradores conhecem sobre a origem de seu município, desde aspectos estruturais, ate os sociais.
9. 	Personalidade marcante: Aborda a figura de Leonel Batista nas narrativas, ou seja, aquilo que esse personagem, suposto fundador de Morro Grande, representa para cada falante, de acordo com suas experiências de vida.

10. 	Preconceito: Refere-se à escravidão e maus tratos resultantes dos conflitos culturais que possivelmente existiram na comunidade em sua formação.
11. 	Momentos marcantes da entrevista/narrativa: Salientam os períodos da entrevista/narrativa onde ocorrem momentos de emoção, nostalgia, criatividade e que merecem um destaque em nossa análise.

6.2 NARRADOR 1: “MORRO GRANDE-PRECONCEITOS E FESTAS”

Tabela 9 – Transcrição da entrevista do N1.

Os meus avós são escravos descendentes. Eu sou descendente de escravos. Meus avós foram escravos, embora eu não tenho conhecido nenhum deles. Até porque os escravos morriam. Morriam né muito jovens.

Eu nasci aqui no Morro Grande, mas os meus avós são da região do Arroio Corrente, e da região onde é hoje a Coloninha, entre Coloninha e Poços, aquela região ali da costa da praia.

O meu pai já era daqui da Coloninha, que era Morro Grande de fora né, do município de Jaguaruna... Era tudo era Jaguaruna. Então meu pai veio pra cá, atraído por uma palhoça, pra trabalhar como operário.

Na época, embora não assinasse carteira, mas era uma maneira de ganhar um dinheirinho, porque não tinham terras na região que meu pai morava. Havia muita barbaridade... Tinha aqueles, tal de Hipólito Guimarães Batista, Leonel Batista, que queimavam a casa dos negros... Queimavam as casas dos negros.

Eles não eram ruins, eu digo que eles eram bandidos mesmo. Porque eles, os negros, plantavam, nas terra, que era chamada dos negros, né, mas eles não admitiam que as terras fossem deles. Eles ganharam dos antigos, dos antepassados, senhores... Então os meus pais, sabe que são oriundo dessa região, porém o meu pai veio pra cá trabalhar na palhoça. Palhoça era uma indústria que beneficiava a palha do butiá e faziam um tipo de ‘clina’, que vendiam pra construir, confeccionar colchões, forração.

O Leonel Batista era inimigo, desses antigos, senhores né. Entre aspas, “dizem que era o padre”. Porque eles davam moleza pros negros, como se diz na gíria né. Na época, eles acobertavam, ou seja, quando surgiu a Lei da Abolição da Escravatura levou quase cinquenta anos pra chegar aqui. Tu vê que, tu vê qui, em 52, 52, ainda queimaram. Foi a última remessa de casas que queimaram aqui na coloninha.

Mas isso aí eu vi, ninguém me contou, as casas. Eu conheci as casas. Tinha Antônio Chica, que é avó do Sergio aí do bar, o tio João Chico, tio Saturnino, tio Sartor. O tio Sartor era o pai do Almiro. Aquele Almiro dos Poços, avô daquele menino que joga na Funderg, du du, Butiá. Tem um cara chamado Anderson Butiá. E um bom jogador aí de futebol amador. Esse bizavó do Anderson era meu tio... Eu vi a casa dele queimada... Eles corriam.

Eles plantavam a lavoura. Era mandioca e milho. Eles plantavam mais mandioca, milho e melancia. Melancia só para subsistência. Não se vendia na época, milho e mandioca.

O Leonel Batista comprava. Na hora do acerto de contas, ele nunca pagava. Ele nunca pagava.

Então, segundo eles né, os negros não queriam vender mais pra eles. Ai começaram a vender pra uma família de Laguna, família Varela se não me engano. O Leonel Batista tinha um poder político muito grande. Nessa época existia ditadura no Brasil. Ele era um líder político, acobertado, pelos poderosos, que ainda tinham os aqui não chamava o senhor de engenho né, mas eram os coronéizinhos da época.

Ele trazia uma tropa da polícia militar, que desciam no trem aqui no Morro Grande, e se hospedavam no sobrado onde é do Osni hoje. Embaixo era um porão tudo aberto. Ai ele marcava os dias, se os negros não entregassem as lavouras, o pau quebrava. Os negros não entregavam, dai colocavam fogo nas casas. As casas eram simples. Eram feitas de pau a pique, coberta de palha, chopanas.

Esse cara um dia me perguntou porque que não tinha nenhum nome da família dele: “- Poh Zé Odia, tu é amigo da nossa família. Foi vereador três vezes. Não tem um familiar nosso com nome de rua no Morro Grande”. Respondi: “- Tu ainda tens cara né José. Tu ainda tens cara de me perguntar. Não eu quero ouvi de ti o porquê. Olha eu nunca sugeri, porque eu sou o mais velhos dos vereadores, porque tu sabe o que a tua família fazia pros negros. Não tu, nem teu pai, mas teus avós e bizavós botavam fogo na casa dos negros ai todo ano. Ai eles merece?”

A verdade parece impossível. Sabe a história, tudo que é história de negro no Brasil é contado por um décimo, né. A história do negro ta nem embaixo do tapete, né. Ta no subterrâneo.

Na minha infância... eu sou dos poucos negros daqui e brancos que aprendeu a ler com cinco anos. Porque moravam professoras, então eu estudei aqui no Morro Grande. Eu era amigo da Dona Moza que era nossa catequista. Então eu aprendi a ler o catecismo. Eu lia o jornal que vinha da Aparecida do Norte. Às vezes eu via, lia soletrava algumas frases da Revista Cruzeiro da época. I a minha mãe disse que eu já sabia tudo: “- Então vai vender quitanda no trem”. Eu ia vender butiá no trem. Tempo do verão, vendia frutas na época. No inverno nós vendíamos pluma de sapé

Desde pequeno, isso aí na minha infância, com oito, nove anos, todo moleque trabalhava. I quando não tinha nada nem pluma, nem fruta, pra vender, de manhã nós trabalhava na olaria, lanceava telha com a Dona Tereza do Girdo. Depois de maiorzinho, com uns 12 anos, eu comecei a vender pluma fora daqui. Então nós ia vender em Florianópolis. Ai começaram a me chamar de vadio, que eu tinha que trabalhar na olaria, porque ooo soh era bom. Homem só era bom se derramasse suor, calejasse a mão e não ganhasse quase nada. Ai os negros lá um dia já tavam ganhando um dinheirinho. Ai que comecei a enxergar que dava pra ganhar um dinheirinho.

As amigas da minha mãe me malhando: “- Ah o Zé Odia tá muito grande, olha o negro desse tamanho”. Eu saí. Fui trabalhar na olaria do Antônio Juvenço. Trabalhei ai até uns 20 anos por ai. Depois do Antônio Juvenço foi pra Porto Alegre, montô comércio lá e fui trabalhar com ele. Lá eu acabei ficando uns 6 anos, 7 anos. Depois fiquei naquela ida e vinda né, pro Rio Grande do Sul, pra cá, até que fixei residência lá. Fixei e acabei ficando definitivo até 80. I até 83, quando retornei pra cá. Mas nunca fiquei um mês sem botar o pé aqui na terrinha.

Era livre os negros, e aqui no Morro Grande era um preconceito. Digo que era um preconceito besta. Porque tu olha bem, eu não era só eu, os negros aqui, os Pereiras principalmente, que eu até brinco que eles são descendentes de negros, né.

O João Pereira veio pouco depois do Hipólito Guimarães Batista, que era um dos fundadores aqui do Morro Grande. Ele é um fugitivo da Revolução Farroupilha. E um

desertor e veio pra cá e formou. Ele não trouxe família. Então ele começou a acasalar com as négras que tinham aqui, assim provisoriamente. E tinha filhos com uma, filhos com outras né? E que deu essa parte dessa raça de negros brancos que tem aqui nos Poços, rumo ao Olho d'Água.

Os negros de lá ficaram com a herança. Eles brigavam, apanharam, mais ficaram na terra. Então eles ficaram com herança. Eles conseguiram algum começo de vida né. E os negros que correram, ficaram na miséria aqui, quem nem o meu pai, que nem o seu Silvério, trabalhando. Quer dizer, não 100 por cento escravo, dentro da lei, mas uma escravatura disfarçada. Eles trabalhavam sem ter direito trabalhista nenhum. Ganhavam uma miséria né. Não tinham direito a nada. I ai quando envelheciam eram chamados de vadios, porque não tinham mais forças para trabalhar. Ai tinham que benze, dá remédio, faz feitiço né. “- Uh aquele negro é feitiçeiro”, era o que eles faziam. Tudo que era negro mais de 40 anos podia benze e dar remédio, que a população acreditava.

Eu ouvi falar em bugres, em índios, tudo que é tipo. Mas eu não tenho conhecimento aqui na nossa região, só os sambaquis, que é Jaguaruna e Sangão. Nós temos um sambaqui aqui, tu sabia? Aqui atrás da casa do seu Antônio Porfirio. Eu brinquei muito naquele sambaqui ali, ainda existe, ta meio rostido, mas existe, existe.

Aqui no Morro Grande, nós tínhamos a festa principal, a Festa do São João Batista ... Voltando um pouquinho nos negros, então era tudo junto. Podia comungar. Podia confessar. Ir na igreja tudo junto. Na hora do baile, eles chamavam o baile da festa de bazar, vinha uma banda, daquela banda de música mesmo, não essas banda ai di bandas marciais. Então as bandas vinham e dividiam, numa parte toca baile de branco, outra toca baile de negro. Então negro não dançava no baile de branco. Tinha salão de negros, mais ou menos ali onde é a casa do Rodmar, e salão de brancos onde é hoje, a casa do Niutinho né. Depois, mais tarde, onde é hoje aquela igreja que tem ali, no terreno do Aldelei, do lado do Osni. Isso na década de 50 até 60 por ai. Ai depois a coisa foi começando a misturar, mas até 1960 aqui era negro de um lado, branco do outro.

Ai tinha além da festa de São João, tinham os bailes, que se faziam os bailes de negros né. E bailes de brancos fora de época de festa. Tinha também as brincadeiras, as brincadeiras chamadas de boi de mamão, tipo aquele boi que tem lá no (risos). Só que era um boi um pouco mais rudimentar, mas tinha.

Aqui nós eramos tudo Jaguaruna... No Sangão mesmo, nunca teve festa do Divino. A festa do Divino Espírito Santo era em Jaguaruna. Eu fui muitas. Aqui passa a bandeira.

Nós tínhamos esse cumbandistas que chamavam de feitiçeiros, que aqui era muito discriminado... Mas nós tivemos, tivemos o terreno do Joca da Rita, que era marido dessa professora que me ensinou a ler, que era apedrejado toda semana ai na, ali próxima onde é a casa do Varga. Atrás, então, tinha o terreno do Joca. Então as moças iam lá, e ele fazia aqueles trabalhinho dele. Contava história e elas acreditava. E ele ganhava um dinheirinho, que ele não era de trabalhar. E esse cara acabou até sendo praticamente assassinado, que andaram agredindo ele ai numa, num baile ai, numa, mas foi programado. I o cara acabou morrendo.

Eu nunca participei de fandango, mais eu sei que existia. Aqui na região da costa da praia, tinha o Zé Candinho, seu Antônio Gildo, Antônio Dias, que é o avô do Rodimar, que fazia esses fandangos. Eu nunca participei. Eu só ouvia dizer, porque era coisa de branco. É os baile de branco, negro não entrava. Então o cara ia fazer um fandango, Deus me livre, negro dá “Ódio”, só!... Nem de longe, minha mãe não deixava eu ir, porque os negros também eram racistas tá. Aqueles que eram discriminado não sei se por racismo, ou até por orgulho

próprio ou por medo. Então não misturava, não ia. Fandango era coisa de branco, negro não ia.

Eu vi muitos lobisomens, muita gente correndo de lobisomem. Nunca existiu lobisomem aqui na minha filosofia de hoje, mas na época um porco, uma porca, no cio era um lobisomem. Como o boi tatá, existiu uma, uma luminosidade que passava ai. Isso até então tinha essas aparições, né. Boi tatá era velinhas que apareciam ai no ar. Lobisomens, bruxas, bruxa andando a cavalo era o que mais tinha ai. É, e elas andavam nuas em cima dos cavalos. Noite de lua cheia então. Nunca vi uma bruxa, mas a maioria das pessoas viam. Todos esses anos, mas tinha a lenda, a Lenda da Bruxa.

Nas festas tinha uns bilhetinhos que se fazia, era o Pão por Deus... E era um tipo de, era um tipo de namoro... assim um projeto de namoro, né. Eu não sei qual seria a palavra mais adequada pra usar hoje, mas na época era um projeto de namoro. “- Lá i vai meu coração nas azas de uma andorinha mando pedi por pão por Deus, nem que seja uma afundadinha”. Porque naquele tempo não existia beijo na boca. Até porque não se escova dente também. Então os cara beijava no rosto. Fungava no cangote né. I eu levei muito bilhetes de namoro pra umas pessoas daqui né, pras moças, mas desenvolvi. Aquelas mais desenvolvidas, as mais chiques, Lorena da dona Lurdes, a senhorinha do seu Emílio, então elas mandavam. “- Zé Odia leva um bilhete, me leva, um cruzeiro, te dou um cruzeiro, se tu me levar”. “- Sim senhora!” Eu falei. Não fazia carta, era um bilhete dobradinho. Eu não lia, mas chegava lá no centro, e dai eu... Pra ver o que é que dizia o bilhete, né, marcava encontro. Eu sabia dos namoro das pessoas de fé. Eu sabia tudo né.

Ah! eu fiz muito Cuscuz. Ajudei muito a minha mãe a fazer, ainda faço hoje. A ‘Bejagica’ é cuscuz, bejagica, beju, isso ai tudo eu fazia.

Também tinha as cantigas de reis. Eu acompanhei, sei até algumas também. (Cantando) “O senhor dono da casa ai ai, da licença pra eu chegar. Nós tamu de guela seca, alguma coisa vão me dar aa.” Dai entrava aquele grupo. (Cantando) “Aaai, ainda não bebemu nada ai, pergunta pro seu Silvériu, nem um golinho de cana, para nós ainda não deram, aaaai.” Ai os cara começavam a cantar. (Cantando) “Foram na casa da cumadre, daqui tu ouvia, eles vinham na tua casa e já deixava a porta aberta bunitinho.”

A porta tava fechada só encostada né, pra eles chamarem. Daí eles cantavam. Os dono da casa iam lá abriam a porta. Faziam as honrarias... Aí eles entravam cantavam. Era uma espécie de reza. Era quase que nem vamos dizer é. Era um respeito, quase que nem a bandeira do Divino.

Eu morei muito tempo no Rio Grande do Sul. Eu digo que nós somos um povo. Pelo menos no Litoral Sul, de Santa Catarina, ele é um povo assim de poucas raízes. Eu acho que nós aqui fomos desenvolvido por pessoas que vieram de fora. Tudo veio de fora pra cá. Tu vê que os Pereiras e os Batistas que começaram isso aqui. Depois vieram os negros né. Os negros aqui andavam meio escondido. E eles viviam lá dentro é, que não era um quilombo. Viviam dentro, das... das, que podiam chamar de fazendo né, das áreas dos seus senhores. E quando libertaram vamos dizer a escravatura, custou muito a chegar aqui, comunicações aqui, praticamente não existiam. Nós é que não guardamos raízes. Eu também não sei porque, mais eu acho que a principal causa é de nós não termos nativos. Os nativos tinham. Eram índios né, que nois não chegamu a conhecer, porque dizimaram antes. Eu converso de vez em quando, porque, como eu te disse, eu tenho pouca escolaridade, mais eu lia algumas coisas a respeito disso. Eu me informo muito né. Agora menos, mais quando nós criamos o município. Eu sou membro da comissão emancipadora do Sangão. Eu corria até alguns riscos, porque eu toquei em feridas que estavam cicatrizadas né, pra dizer da razão de nos criarmos o município.

Tem muita coisa escondida por ai. Então algumas coisas que aconteceram que

seriam histórias, né, foram detonadas, né. As pessoas que sabem não gostam de comentar. Nós tivemos aqui a verdadeiros casos, né. Casos que são verdadeiras histórias, mas que esconderam. Assassinatos que aconteciam né, prisões né, que se faziam. Prisões autoritárias, né, Temos um caso que é, pra mim, é recente o caso do seu Jonés.

A formação do Morro Grande em si, foram essas duas famílias aí: Pereira e Batista. Tah, e os negros, que não se contava mais, por isso eu te digo, até eu, olha bem, até eu de vez em quando cometo essa gafe de não lembrar. Por que? Os Batistas, porque aqui o Morro Grande em si, não existia né. Aqui era uma área de matas né, mata virgem. Eles vieram e se instalaram. É chamado de costa da praia aquela região entre, ali o Valdeci, porque tem muita gente que diz: “a Praia do Campo Bom”, aquela praia do Campo Bom, porque o nome daquele lugar é Campos Verdes. Campo Bom é aquela área da Lomba pra cá, então eles chamavam de Costa da Praia.

O Morro Grande surgiu antes de Sangão, muito antes, muitos antes. A estrada, na época, era o mar. Então eles vinham pra Laguna, tah. De Laguna alguns se arriscavam a navegar, até aqui a barra do tornéro, porque eles vinham pela costa não tinha instrumento nenhum. Dali eles aportavam e saiam pra cá. Então começaram a formar. Então aí eles começaram a desenvolver a cultura da mandioca né, que era o principal. O Leonel Batista que já era o mais, era mais hábil. Foi quem desenvolveu a tal de palhoça. Foi quem começou a atrair os negros pra trabalhar na palhoça. I pagava por mês, ou por semana, sei lá. Eu sei que os negros que trabalham na palhoça. Bah o cara tem dinheiro. O cara recebia, ganhava dinheiro. Aí, com o decorrer do tempo, o Manoel Amansio também montou uma palhoça né, que eles vendiam. Vendiam muito essa “clina” na época. Era para o Morro Grande que nem as cerâmicas são hoje né. Então, o princípio daqui, os fundadores do Morro Grande foram os Pereiras e os Batistas. Porém com a vinda da Ferrovia, tah, aí começaram a vir os falados turmeros, que era o pessoal que fazia a conservação da linha. Não é que nem hoje que o pessoal vem de Tubarão, Jaquaruna, não. Cada local assim, tinha, tinham um grupo de pessoas que chamo de casa de turno na Água Boa já viu? Ali era o pessoal que trabalhava na ferrovia. Aqui na Garganta tinha outra, que é ali perto onde é hoje, a casa do Nico Sal, tinha outra casa de turno.

E sei aí, a Ferrovia faziam a casa e colocavam os caras. Bah os caras que era ferroviários eram gente, muito bem financeiramente pra época. Por quê? Tinham dinheiro pra comprar comida, né. Eles plantavam alguma coisa pra comer e ainda tinham dinheiro pra comprar roupa, pra comprar isso, pra comprar cavalo né. Eram gente muito bem, mas é mais ou menos isso. Agora os negros, a gente não conta, porque os negros vieram através deles né.

No Morro Grande tinha os italianos, alemães poucos. Tinha os italianos aqui que vieram depois também, que são os Scremins né, os Savi, tivemos o seu Ciró, aquele que é pai do seu Ivo, que eu não sei nem o sobrenome dele, que chamava de Ciró Italiano, chamava Ciró Italiano. E mais tarde, a família do Pedro Maurílio, da dona Albina né, pelo nome era Italiano, o mais era poucas famílias.

Aqui predominava negros e portugueses. Aqui tinha muita festa, mas muito preconceito também.

6.2.1 Considerações sobre a narrativa 1

A narrativa é contada por um narrador-personagem. Em todas as passagens da história, percebe-se sua atuação direta ou indireta, procurando demarcar o seu lugar como afrodescendente. Percebemos que sua ascendência de escravos aparece reiterada no olhar do narrador ao longo das passagens e dos momentos da história de seu lugar. Assim sendo, seu papel social prepondera, dando o tom às linhas da história que tece. Assim como referenciado nos textos acima, Bosi classifica a memória em dois tipos, justamente por existir essa flexibilidade e possibilidade de intervenção do narrador. Para Bosi,

De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado (BOSI, Alfredo, 1994, p.37).

Como a narrativa é proveniente de costuras das entrevistas, constata-se que essa não segue um tempo linear. O narrador tanto se reporta ao passado como traz o passado para compará-lo com o tempo presente, atribuindo um tempo psicológico à narrativa.

Há diferentes espaços focalizados nos momentos narrados. As casas, os salões, a ferrovia, são palcos tanto para os conflitos quanto para as festas, para os momentos de lirismo, nostalgia e melancolia.

Além do narrador, outras personas/personagens aparecem nas linhas da história, como a Família Batista: Hipólito Batista, Leonel Batista, entre outros. Além de moradores fixos, como José Pereira, Zé Candinho, seu Antônio Gildo, Antônio Dias, e outros.

Leonel Batista é a persona/personagem que mereceu um lugar especial no enredo: Ele afirma que “Leonel Batista tinha um poder político muito grande e era uma espécie de coronel na época”.

Ao comentar sobre a Família Batista e seu papel na origem de Morro Grande, ele demonstra a sua insatisfação perante aos maus tratos que afirma terem acontecido. Procura, em vários momentos, confirmar sua versão sobre o fato de Leonel Batista ter colocado fogo nas casas, colocando-se presente nos acontecimentos narrados. “Hipólito Guimarães Batista, Leonel Batista, que queimavam a casa dos negros... queimavam a casa dos negros. Eles não

eram ruins, eu digo, eles eram bandido mesmo”.

Tal aspecto pode ser entendido como tentativa do narrador legitimar sua história. O fato de buscar a legitimação de sua teoria através da aproximação pode relacionar-se com a teoria de Meye, que afirma ser a memória uma total construção através da imaginação e do saber representar, sendo assim, a mesma pode ser refeita a partir de nossas experiências pessoais mais próximas: “Memória, imaginação e representação são bases que sustentam qualquer narrativa sobre o passado e o presente” (MEYE, 2002, p.53).

Merece ser destacado que a predominância do tempo pretérito imperfeito, conotando um passado que parece não ter sido bem concluído, que ainda se presentifica, a partir de suas imperfeições.

Ao mencionar que “A verdade parece impossível. Sabe a história, tudo que é história de negro no Brasil é contado por um décimo né. A história do negro ta bem embaixo do tapete, né. Tá no subterrâneo” consegue-se identificar a insatisfação do narrador diante do que conta. Sua história aparece permeada de mágoa e também não ocorre uma identificação cultural que ele considera legitimada. “Tem muita coisa escondida por aí. Então algumas coisas que aconteceram que seriam histórias, né, foram detonadas, né. As pessoas que sabem não gostam de comentar”.

Ele se mostra como alguém muito ativo e que esteve atento aos acontecimentos. Tal aspecto lhe oportunizou a aquisição de muitas experiências que demarcaram a sua vida. Uma delas foi exclusivamente o estudo. Seu conhecimento foi impulsionado pelo contato com professoras que moravam em sua casa. “Na minha infância... eu sou dos poucos negros daqui e brancos que aprendeu a ler com cinco anos. Porque moravam professoras, então eu estudei aqui no Morro Grande. Eu era amigo da Dona Moza que era nossa catequista. Então eu aprendi a ler o catecismo. Eu lia o jornal que vinha da Aparecida do Norte. Às vezes eu via, lia soletrava algumas frases da Revista Cruzeiro da época”.

A narrativa mostra o grande pertencimento do narrador/personagem com seu lugar. Afirma ter um vínculo muito forte com a sua comunidade, destacando essa ideia ao contar que, embora tenha realizado muitas viagens pelo Brasil, sempre retorna para sua “terrinha”. Conforme suas palavras: “Mas nunca fiquei um mês sem botar o pé aqui na terrinha”.

Ao falar sobre a formação do lugar, o narrador/personagem comenta como começou acontecer a miscigenação em Morro Grande. Opina, também, sobre o

relacionamento entre as etnias. O narrador se declara contrário às atitudes, denominando-as de “preconceito de besta”.

Em sua narrativa verificamos o processo de hibridização através de situação “as pessoas brancas” do município resultarem da miscigenação entre afrodescendentes e outras etnias. O hibridismo, neste aspecto, representa as naturezas diferentes nas quais permanecem aspectos de suas especificidades. O ato deriva de misturas, sendo essas culturais, sociais, físicas que, na formação do Brasil, originaram-se das diversas migrações desde sua conquista ou descoberta.

Ao citarmos essa narrativa podemos retomar a temática de Hall que friza a questão de que a raça ou etnia, como aqui estamos denominando, é algo construído, portanto, seria impossível dizer fixar apenas uma etnia como formadora, pois todas deram a sua contribuição cultural. “A raça é uma categoria discursiva, e não uma cultura biológica” (HALL, 1999, p.63).

Observamos, na narrativa, o sincretismo religioso e o escamotear da identidade na medida em que o afrodescendente em idade avançada tem que atuar como “benzedor” para sobreviver. Na história/memória, o narrador/personagem declara que não conheceu os indígenas, pois não tiveram contato e/ou convivência. Entretanto, comenta que conheceu os vestígios da existência dos mesmos em sua comunidade. “Nós temos um sambaqui aqui, tu sabia? Aqui atrás da casa do seu Antônio Porfirio. Eu brinquei muito naquele sambaqui ali, ainda existe, ta meio rostido, mas existe, existe”.

Percebemos que, se por um lado o narrador revela o silenciamento das vozes dos indígenas na narrativa que faz sobre sua história e da comunidade, por outro ele mostra sua existência pelos vestígios deixados pela etnia através dos sambaquis.

Ao contar sobre as festas, os folguedos, constatamos em seu depoimento, a presença tanto da exclusão social como do hibridismo cultural. O narrador relembra como eram as festas em sua comunidade. “nós tínhamos a festa principal, a Festa do São João Batista” “Ai tinha além da festa de São João, tinham os bailes, que se faziam os bailes de negros né”.

Nessa lembrança percebem-se atitudes de segregação racial pela existência de lugares distintos, em um mesmo acontecimento social, para os “negros” e “brancos”. Embora fosse o evento mais marcante, a Festa de São João, até 1960, os participantes permaneciam separados, dançando em lugares diferentes. “Podia comungar. Podia confessar. Ir na igreja

tudo junto. Na hora do baile, eles chamavam o baile da festa de bazar, vinha uma banda, daquela banda de música mesmo, não essas banda ai di bandas marciais. Então as bandas vinham e dividiam, numa parte toca baile de branco, outra toca baile de negro. Então negro não dançava no baile de branco. Tinha salão de negros, mais ou menos ali onde é a casa do Rodmar, e salão de brancos onde é hoje, a casa do Niutinho né. Depois, mais tarde, onde é hoje aquela igreja que tem ali, no terreno do Aldelei, do lado do Osni. Isso na década de 50 até 60 por ai”.

O fato de possibilitarmos o narrador de expor suas angústias, medos e aflições já transformam nossa pesquisa em algo instigante, pois através da história escrita, muitos detalhes se perdem e na história oral, o recontar com sentimentalismo suscita a vontade de conhecer e entender o histórico que vem a ser narrado. Sobre esse aspecto citamos Pollack, que reflete as memórias subterrâneas, escondidas nas narrativas desses silenciados: “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional” (POLLACK, 1989, p. 4).

Outro aspecto, conforme comentado, seria a presença dos folguedos, como o Boi de Mamão, tipicamente da cultura açoriana, ser contemplado pelas diferentes etnias, como os afrodescendentes. O folguedo, diferentemente do baile, promovia a atuação efetiva de todos. Tal situação evidencia o processo de hibridização nas manifestações culturais. As palavras que se destacam nesse momento da narrativa salientam a descendência africana. “Tinha também as brincadeiras, as brincadeiras chamadas de boi de mamão, tipo aquele boi que tem lá no (risos). Só que era um boi um pouco mais rudimentar, mas tinha”.

Verificamos também, na fala abaixo, a mistura alimentar, da mandioca (indígena) com outros alimentos. Grande parte da comunidade, inclusive a própria família Batista, trabalhava com o processamento da mandioca. “Então ai eles começaram a desenvolver a cultura da mandioca né, que era o principal. O Leonel Batista que já era o mais, era mais hábil”.

O narrador reconhece e se identifica com aspectos culturais que permeiam a sua cultura de origem e também os de outras que influenciaram, contribuindo para o caráter híbrido atual. Destacamos, assim, o candomblé da cultura africana, o fandango e as lendas da cultura açoriana. Durante esse ponto da narrativa, os valores culturais, lendas, atitudes,

culinária aparecem revelando o hibridismo cultural do narrador/personagem e também seu misticismo e “esperteza” na entrega dos “bilhetes de amor”. “Nas festas tinha uns bilhetinhos que se fazia, era o Pão por Deus... E era um tipo de, era um tipo de namoro... assim um projeto de namoro, né. Eu não sei qual seria a palavra mais adequada pra usar hoje, mas na época era um projeto de namoro”. Neste caso, percebe-se que o narrador coloca em cena o diálogo e também introduz versos que são por ele cantados durante a narrativa, posicionando-se como personagem em sua história.

“- La i vai meu coração nas asas de uma andorinha mando pedi por pão por Deus, nem que seja uma fungadinha”.

Tal relato relaciona-se muito bem com as falas de Hommy Bhabha, que busca refletir a questão do estereótipo, onde não existe uma unicidade e sim a junção de várias culturas distintas, não existe o novo por muito tempo, ele é transitório a partir do contato cultural. E percebemos claramente na falas do N1 que sua vida foi moldada pelas misturas étnicas, e por suas descobertas.

O estereótipo, então, como ponto primário de subjetificação no discurso colonial, tanto para o colonizado como para o colonizador, e a cena de uma fantasia e defesa semelhantes - o desejo de uma originalidade que é de novo ameaçada pelas diferenças de raça, cor e cultura (BHABHA, 1998, p.117).

Em alguns momentos da história, ao narrar suas ações e apresentar sua fala, ele se revela contraditório ao que afirma. “Eu vi muitos lobisomens, muita gente correndo de lobisomem. Nunca existiu lobisomem aqui na minha filosofia de hoje, mas na época um porco, uma porca, no cio era um lobisomem”.

As lembranças da infância são marcadas pelo misticismo, por sua participação nos folguedos da etnia açoriana, como o Pão por Deus e pelos versos que entoa na Cantiga de Reis. “Também tinha as cantigas de reis. Eu acompanhei, sei até algumas também. (Cantando) O senhor dono da casa ai ai, da licença pra eu chegar. Nós tamu de guela seca, alguma coisa vão me dar aa. Dai entrava aquele grupo. (Cantando) Aaai, ainda não bebemu nada ai, pergunta pro seu Silvériu, nem um golinho de cana, para nós ainda não deram, aaaai.” Ai os cara começavam a cantar. (Cantando)”

Mais uma vez, observa-se o narrador se posicionado como personagem protagonista de sua história. Ele coloca em cena aspectos do legado da escravidão que vivenciou. “Eu só ouvia dizer, porque era coisa de branco. É os baile de branco, negro não entrava. Então o cara ia fazer um fandango, Deus me livre, negro dá “Ódio”, só!... Nem de

longe, minha mãe não deixava eu ir, porque os negros também eram racistas tá. Aqueles que eram discriminado não sei se por racismo, ou até por orgulho próprio ou por medo. Então não misturava, não ia”.

Além de dar voz ao afrodescendente, ele coloca em cena o indígena, autóctone, em uma tentativa de também lhe dar vez em seu enredo, pela ausência na história oficial. O narrador atribui fervorosamente a formação de Morro Grande à família Batista e demonstra a pouca valorização com os afros de sua região. Ao colocar em cena seu papel social, percebemos que o narrador apresenta sua história muito próxima a momentos do enredo do filme *Narradores de Javé*. Tal como em narradores do filme, a história narrada baseia-se na experiência de vida do narrador. “Tudo veio de fora pra cá. Tu vê que os Pereiras e os Batistas que começaram isso aqui. Depois vieram os negros né. Os negros aqui andavam meio escondido. E eles viviam lá dentro é, que não era um quilombo. Viviam dentro, das... das, que podiam chamar de fazendo né, das áreas dos seus senhores. E quando libertaram vamos dizer a escravatura, custou muito a chegar aqui, comunicações aqui, praticamente não existiam”.

A visão subjetiva dos fatos acontecidos prepondera, matizando a narrativa. “No Morro Grande tinha os italianos, alemães poucos. Tinha os italianos aqui que vieram depois também, que são os Scremins né, os Savi, tivemos o seu Ciro, aquele que é pai do seu Ivo, que eu não sei nem o sobrenome dele, que chamava de Ciro Italiano, chamava Ciro Italiano. E mais tarde, a família do Pedro Maurílio, da dona Albina né, pelo nome era Italiano, o mais era poucas famílias”.

A narrativa se encerra com a alusão a existência de outras etnias, inclusive mencionando nomes e sobrenomes, na formação da localidade. Etnias essas que, com o passar dos tempos, foram se misturando, contribuindo para a formação de um povo com cultura híbrida.

6.3 NARRADOR 2: “ MORRO GRANDE – UM LUGAR MOLDADO PELAS INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS/EDUCACIONAIS/CULTURAIS.”

Tabela 10 – Transcrição da entrevista do N2.

Olha, a minha mãe era de origem italiana, mas o meu pai era alemão. A minha mãe veio da Itália. Ela veio da Itália. Eles veiram da Itália, para mora, foro mora, muitos anos em Morro da Fumaça. Ficô o resto da vida deles mesmo lá né, na Fumaça. E meu pai, ele veio de Braço do Norte.

Eu meu marido, eu casei com um jovem daqui de Morro Grande, o nome dele era Jonés Dias. Criei a minha família aqui. Tenho os quatro filhos né. Quatro filhos e sempre fiquei morando aqui. Nunca sai daqui pra outro lugar. Tenho três filha mulhe e um filho homem.

Sobre convivências na infância: Ah eu quando eu morava no Morro Grande de fora, a gente convivia lá com os mulatinhos. Eles moravam lá naquela coloninha. Então eles paravam junto com nós lá em casa. A gente brincava junto. Muitas vezes eles vinham durmir na nossa casa. Nós vivia, as vezes eles saiam tudo pertinho brincando, tudo perto né. Nossos pais não deixava a gente sai pra longe né. Nós era amigo daquela coloninha ali que tinha ali do Morro Grande de fora.

E a gente brincava muito assim de retis, de um pega o outro, de corre pra pega o outro né. Porque naquele tempo não tinha umas brincadeira bunita como hoje né. Era só coisinha simples né.

Sobre trabalho: Quando era novinha não né, assim a mãe não deixava eu trabalha assim. Tinha os empregado, dai eu ficava mais em casa né. Tinha empregados, ela tinha, eles trabalhavam no serviço assim fora. Os empregados trabalhavam. Era tudo ali da Coloninha que elas trabalhavam lá com os meus pais. Eram os mulatinhos. Era mas pra eles eram igual a um filho né. Eles gostavam muito deles.

Eu estudei. Eu fiz aqui, eu fiz. Nós fomos morar em Criciúma, e lá quando eu morei lá eu fiz a 3ª série do Regional, e depois eu não terminei porque nós viemo pra cá né. Ai, aqui eu tinha feito o quarto ano já, eu já fiz o quarto ano

Ah nossa comunidade sempre foi uma comunidade muito boa. A gente foi umas pessoas que sempre tivemos grandes amigos né. Eu trabalho muito com o povo. Trabalhei muito com o povo. Eu coordenava a igreja qui né. Fui 20 ano presidente da associação do apostolado. Eu tinha um lindo coral, que eu tocava órgão 20 anos, também. Até hoje eu trabalho na igreja né. Na hora que precisa eu to sempre lá ajudando, fazendo tudo.

Sobre igreja: Essa igreja, minha filha, quando eu vim pra cá que se formou, era gente do Batista, que era filha do Leonel Batista. Ela é que coordenava a igreja. Dona Moza, ela que tinha a congregação Mariana. Ela que rezava os terço, depois ela foi arrumando pessoas pra ajudar a rezar né. I ela coitada já tava mais velha assim, mais era coordenado tudo por eles. A igreja foi o Leonel Batista quem fez, quando ele esperaro o nosso padroeiro São João Batista. Foi eles que fizeram tudo isso da igreja. Foram os Batista que fizeram. Os batistas eles eram uns pais pras pessoas né. Eles trabalhavam com a comunidade. Eles eram gente muito bem de vida. Eles davam serviço,. Eles olhavam pelas pessoas. Eles eram bom, como essa dona Moza, era uma mãe pro povo né. A família deles também davam muito emprego, porque eles é que tinham o serviço né. Porque quase ninguém tinha o serviço aqui. Tinha o falecido Durval, tinha o falecido Tunico, tudo que davam empregos pras pessoas. O falecido Durval, ele tinha olarias, assim essas coisas de serviços assim né que eles trabalhavam. E o Tunico Batista tinha, ele tinha negócio assim. Eles trabalhavam com, com bebida. Ele trabalhava aqui. Até meu marido trabalhou muitos anos com ele aqui também. Ele era, como é que se diz? Ele era. É ele tinha aqui alambique, o Batista. E esse Morro Grande foi organizado bem dizer por eles, e o

seu Didi Silvano. O seu Didi Silvano também ajudava muito a comunidade, dava emprego, e trabalhava com o povo. Era eles que mais lutaram por esse povo do Morro Grande.

Sobre distinção entre afros e brancos: Não, eles não tinham assim essa separação, pra eles as pessoas eram boas sabe. Eles tinham pena de uns. Eles ajudavam aqueles que podiam. Eles não olhavam se eram branco ou se era negro

Sobre índios: Não, aqui nós nunca ouvimo falar nisso. Não. Não aqui não.

Sobre festas: A festa de São João Batista, o nosso padroeiro, era uma festa muito bunita. Era uma festa que o povo esperava mesmo. O São João Batista era muito bem arrumado. Ate eu que arrumava ele né. Foram uma festas, olha, valia a pena nosso João Batista. A festa do Espírito Santo era em Jaguaruna né. A festa do Coração de Jesus. E tinha uma festa muito grande que era da Nossa Senhora da Saúde, nos temos aqui.

Tinha, tinha bailes, aqui no Leonel Batista aqui, eles tinham um salão que eles faziam baile ali. Os Reinaldo tinha um salão que fazia bailes também. Era os dois salão que às vezes as gente ia era ali. Também a gente era muito novo, e os pais não deixava. Hoje eu acho que ta muito diferente né. Ta umas coisas bem mais diferente né. Primeiro as coisas eram mais simples né minha filha. Hoje as coisas são mais modernas, se torna mais bonito mesmo, porque era tudo simples né. A gente achava que aquilo era bom né. Mas hoje ta muito bem organizada as coisas, ta muito bonito.

Cantiga de Reis. Cantiga de Reis, às vezes, tinha gente que fazia aqueles ternos de reis. Eles iam nas casas né, mas antes era muito bonito. A gente que não tinha quase farrá nenhuma. Então quando tinha uma coisa assim. A gente gostava de ir né. Não tinha outro divertimento quase, era pouco.

Lenda de Lobisomem e de Bruxa: A isso, eles falavam mais a gente não se entendia nisso né, se falavam que existia isso. Essas bruxas, essas coisas, mas eu, a gente não tem muita noção dessas coisas

Fandango: Ah o fandango eles faziam ai. Mais fizeram uma duas vezes ai. Mais lá em casa o pai e a mãe não deixava a gente ir Nessas coisas né.

Pasquim: A o pasquim eles falavam. Quando faziam alguma coisa não era bunito né. Eles faziam aquele pasquim e desmoralizavam, e falavam, gozavam riam do pasquim né.

(filha da narradora) - Era como se fosse um bilhete jogado de baixo da porta dos outros. Botavam até nas porta assim né, aquelas coisas assim né.

Sobre moradia: Não, eu morei sempre aqui, morava lá fora, mas depois que casei morei sempre aqui. o falecido Didi Silvano tinha as casas muito boa. O Manoel Amancio tinha casa boa. Tudo com loja, muito bonito. Mas hoje tem muito mais, nem da pra, naquele tempo tinha pouca gente né. Mas já existiam casas muito bonitas naquele tempo.

Sobre a baixadinha: Eles foram pra lá, por causa do terreno né. Porque o terreno lá era, era bom. Outros eles ganharam né. Muitos daquele ganharam o terreno. Não foi comprado deles. Então o pessoal que tinha, os donos. Muitos deram um pedaço de terreno pra fazer casa. Outros compraram era mais baratinho. Fizeram lá, porque se fosse comprar aqui na praça, era

mais caro né. Então já procuraram tudo. Já são tudo da família. Ai então tinha um terreninho eles comprava, comprava, outros ganhava. Eles ganhara muito terreno. Eu trabalhava lá no colégio, e eles tudo estudavam lá. As crianças estudavam lá. Vinte e seis anos, eu trabalhei eu era a cordenadora geral lá. Trabalhava lá, era mas as criancinha de lá. Os pais era tudo muito bom. Eles eram muito pobre, mas as criança iam estuda. Todos eles iam estuda. Eles mandavo. Depois eles mandavam porque tinha merenda escolar né. Eles gostavam e mandar, porque dai eles comiam bastante lá né. Um colégio muito bom.

Sobre preservação: Porque do jeito que tem estudo pras crianças, pra tudo, pros grandes, pros jovens, pra tudo quanto é pessoas então cada um deve fazer aquilo que é melhor né. Porque educação vem de cada um né. Se uma pessoa não sabe trata outra é porque ele não tem educação né. Falta de educação não tem. É só querer ter, estudar, aprender, escutar, que as pessoas aprendem a educação né. E os professores se esforçam muito né. Dão força mesmo, porque eu trabalhava lá. Mas foi um colégio muito bom. Até hoje ta um colégio muito bom lá. Tudo bem organizado tudo.

6.3.1 Considerações sobre a narrativa 2

O narrador 2 demonstra ser uma pessoa que teve grande relevância na sua sociedade. Salienta que sua comunidade é realmente muito agradável para viver e que todos os acontecimentos sociais não tiveram histórico de conflito.

Observa-se que o narrador destaca sua ascendência europeia. “Olha, a minha mãe era de origem italiana, mas o meu pai era alemão. A minha mãe veio da Itália”. Porém, apesar de viver numa comunidade pequena, onde todos se conhecem e que tem várias origens, ela teve pouco contato com os vizinhos, destaca que brincava com os negros que viviam ao seu redor. Tal aspecto evidencia as trocas culturais já em sua infância. “E sempre fiquei morando aqui. Nunca sai daqui pra outro lugar. Ah eu quando eu morava no Morro Grande de fora, a gente convivia lá com os mulatinhos”.

Nos momentos da narrativa, o N2 destaca muito o seu papel social perante a comunidade. Afirma, inclusive, que sua comunidade foi boa. Ela dava sua contribuição ajudando as pessoas através das ações promovidas com a igreja. Esse papel concedeu à N2 certa influência em relação aos demais integrantes de sua comunidade.

Conforme Benjamin, o narrador costuma falar basicamente de suas experiências e vai tecendo a narrativa a partir do que viveu e viu, por isso no relato do N2, percebemos a influência de seu papel social em diversos momentos. “O narrador retira da experiência o que

ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1986, p.201).

Na história oral a influência da vida particular do narrador torna a lembrança cada vez mais esclarecedora, pois ao aproximar o fato de seu papel social, a memória histórica parece criar forma e ter um sentido, tanto para o narrador para aquele que o analisa. Disso decorrem similitudes com o filme *Narradores de Javé* que, justamente, salientamos fazer parte do fenômeno diegese. “Sempre foi uma comunidade muito boa. A gente foi umas pessoas que sempre tivemos grandes amigos né. Eu trabalho muito com o povo. Trabalhei muito com o povo. Eu coordenava a igreja qui né. Fui 20 ano presidente da associação do apostolado.”

Em relação à figura heróica em destaque na sua fala, diferentemente do primeiro falante, que demonstra uma versão negativa sobre a família Batista, N2 relata que eram pessoas boas, que ajudavam. Estes faziam parte do mesmo círculo de amizade, trabalhavam juntos, portanto atribui a eles e a si mesmo o crescimento da comunidade. “Foi eles que fizeram tudo isso da igreja. Foram os Batista que fizeram. Os Batistas eles eram uns pais pras pessoas né. Eles trabalhavam com a comunidade. Eles eram gente muito bem de vida. Eles davam serviço. Eles olhavam pelas pessoas. Eles eram bom, como essa dona Moza, era uma mãe pro povo né”.

Observa-se que esse relato aproxima-se do contexto no filme, no qual a mesma história tem várias versões ao ser contada por um e outro. Exemplificando: Indalêncio ora era bom, ora nem era tão bom assim. Nas narrativas obtidas pelas entrevistas, verificamos que Leonel Batista também, ora aparece como bom, ora como nem tão bom assim. Esse fenômeno da assemelhação de uma realidade com uma ficção relaciona-se com a temática da diegese dissertada por Genette, (1972, p.243). O autor afirma que diegese é o conjunto de ações no espaço e tempo em que ocorre a narrativa, sendo assim, o filme e a história coletada nas entrevistas entraram em consonância a partir das ações diegéticas.

A visão sobre determinado fato depende muito do papel social que ocupa o narrador, portanto, N2 tem uma versão diferente de N1 sobre a escravidão em Morro Grande. Nos tópicos grifados com as citações acerca da figura marcante de Leonel, a narradora demonstra haver uma boa relação entre negros e brancos. “Não, eles não tinham assim essa separação, pra eles as pessoas eram boas sabe. Eles tinham pena de uns. Eles ajudavam aqueles que podiam”.

N2 ainda demonstra conhecer quase todos os folgedos citados, com exceção

daqueles que ela possui aversão, como a bruxa e o lobisomem. Segundo suas palavras, ela fora ensinada a entender tal aspecto como coisa ruim. “A festa de São João Batista, o nosso padroeiro, era uma festa muito bunita. A festa do Espírito Santo era em Jaguaruna né. A festa do Coração de Jesus. E tinha uma festa muito grande que era da Nossa Senhora da Saúde, nos temos aqui. Cantiga de Reis, às vezes, tinha gente que fazia aqueles ternos de reis”.

Lenda de Lobisomem e de Bruxa: “A isso, eles falavam mais a gente não se entendia nisso né, se falavam que existia isso. Essas bruxas, essas coisas, mas eu, a gente não tem muita noção dessas coisas”.

Sobre os afrodescendentes, ela conta que eles conseguiram suas terras e sua vida devido à bondade das famílias que já moravam em Morro Grande, e que eles trabalhavam para as famílias “superiores” da comunidade. Esse jeito de ceder coisas e fazer o bem ao próximo, para tal narrador, faz parte da identidade Morro Grandense. “Eles foram pra lá, por causa do terreno né. Porque o terreno lá era, era bom. Outros eles ganharam né. Muitos daquele ganharam o terreno. Não foi comprado deles. Então o pessoal que tinha os donos. Muitos deram um pedaço de terreno pra fazer casa”.

N2 atenta para a educação como uma forma de auxiliar na preservação do passado. Essa situação decorre do fato da função de educadora e, como tal, possui o entendimento perante a ação do profissional da educação com base na valorização da cultura. “Porque do jeito que tem estudo pras crianças, pra tudo, pros grandes, pros jovens, pra tudo quanto é pessoas então cada um deve fazer aquilo que é melhor né. Porque educação vem de cada um né. Se uma pessoa não sabe trata outra é porque ele não tem educação né. Falta de educação não tem. É só querer ter, estudar, aprender, escutar, que as pessoas aprendem a educação né. E os professores se esforçam muito né. Dão força mesmo, porque eu trabalhava lá.”

6.3.2 Analogia com Narradores de Javé

As narrativas dos moradores de Morro Grande, em alguns aspectos, assemelham-se às narrativas do filme *Narradores de Javé*, especialmente quando tais narradores frisam a sua fala, sendo tal relato verídico, pois foi presenciado pelo mesmo, ou tem qualquer proximidade. “Mas isso ai eu vi, ninguém me contou, as casas. Eu conheci as casas (aquelas

que colocavam fogo)”.

Ou, então, pelo seu papel social perante o ato contato, ou seja, os folguedos culturais que questionávamos, ele recontava destacando a sua atuação na execução de tal ato. Como no caso do pão-por-Deus, ele diz conhecer, mas não se basta nisso, cita que, inclusive, era o entregador dos bilhetinhos. “I eu levei muito bilhetes de namoro pra umas pessoas daqui né, pras moças, mas desenvolvi. Aquelas mais desenvolvidas, as mais chiques, Lorena da dona Lurdes, a senhorinha do seu Emílio, então elas mandavam. - Zé Odia leva um bilhete, me leva, um cruzeiro, te dou um cruzeiro, se tu me levar”. “- Sim senhora!” Eu falei.”

Assim como faziam os narradores do filme, colocavam-se no local do personagem, para legitimar sua versão sobre a história.

6.4 NARRADOR 3: “MEMÓRIAS DA CULTURA HÍBRIDA”

Tabela 11 – Transcrição da entrevista do N3.

Depois que eu me entendi por gente, eu entendi que meu pai morava, lá no riachinho. Do riachinho, ele foi pra esplanada, e a primeira filha que nasceu na esplanada. Foi eu, né, na esplanada. Ai, eu vivi lá até vinte e dois anos. E ai depois minha mãe morreu com quarenta e sete anos de família, né. E ela é descendente de alemão, e o meu pai é de índio. Então, depois, eu vivia sempre na esplanada, nunca nem... Conheci o Morro Grande depois que casei. A minha infância foi na esplanada. Foi tudo mantida lá. E ai depois que eu casei, que eu tive os filhos, e vivemos aqui. Aqui era só, era um lugar, um lugar baixo, um lugar pequeno, muito pouca gente, muito barreiro, muito mato. Lá (na esplanada) tinha os negros daqui que iam lá em casa do meu pai. Meu pai tinha engenho de cana, engenho de farinha, olaria, tudo isso né. Era um homem bem, era um fazendeiro, muita criação, muito né. E recebia muitas négradas daqui lá né. Ele, a descendência dele também pertence um pouco de índio, né. E origem, acho que brasileira né. Daqui do Brasil mesmo, a minha sogra. Eu casei, aiaiaiai, faz... O Manoel ta com sessenta e cinco anos. Então faz mais ou menos isso. Sessenta e seis que eu vim pra aqui pro Morro Grande, que eu conheci. Porque eu casei acabo de nove meses eu ganhei o Manoel, né.

Sobre as pessoas do Morro Grande: Dos negros, ó, que eu entendia que era mais os primeiro que era que tinha loja tudo, era os Amâncio. A geração do falecido Amâncio que ele tinha uma loja né. E os Batista que foi quem originou o Morro Grande, que até o terreno do lá, do picadão, até no, na, lá no. Ai meu Deus, no João da Marlené esse terreno aqui era tudo do meu sogro. Até no Sangão, desde o trilho, NÉ. Então, depois por causa da pobreza deles, porque eles eram pobres. Meu sogro era muito velho, NÉ. Ele casou já muito velho, muito idoso, que ele casou com cinquenta e poucos anos e a minha sogra com trinta. Então já tiveram os filhos já muito velho né. Então, ai, eles eram muito pobre. Eles perderam os

terreno tudo. Os Batista comeram tudo o terreno deles, Ficou só uma coisinha pouca. E pertencia a Jaguaruna, é!

Sobre índio: A gente ouvia falar, mas não via índio. O... como era o nome do benzedor que tinha ali, no Orvalho?? Era um negro e nós chamava pra ele de indinho, NÉ. Quando ele chegava lá em casa, nós abraçava ele. E chegavam lá de noite, trabalhavam com nós escarçando algodão de noite. Elas trabalhavam com nós, escarçando algodão. A minha mãe vestia nós tudo com roupa do tear né.

Sobre infância: Meu pai mandava nos se vestir de palhaço, e nós ia brincar. O meu cunhado, ele tocava gaita de boca. Tinha dia de nos dançar a tarde toda, mas era umas dança, uns namoro de respeito, né. Eu tive os namorado lá. Eu namorei bastante. E a gente, tempo de carnaval, o meu pai fazia assim ó: “Era uma noite numa casa, outra noite noutra”. Então, a gente se se brigasse ó, marmelo. E, mas ele primeiro, botava todo mundo ao redor da mesa pra reza. Então era um pessoal unido. E as festa na igreja, tinha festa de Santo Antonio, na igreja da esplanada né, que era muito bonito. E as festa de terno de reis era muito lindo. Ai, a minha mãe fazia muito doce. Então nos farreava muito, né. Era muito legal.

Sobre as festas: Aqui era a festa de São João Batista era muito bonito, tinha as procissão, não ficava uma pessoa só no canto, sem acompanha a procissão. A procissão ia longe. Agora hoje não existe mais. O terno de reis tinha, era lindo. Quem fazia era o falecido, Zé girdo, era lindo, era lindo!

(Eram brancos?) Brancos! não tinha negro, é! Tudo branco e fazia o terno de reis, eles. Era muito lindo o terno de reis. E a gente, até que quando eu vejo canta um terno de reis eu choro muito. É!

Sobre o trabalho: Lá eu trabalhava muito na roça, enquanto a minhas irmã, a minha mãe estava com vida. Depois que a minha mãe morreu, aí eu não trabalhei mais na roça, era no engenho de cana, na olaria. Nós carregava telha, vagão de telha. E aqui, depois que eu vim pra aqui eu ia trabalhar na olaria, com o José, ali na olaria dos batista né. Então eu vinha com filho no colo e nos todo dia de noite nos ia faze sepo de tamanco pra ele vende lá na Esplanada pra sobra dinheiro. E o nosso trabalho era sacrificoso, era horrível.

Eu vim pra cá depois que eu casei, mas ouvi fala que os primero que veio pra cá foi os Batista. E descendência, é do Amâncio, né, não se era... Mané, Manoel Amâncio., Não era o négo Amanso lá de cima, era o Mané Amancio ali da esplanada, ali da, do , que morava ali perto da estação.

Sobre maus tratos: De certo, era né, pois agora eu não lembro. Agora a mãe da, do mulher, do, do, coisa lá do Batista era muito ruim. O Batista, o Leonel Batista mando queima tudo a casa das négrada ali fora na coloninha, né. Mando bota fogo na casa da do da négrada, porque tinha uma coloninha de negro ali. E agora, o Manoel Amâncio era muito caridoso. Dize o povo que eles era muito caridoso. Ele tinha loja, tinha tudo. Mercado, e era muito caridoso. Que eu me lembro é disso, depois que eu casei que eu ouvi falar.

Sobre comidas: Nós fazia cuz cuz, beju, tapioca, beja jica, fazia farofa de amendoim. Fazia carretero que era do tempo do antigo, o toicinho, mocotó, caracu no feijão, era o que mais a gente gostava, comia, né. Aquelas bucharada secava pra gente come. Charque, o charque, meu

pai fazia um barril cheio de charque e aquilo ali durava tempo, torresmo, polentas. Era um tempo alegre, meu Deus, a minha vida era uma vida de alegria. Nós trabalhava lá na Criciúma, na mina. Eu guardo tudo na idéia. Graças a Deus que a minha memória ta bem forte.

Cantiga de reis: O meu pai fazia assim, uma sábado era na casa dele. A gente lembra muito do meu pai, ele morreu com noventa e sete anos. Ai, eu sinto muita saudade dele.

Cantiga de reis – (cantando) “Santa Barbara gloriosa, é bonita como a rosa, quando o bom Jesus nasceu, todo mundo claresceu, preguntaro as pastorinha, pastorinha deu bom dia, vem de vê Santa Maria, todas 3 foi visitada com o bom Jesus no altar.”

Reza: é bom pra ti aprender, porque apazigua uma briga, vou rezar. (rezando) “Santa Catarina na Sexta Feira da paixão foi em casa de Adão, encontro com sete mile homi, tom brabo como leão. Pela lei divina, peço meu Deus e a Santa Catarina revogai essa consumissão, apaziguai essa briga com a sua bendita mão. E a tempestade também benze com essa oração”.

Bandeira do Divino Espírito Santo Espírito Santo (cantando): “Salve, o Divino Espírito Santo, Nessa casa ele chego, visitai essa família, espirito santo abençoô. Salve o Divino Espírito Santo Espírito Santo, salve o Divino Espírito Santo Espírito Santo, visito Virgem Maria, que ela teve o seu filho dentro da estrebaria,

Benedura: Uma vez eu levei o Bento na na, o Bento tava ruim, e eu levei o Bento numa mulher que tinha ali embaixo, é, e ela benzeu. Ela tava benzendo ele e disse assim, ela batia o pé no chão e dizia: “ esse teu filho ta embruxado”. Ai eu disse assim: “- ai meu Deus do céu, credo em cruz, não existe isso. Tá embruxado sim!”. Ai eu peguei tinha um home aqui em cima, um homem, um négo, que era lá da banda de porto alegre, eu peguei trusse ele ali. Eu quase morri de medo, olhava pra cima, eles brincava com terno de reis, brincadeira assim né. Eu olhei e vi aquela cabeça de boi, eu digo ai Santo Deus, aonde é que eu to?.

Misticismo: Que a primeira pessoa que chega lá é a bruxa.

Pasquim: Pasquim é aquilo que existiro na, a poco tempo ainda tiraro aqui ó Nessa, nossa rua. Eles invento uma porção de coisa da pessoa, no tempo do Deus me perdoee,

Parte de corpo de massa: Isso ai eu tenho muita fé em Deus. Já fiz e foi aceita. Uma vez eu tava com muita dor nas pernas, parai, no meu braço, foi no braço. Eu prometi um braço de massa pra Son Sebastião, se o meu braço. E eu mais a minha irmã a cumadi Ida, nós fomos lá. Nós tava dento da igreja. Então porque tu não faz? Tu tem mais fé do que eu. Ai eu peguei e fiz

Ai ele disse assim: “- O que que foi Dona (...)?” Eu disse: “-E o José que ta com a perna doente e pediu pra mim leva ele no médico, e eu ia arruma um carro.São Sebastião, tu vai ganha tua perna, Son Sebastiao, tu vai ganha tua perna.” E São Sebastião ajudo.

Mesa dos inocentes? A mesa dos inocentes é a coisa melhó que tem! Mas com calma assim.

Farra do boi, fandango: Fandango, ah adoro! Ai o meu velho, o meuuu velho uma vez nos fumo num, la na na Jaguaruna, não em São Paulo. E chegemo lá, na Terezinha teve um fandango. Ai como aquele home choro, e eu tombem chorei né, de dó. Eles davou, eles fizeram

essa promessa pra **Son Gonçalo**. Oh mais era legal! Como é que se dança o fandango? É o fandango é dançado assim ó ; (dança, batendo os pés).

Capoeira, candomblé, benzedeira: Eu benzo de azipra. Eu benzo de azipra. Eu benzo de zipra e faço a oração de Santa Catarina. Eu faço e apazigua uma briga. Já apaziguei muita briga com isso.

Pomba-gira, caboclo, preto-velho: Isso ai, eu não gosto nem de fala, porque Deus o livre, porque tenho até pavor! Eu conheci em Porto Alegre, (**gente que faz**)é!

Pão por Deus: Quando chegava mês de novembro, abria o aipê amarelo, formava aquela coisa mais linda, se abria tudo né. Então a gente dizia assim, os **namorado**, ate os namorado né: Eu quero um **pão por Deus**, ou mandava uma cartinha pedindo um pão por Deus

Ratoeira e a chamarrita: Ai meu Deus do Céu!! (sinal de espanto e riso). **(Cantando) Chamarrita**, chamarrita, chamarita meu chapéu, quem não dança chumarrita não pode entra no Céu. E tinha aquele fandango, o coisa, era assim ó, a gente diz assim: (cantando) “Pa canta na ratoera, Pa canta na ratoera, não percisa i Pa escola ..”.

Sobre religião: A religião é assim ó, no tempo da dona catina. A **dona catina, o seu Jack também** era um homi muito religioso. Ele trabalho muito na igreja. E **a dona catina** quando ela ia da catequese pras criança era uma coisa séria.

Sobre passado e preservação: Eu acho muito, que não se faz mais nada. Cabo-se! Cabo-se o prazer da antiguidade. **De primero era lindo da gente vê. O pessoal se diverti. As musica, tudo era... era gaita de boca, era pandero, era garrafa, Eles tocavo numa garrafa. Batio numa garrafa já era uma música. Eles faziam tamborim, né. E aquilo tudo pra nós. Nós passava a tarde brincando com qualquer coisa, com qualquer... O Julo, meu irmão,** tinha uma gaita de mão. Então ele tocava aquela gaita de mão, não tocava bem, mas tocava.

Sobre museu: Isso ai vai dar muito pano pra resolve. Pra resorve os perdido dos passado, olha não vorta mais. Devido a droga, devido as bebida, que antigamente o pessoal bebio mais não é iguala hoje. **Eu acho que não tem mais arrumação. Eu acho que assim, pra eles bota mais em como era a ordi antigamente, eles não sabe, eles não pode mais.**

6.4.1 Considerações sobre a narrativa 3

N3 conta sua história com detalhes. Este narrador possui a idade mais avançada que os demais narradores/entrevistados. Ela inicia sua narrativa destacando sua ascendência indígena e brasileira, esta última podemos entender como portuguesa. Afirma ter crescido na Esplanada, um município vizinho à localidade de Morro Grande, que depois veio para Morro

Grande e viveu sua vida de casada, até os dias atuais. Trabalhou com engenho de cana e farinha.

Percebe-se, em suas palavras iniciais, o hibridismo cultural colocado em cena, mediante a constatação da mistura dos saberes indígenas aos portugueses, através da lembrança do trabalho nos engenhos. “Meu pai tinha engenho de cana, engenho de farinha, olaria, tudo isso né. Era um homem bem, era um fazendeiro, muita criação, muito né. E recebia muitas negradas daqui lá né. Ele, a descendência dele tobem pertence um pouco de índio, né. E origem, acho que brasileira né. Daqui do Brasil mesmo, a minha sogra”.

Ao contar sobre a história do município de Sangão, além de mencionar a família Batista, N3 também cita a família Amâncio. E a versão que ela nos conta sobre os “Batistas” se assemelha com a desenhada pelo N1. Em sua narrativa, N2 afirma que os Batistas eram elitizados e que, inclusive, tal família roubou as terras de seus familiares. Percebe-se certa proximidade com a relação do colonizador com o colonizado. “A geração do falecido Amâncio que ele tinha uma loja né. E os Batista que foi quem originou o Morro Grande, que até o terreno do lá, do picadão. Então, ai, eles (família dela) eram muito pobre. Eles perderam os terreno tudo. Os Batista comeram tudo”.

A constatação das diferentes narrativas sobre os mesmos fatos evidencia que a ‘verdade’ da história decorre do foco dos diferentes narradores. A construção historiográfica pelo relato oral não busca uma resposta para uma pergunta, ela delimita indagações a respeito de um fato. Através deste aparecem diversos recortes, que não são nem mais e nem menos importantes que outro, assim como afirma Scwarzstein, in Ferreira:

Creio que não existe uma única voz; existem muitas vozes latino-americanas da história e da história oral e essas vozes são nossos temas, nossas perguntas, nossos atores, nossas culturas, nossas identidades e, creio ainda, estamos comprometidos com o desafio de encontrar novos modos de focar o passado para recuperar seus múltiplos significados e, assim, participar ativamente no processo social da construção da memória (SCWARZSTEIN in FERREIRA, 2000, p.103).

N3 ao abordar sobre a etnia indígena, a mesma destaca o apelido dado a uma pessoa, ou seja, uma lembrança remete a outra. De uma forma um tanto quanto embaralhada. “A gente ouvia falar, mas não via índio. O... como era o nome do benzedor que tinha ali, no Orvalho? Era um negro e nós chamava pra ele de indinho, né. Quando ele chegava lá em casa, nós abraçava ele”.

O N3 narra suas lembranças com emoção. Conta ter sido a infância o período melhor de sua vida. Ela é uma pessoa participativa que tinha vínculos sociais e com isso adquiriu aspectos culturais diversos. Na narrativa oral, muitas vezes, as lembranças trazem à tona sentimentos nostálgicos e emotivos. “Então era um pessoal unido. E as festa na igreja, tinha festa de Santo Antonio, na igreja da esplanada né, que era muito bonito. E as festa de terno de reis era muito lindo. Ai, a minha mãe fazia muito doce. Então nos farreava muito, né. Era muito legal”.

N3, assim como os outros, recorda o terno de reis e a festa de São João Batista. Ao falar sobre estas manifestações culturais, N3 se emociona. Verifica-se a relevância da cultura ao sentimento de pertencimento. A identidade desenha-se pelo valor atribuído à cultura. “Aqui era a festa de São João Batista era muito bonito, tinha as procissão, não ficava uma pessoa só no canto, sem acompanha a procissão. A procissão ia longe. Agora hoje não existe mais. O terno de reis tinha, era lindo”.

Nessa narrativa percebe-se a versão em que a família Batista era responsável pelos maus tratos, diferente da família Amâncio, assim como demonstra na fala: “Agora a mãe da, do mulher, do, do, coisa lá do Batista era muito ruim. O Batista, o Leonel batista mando queima tudo a casa das negrada ali fora na coloninha, né. Mando bota fogo na casa da do da negrada, porque tinha uma coloninha de negro ali. E agora, o Manoel Amâncio era muito caridoso”.

Sobre os vários aspectos que enunciam o hibridismo cultural, podemos destacar as comidas típicas açorianas que se misturam às indígenas, e também a “cantiga de reis”, cantada, durante a narrativa, pelo N3. “Nós fazia cuz cuz, beju, tapioca, beja jica, fazia farofa de amendoim. Fazia carretero que era do tempo do antigo, o toicinho, mocotó, caracu no feijão. Cantiga de reis – (cantando) Santa Barbara gloriosa, é bonita como a rosa, quando o bom Jesus nasceu, todo mundo claresceu, preguntaro as pastorinha, pastorinha deu bom dia, vem de vê santa Maria, todas 3 foi visitada com o bom Jesus no altar”.

As rezas, certamente de influências açorianas, aparecem também em sua narrativa. Observa-se a religiosidade como um elemento marcante na história contada por N3: a mensagem. “É bom pra ti aprender, porque apazigua uma briga, vou rezar. (rezando) Santa Catarina na Sexta Feira da paixão foi em casa de Adão, encontro com sete mile homi, tom brabo como leão. Pela lei divina, peço meu Deus e a Santa Catarina revogai essa consumissão, apaziguai essa briga com a sua bendita mão”. Diferente de outros narradores, o

misticismo também recebe foco na narrativa do N3. A presença de histórias sobre bruxarias e benzedeiras são contadas pelo N3 com muito entusiasmo e ‘veracidade’. Conclui-se que esse imaginário é um elemento em sua identidade cultural. Reiterar sua possível existência, ao recontá-las, torna-se relevante à sua vida. **“Bruxa:** Que a primeira pessoa que chega lá é a bruxa. **Parte de corpo de massa:** Isso ai eu tenho muita fé em Deus. Já fiz e foi aceita”.

Alguns aspectos culturais, como a parte de corpo de massa, mesa dos inocentes não são muito lembrados na maioria das histórias. Entretanto, N3 enfatiza-os como valores culturais. Lembra, conta seus feitos com muito fervor. O hibridismo cultural aparece nas linhas da história. “São Sebastião, tu vai ganha tua perna, Son Sebastiao, tu vai ganha tua perna. E São Sebastião ajudo. Mesa dos inocentes? A mesa dos inocentes é a coisa melho que tem!”.

N3, aos poucos, vai acrescentando um tom entusiasta em sua narrativa. Narrador/personagem entrecruzam ao contar sobre sua vida, chegando a dançar para demonstrar aspectos do fandango. Tanto o tom como a performance desvelam seu pertencimento à identidade cultural híbrida que narra. “Como é que se dança o fandango? É o fandango é dançado assim ó (dança, batendo os pés).”

Verifica-se, também, que os valores demonstrados nessa narrativa revelam a ligação de N3 com a religião Católica. Percebe-se, em vários momentos, demonstrar sua crença/fé, bem como a importância para sua vida. “E a dona catina quando ela ia da catequese pras criança era uma coisa séria”.

A partir da fala do N3 somente nos resta lembrar e fixar um trecho do texto de Pollack, em que solidifica a tese de que os fatos, e neste caso, os fatos narrados, ele se transformam, não estão prontos. Através de cada enunciação, percebe-se a construção a história através das vivências particulares de cada narrador, e conseqüentemente a formação da identidade híbrida: “Numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas. Como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLACK, 1989, p.3).

Ao encerrar sua narrativa, N3, em um tom nostálgico, comenta sua preocupação com o apagamento da memória. Enfatiza o pouco respeito pelas lembranças dos mais antigos, do passado que ficara somente em suas lembranças. “Eu acho que não tem mais arrumação. Eu acho que assim, pra eles bota mais em como era a ordi antigamente, eles não sabe, eles não pode mais”.

6.5 NARRADOR 4: “A RELEVÂNCIA DO PAPEL SOCIAL NA HISTÓRIA QUE SE CONSTRÓI”

Tabela 12 – Transcrição da entrevista do N4.

Os meus avós, o meu avô se chamava, Jorge Silva, e a minha avó, né, materna, Joaquina Jorge da Silva. Eles moravam no Orvalho. I, ali, e eram assim, muito religiosos, bem religiosos mesmo né. Liam muito a Bíblia. Era brasileiro, não era do outro lugar.

Sobre negros na família: Não, não. Então eles ensinavam nós a trabalhar né, tanto a minha vó, como meu vô, como a minha mãe, também, que era muito inteligente né. Porque a gente trabalhava na roça, a gente era pobre, né. Mal se alimentava. Simples comida, né. Porque, naquele tempo, era mais era caça. Era criado, tudo em casa né. Não se comprava nada assim em mercado, porque às vezes tinha uma bodeguinha lá. A gente comprava querosenê, comprava o sal, né. Mas o resto era tudo que nós plantava. E nós, e eu junto. Trabalhando, desde idade de oito anos, e o meu pai (posso falar dele?)(pode claro). O meu pai era um homem maravilhoso. Ele nunca levanto as voz pra nós. Ele nunca bateu. Só bastava ele olha nós já entendia tudo o que que era. Por quê? Nós tínhamos medo, que o meu pai, talvez quisesse comer aquele peixe, porque ele é que trabalhava mais né, e tinha o direito de comer aquele peixe. A minha mãe, tecia, né, tinha o tear, tecia, fazia as nossas roupas. Sempre morei aqui. E nós plantamos uma roça que deu vinte sacos de farinha, porque a gente se alimentava mais era com farinha, né. Tudo era com farinha, naquela época, né. Ai depois a gente foi crescendo, né. A gente se casou. Eu fui muito bem casada. O meu marido era daqui. Era do comércio. Uma pessoa muito educada. **Nome:** João José Machado, e então ai, eu já eu fui pra um nível melhor. Já tinha sapato, já tinha roupa melhor, né. Depois, colocamos uma padaria. Trabalhamos, né. E fomos criando os filhos. Os filhos todos eles muito inteligentes, né. Nenhum deles, graças a Deus. Todos eles muito inteligentes e trabalhadores.

Sobre estudo: E eu estudei até o terceiro ano, por quê? Porque a minha irmã caçula tinha que estudar, e a Sueli tinha que estudar. Ai pra estudar três não dava. E nós sabíamos! E nós tudo, eu mesmo era assim bamba. Eu ia no quadro ensina os outros. Nós já tinha na ponta da língua.

Sobre outras pessoas de convivência: Tinha ali da baixadinha a família do falecido Cipriano, que até tinha um filho, que ele até já tinha sido escravos, dos meus avós, é. Então depois, né, a dona Lavínia, né, casou com seu Cipriano, convido a minha mãe pra batiza uma criança dela, que era Jorda. Já é morta, já não sei quantos anos. E então a gente ficou assim, a minha mãe dava alimentação pra eles, que eram muito pobrezinhos né, não tinham nada. Eu até nem sei, a minha mãe cozinhava uma panela de feijão, e nós íamos levar, lá, na, ali na baixadinha ali, que era uma casinha de barro, assim né, pau a pique. Nós íamos levar comida. Até, não sei como as crianças não morreram tudo assim, apazinado né, com aquele feijão, com aquele né, aquelas coisas assim, criança pequenininha. Nós tratávamos deles, toda vida, a minha mãe nunca deixou de tratar.

Sobre maus tratos: Não, não! E eu mesma, eu ia na praia, buscar marisco pra mata a fome deles, desses preto. Ia a cavalo. Ai chegava aqui, dava pra eles e matava a fome, né. Chupavam laranja. Nós dava melado. Ai depois, ainda tem mais, depois eu fui trabalhar no alambique, que era feito o butiá. Então a gente apanhava, as frutas né. A turma lá no Olho D'água né, lá, apanhava as frutas, na praia né, o butiá, traziam pro engenho ali do seu Osório Pereira, e nós punha tudo nuns barril de cachaça, e botava curti um ano, dois. Ai depois a gente engarrafava, né. Botava o rótulo e eles vendiam. E ai se chamava o butiá. Ah, eles trabalhavam assim na roça, de empreitada com os outros. Moíam cana aqui também no falecido Osório né, que era pra faze a cachaça. Então a gente cortava a cana. Eles roçavam.

Sobre índios: Olha, índio não, índio eu não lembro assim que eu. Não tenho assim, mas eu sei que a minha mãe dizia, que até nos tinha o cabelo fininho, porque nós tinha alguma coisa do índio.

Festa do Divino Espírito Santo: Olha, a festa do Divino Espírito Santo, era uma festa maravilhosa, linda, porque a minha mãe, era muito devota do Divino Espírito Santo, nos todos somos devotos dele, porque já é de família ser devoto do Divino Espírito Santo. Até, por sinal, eu saía a cantar com a bandeira. Agora hoje não, né. Porque hoje já não usa mais sair a cantar com a bandeira. Mas enquanto existiu, que era pra sair nas casas, pra cantar com a bandeira, eu sempre saía e cantava. Então saía eu, o seu Antonio Pereira, a Dona Mariquinha, o falecido Zacarias, né, já são tudo morto, a Dona Mariquinha, tudo, o seu Antonio Pereira. Nós saíamos a cantar nas casas

A cantiga de reis: A cantiga de reis, as vezes, a gente canta ali na igreja né. Como é aquele canto que tem ali na igreja. (cantando) “Onde Deus fez a morada, oiiiá, onde Deus fez a morada oiiá.” Os reis? Era eu, que acompanhava o alto né. Dava resposta, mas a Dona Mariquinha começava, o seu Antonio Pereira começava, o falecido Zacaria começava, o falecido Joca Emido começava. E hoje não fazem mais.

Misticismo: sobre a lenda de lobisomem, tinha pessoas que acreditavam, e em bruxa né. As vezes quando tinha uma criança muito magrinha, né, que nascia que a mãe não alimentava direito. Essa criança ficava assim, magrinha, magrinha, magrinha. Então as mães diziam que eram as bruxas que estavam chupando.

O pau de fita, festa junina: A festa de São João tinha bastante fogueira, né, Nós cantava, né.

Sobre festa de São João e Leonel Batista: Tem, olha, essa aqui é uma coisa, é um histórico até meio grande, sabe! Porque foi assim, essa igreja foi começada pela minha mãe. Pode pegar o histórico ali. Foi a minha mãe. A minha mãe tinha dezenove anos, quando ela começou essa igreja. Ela começou com uma cerquinha de sarrafo. Não sei se foi da serra, seu Leonel, Leonel Batista, Leonel Guimarães Batista. Ai ele veio, morar aqui, era um homem assim. Era bem de vida. Eram rico né. Então eles colocaram. Eles tinham muitos filhos e colocaram o nome do filho de João Batista. Tinha um dos filhos com nome de João Batista, que era criança. Aconteceu que o menino morreu. Ela pediu pro padroeiro ser João Batista menino. Então aí passou a ser Igreja de São João Batista, né, por causa dessa família. Ai depois essa família era religiosa, rezava os terço, liam o evangelho, explicavam a homília, como a gente chama hoje, que naquele tempo era sermão, né. Hoje é homília. Então ai eles

explicavam. A gente aprendeu muita coisa. Ela criou a irmandade de Legião de Maria, né, que é de Nossa Senhora. Nós éramos tudo congregada. Então ela passava isso pra nós.

Fandango: Ah fandango eu nunca assisti assim, porque ai era mais antigo né. Ai eu era mais nova, mas tinha fandango. Tinha a drama, drama era teatro hoje. Hoje a gente chama teatro, né, e nos chamávamos de drama. E quem é que fazia esse drama? Era dona Moza. Ali era um clube, então nos ensaiávamos lá né, o que nos ia fazer, passa passava dia de Natal.

Sobre clube de negros e brancos: Tinha, a pessoa que dançava no clube, um branco que dançava no dos negros, depois não dançava mais no dos branco. Não podia misturar, hoje tá muito maravilhoso. Eu acho, porque tá tudo igual. Naquele tempo, né, tinha assim um racismo. Não podia misturar negro com branco. Se casava uma branca com negro era porque a branca não prestava. Agora hoje eu vejo tão bonito, né. Mistura negro com branco sai tudo crespinho né, tudo bonito!

E nós, nesses drama, nós cantávamos música. Até tem uma assim ó: que nós, que eu até que, que eu cantei: “Pela manhã o sol nascente, nos campos tudo é resplendor, camponésinha vai contente, descendo o vale todo em flor! Camponésinha linda, tu é a soberana, tem a luz o teu sorriso, sedutoras carícias, anda suavemente! Tua voz é melodiosa, brilhante harmoniosa, a de fundir, se diz, Serás feliz e ficarás eternamente junto a mim.” Então a gente cantava lá e todo mundo aplaudia.

Sobre impedimento de ser cantora: Já, não deu! Mas, é a coisa que eu mais gosto, que eu gostava mesmo era cantar. E lá em Porto Alegre, eu fiz o teste, passei e os meus padrinhos não deixaram, porque diz que isso era coisa de prostituta né, então, ai vim embora.

Sobre comunidade: Tinha, deixa eu ver, 1, 2, 3, que eu conheci né, 4, 5, 6, tinha 10 casas, ali aonde é a praça, hoje a nossa praça, ali era um banhadal, espinheiro, água. Assim, ali tinha muita araquã. Eles iam os caçadores né. Caçavam, os antigo, iam caça, caçavam ali. Ai depois surgiu essa loja do Leonel Batista, né. Ai a cidade foi crescendo. Depois saiu cerâmica, do seu Durval Batista Pereira. Ele botou uma cerâmica. Nós, até vou te contar, uma coisa bem importante, que eu até vendia carvão, pra essa olaria, pra eles queimarem as telhas

Sobre negros: Já tinha, sempre teve negros, sempre teve negros né. Por aqui tinha, ali na baxadinha, onde é hoje, os negros sempre ficaram pra lá. Nunca vieram pra cá. Pode notar, sempre lá, naquele lugar lá que eles se formaram. Mas ao redor, tinha uma casa ali, outra casa lá, né. E assim, sabe como é que é né, mais longe. Ai depois que foi se formando. Foi se formando, foi crescendo e ai os mais novo foram botando cerâmica. Foram vivendo, porque tinha barro aqui, tinha a matéria, né, pra fazer o tijolo. A telha, aí cresceu. E tá nisso que hoje tá né, bem grande, né. Bastante gente vindo gente pra cá né morar aqui. Vem do Paraná, vem do Ceará, vem de tantos lugares, né. Tudo trabalham aqui.

Sobre preservação: Só o amor a Deus, né, nós podemos levar. Porque a gente que já cantou, canta uma música, a gente vê o sentido da letra, né. Tá faltando muita coisa, minha filha. Ai hoje se nós falarmos que somos velhos assim, ai dizem assim: “- Ah isso já é coisa de velho. Muito bonito, os pais com os filhos, ai meu Deus, que coisa linda que era! Em casa, a família se sentavam, rezavam. Agora, hoje, tu já viu uma família se sentar, e reza?”

6.5.1 Considerações sobre a narrativa 4

N4 dá início a sua narrativa falando sobre sua ascendência e brasilidade. Afirma ser brasileira e, como tal, conclui-se em suposições de ascendências portuguesas, até mesmo por suas características físicas. As conquistas ao longo da vida, seu papel social tornam-se determinantes para sua estabilidade financeira. “O meu marido era daqui. Era do comércio. Uma pessoa muito educada. Nome: João José Machado, e então ai, eu já eu fui pra um nível melhor. Já tinha sapato, já tinha roupa melhor, né. Depois, colocamos uma padaria. Trabalhamos, né”.

Observa-se, assim como no filme *Narradores de Javé*, que o papel social do N4 aparece em quase todos os momentos da narrativa. A vida particular do falante interfere e molda a sua história, ou melhor, a sua versão sobre o fato. Como tal, o N4 declara que os negros sofriam pela pobreza, mas que sua família ajudava nas questões de alimentação, bem como em alguns serviços, pois compartilhavam os trabalhos. “Tinha ali na baixadinha (local onde a maioria dos negros de Morro Grande moram atualmente) a família do falecido Cipriano, que até tinha um filho, que ele até já tinha sido escravos, dos meus avós, é. Então depois, né, a dona Lavínia, né, casou com seu Cipriano, convidou a minha mãe pra batizar uma criança dela, que era Jorda. Já é morta, já não sei quantos anos. E então a gente ficou assim, a minha mãe dava alimentação pra eles, que eram muito pobrezinhos né, não tinham nada”.

N4 demonstra a necessidade em repartir conhecimentos, memorizações esquecidas e a ânsia em estar contribuindo para uma construção histórica importante. Assim como afirma Meye “A história oral busca excitar o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções” (2002, p.66). Portanto, “a necessidade da história oral se fundamenta no direito de participação social, e nesse sentido está ligada ao direito da cidadania” (MEYE, 2002, p.20).

Sobre a religiosidade, sublinha sua fé fervorosamente através das narrativas sobre a festa do Divino Espírito Santo que acontece no município vizinho, Jaguaruna. Relata que em Morro Grande passavam com a bandeira do Divino Espírito Santo, que é uma manifestação da cultura portuguesa. Declara, ainda, que fazia parte do grupo. N4 demonstra entusiasmo ao narrar passagens e seus feitos. “Olha, a festa do Divino Espírito Santo, era uma festa maravilhosa, linda, porque a minha mãe, era muito devota do Divino Espírito Santo, nos

todos somos devotos dele, porque já é de família ser devoto do Divino Espírito Santo. Até, por sinal, eu saia a cantar com a bandeira”.

Ainda sobre festas religiosas, destaca também a Festa de São João Batista por seu valor cultural, bem como a influência que sua família teve para com tal festividade. “Sobre festa de São João e Leonel Batista: Tem, olha, essa aqui é uma coisa, é um histórico até meio grande, sabe! Porque foi assim, essa igreja foi começada pela minha mãe. Pode pegar o histórico ali”.

Assim como o N3, o N 4 canta a cantiga de reis. Percebe-se que ambos demonstram muita afinidade com tal folguedo. “(cantando) Onde Deus fez a morada, oiiiá, onde Deus fez a morada oiiá. Os reis? Era eu, que acompanhava o alto né”. Conforme Vilson Farias existem comunidades que possuem o mesmo fervor açoriano nas práticas culturais, tal qual aqueles moradores do Açores. (FARIAS, Vilson, 2000, p.99).

N4 atribui à família Batista todo o crédito do crescimento da cidade, bem como a efetivação da igreja e da chegada do padroeiro São João Batista. Por isso, sua versão acerca de Leonel também perpassa pela pessoa boa que podia ser caridosa. Enfim, como comerciante, pode-se concluir que o N4 também possuía vínculos financeiros e sociais com a referida família. “Leonel Guimarães Batista. Ai ele veio, morar aqui, era um homem assim. Era bem de vida. Eram rico né. Então eles colocaram. Eles tinham muitos filhos e colocaram o nome do filho de João Batista. Tinha um dos filhos com nome de João Batista, que era criança. Aconteceu que o menino morreu. Ela pediu pro padroeiro ser João Batista menino. Então aí passou a ser Igreja de São João Batista né, por causa dessa família. Ai depois essa família era religiosa, rezava os terço, liam o evangelho, explicavam a homilia”.

Durante sua narrativa, N4 comenta sobre os diferentes tratamentos dados às etnias, em especial, aos afrodescendentes. N4 mostra-se divergir dessas ações e, inclusive, defende a miscigenação quando diz considerar belas as pessoas nascidas destes relacionamentos. “Tinha, a pessoa que dançava no clube, um branco que dançava no dos negros, depois não dançava mais no dos branco. Agora hoje eu vejo tão bonito, né. Mistura negro com branco sai tudo crespinho né, tudo bonito!”.

A bela voz da N4 recebe destaque quando entoar, durante a entrevista, uma canção. Depois de cantá-la, a narrativa recebe um tom melancólico, na medida em que N4 revela que fora impedida de ser cantora e essas palavras causam-lhe emoção. Como já retratado, as indagações acerca do passado trazem lembranças nostálgicas. “Pela manhã o sol nascente,

nos campos tudo é resplendor, camponesinha vai contente, descendo o vale todo em flor! Camponesinha linda, tu é a soberana, tem a luz o teu sorriso, sedutoras carícias, anda suavemente! Tua voz é melodiosa, brilhante harmoniosa, a de fundir, se diz, serás feliz e ficarás eternamente junto a mim. Então a gente cantava lá e todo mundo aplaudia”. **Sobre impedimento de ser cantora:** “Já, não deu! Mas, é a coisa que eu mais gosto, que eu gostava mesmo era cantar”. Para Meye: “Vale lembrar que com as entrevistas criam-se expectativas que precisam ter termos finais. Quem deu um depoimento quer e deve sempre saber dos resultados” (2002, p.123). Sendo assim, a narradora quis demonstrar suas habilidades intenção de que ela fossem veiculadas e que finalmente ele pudesse ter uma oportunidade de demonstrar suas habilidades.

Acerca da formação de Morro Grande, N4 relata claramente a pequena quantidade de casas que existiam na época dos primeiros habitantes e o quanto cresceu devido ao incentivo da família Batista e à instalação das cerâmicas. Atualmente, o município de Sangão tem um forte poderio no setor ceramista, portanto, a identidade social da população, ou seja, o trabalho e o crescimento financeiro da comunidade provêm, também, de suas indústrias oleiras. “Tinha, deixa eu ver, 1, 2, 3 , que eu conheci né, 4, 5, 6, tinha 10 casas, ali aonde é a praça, hoje a nossa praça, ali era um banhadal, espinheiro, água. Assim, ali tinha muita aranquã. Eles iam os caçadores né. Caçavam, os antigo, iam caça, caçavam ali. Ai depois surgiu essa loja do Leonel Batista, né. Ai a cidade foi crescendo. Depois saiu cerâmica, do seu Durval Batista Pereira”.

A narrativa apresentada por N4 é finalizada com uma mensagem de amor e compaixão entre a família. Nas entrevistas, os falantes sentem-se na liberdade de expressar seus sentimentos, na tentativa de que tal fala seja transmitida aos demais e que algo se modifique, quase uma espécie de apelo. “Só o amor a Deus, né, nós podemos levar. Porque a gente que já cantou, canta uma música, a gente vê o sentido da letra, né. Ta faltando muita coisa, minha filha. Ai hoje se nós falarmos que somos velhos assim, ai dizem assim: ‘- Ah isso já é coisa de velho. Muito bonito, os pais com os filhos, ai meu Deus, que coisa linda que era!’ Em casa, a família se sentavam, rezavam. Agora, hoje, tu já viu uma família se sentar, e reza”?

6.6 NARRADOR 5: “ A RELEVÂNCIA DO PATRIMÔNIO E DA VALORIZAÇÃO CULTURAL”

Tabela 13 – Transcrição da entrevista do N5.

Identidade cultural, eu entendo muito bem. Digamos assim, eu até me preocupo bastante sobre esse assunto. Sobre essa questão que é exatamente aquela marca que fica nas sociedade né, de costumes, de ações, de trabalho, de comportamento, que exatamente identificam aquela sociedade. Você chega no Morro Grande, hoje já está um pouco modificado. Mas a própria coloninha ali os morenos, os afro né, que nós chamávamos de negros, a própria coloninha, junto com o Morro Grande, é uma identidade cultural, né. A própria ferrovia e a estação faz parte dessa identidade cultural. Então pra mim, é uma marca muito clara na sociedade, né.

Sobre descendência: Bom, pelo lado da minha mãe, de origem alemã, Wendausen, pelo lado do meu pai, açoriano, Cabral da Silva, vieram dos Açores mesmo. Eu imagino que tenha sido, talvez o meu tetravô que veio dos Açores. Ou seja, eu tive o meu pai que se chamava Manoel, meu avô Galdino, meu bisavô Manoel de novo e aí nós perdemos. Então eu sou a quarta geração. Eu imagino que esse aqui que nós já perdemos o nome, talvez que veio dos Açores. É possível que ele tivesse nascido é em 1780. Então eu imagino que ele chegou aqui criança, esse meu tetravô, que seria tetravô. Então está muito claro esse açorianismo, pelo lado do meu pai. Lecionar em Jaguaruna, ele foi professor e chamava João Wendausen, né. Do Júlio Ávila, casou com que foi intendente em Jaguaruna, que inclusive casou com a Cristina. Desse casamento nasceu a Lucília, que casou com Manoel Cabral da Silva. Então eu sou alemão e açoriano.

Mesclado, híbrido né, e é daí essa minha aparência de alemão. O pessoal diz, “mas você é da Silva e tem um jeito de alemão”. Muito comum isso inclusive quando eu viajo. Eu viajei muito pra Europa, Estados Unidos, quando eu trabalhei na mineração de carvão. O pessoal não me entendia como brasileiro. Achava que era um deles até, né por causa exatamente dessa aparência, pra você ver exatamente, onde é que foi...

É, no Rio de Janeiro também. Você só fala e eles já dizem: “é você é gaúcho”.

Sobre a chegada da família: O Júlio Ávila, que eu falei pra você que era intendente, que casou com a Cristina, daí nasceu a Lucília, aqui em Jaguaruna. E o meu pai era do Arroio Corrente, aqui né. O Galdino, que eu já falei que era meu avô, ele veio de Laguna. E naquela época, hoje não se fala mais, naquela época falava muito, entrou pela barra, pela barra da Laguna, pelo porto. E era comum dizer quando saía, saiu barra a fora, compreende. Ele esteve aqui e saiu barra a fora.

Como se chamava aqui o território aqui do Campo Bom, a sesmaria de Campo Bom, Então ele veio aqui, era comum essa chegada do campo bom, de laguna para a sesmaria de campo bom. e foi onde vieram os batista, eles possivelmente, o Hipólito batista que foi o precursor, do Morro Grande, ele deve ter vindo de Laguna, possivelmente, porque eles migravam, era uma elite, que chegava pelo porto e migrava, tanto assim que ele tinha, fazendo agora um parêntese aqui, a família batista era elitizada no morro grande, foi a maior elite que teve,

inclusive, os prédios, os trajes, o modo, o comportamento, é uma elite que veio de Portugal, dos açores e depois ele tiveram problemas ali, como é sabido, com os negros lá **Possivelmente, açorianos!**

E deu aquele conflito ali no Morro Grande de fora, e depois ele acabaram, a família, e depois **acabaram migrando, foram pra Porto Alegre,** **o doutor Jose Geraldo,** é juiz de direito em Tubarão, **que é um dos herdeiros né,** mas foi uma família que, inclusive na minha opinião, **marcou muito em Morro Grande, criou a cultura, trabalho, desenvolvimento, dessa família Batista.**

Bom mas ai, voltando ao assunto, é que a coisa é muita longa, então a gente acaba se desviando. **Então ele veio pro arroio corrente, e do arroio corrente, ele casou,** Exatamente e **casou com outra senhora,** com o que teve mais 3 filhos.

O primeiro casamento dele, do Galdino, com a Etelvina, nasceu meu pai, Manoel, que também casou com uma filha **do Antônio Batista, ele casou com uma delas**

Bom ai tem como eu falei, o meu pai casou primeiro com a filha do Antônio Batista, ele **viuvou e casou com a minha mãe, a** Lucília, **que era bem mais nova que ele na verdade,** uma diferença de 15 anos, ela era da Jaguaruna, e hoje tem 101 anos, é **e desse casamento nasceu o Evaldo.**

Sobre o casamento: **Eu casei com a Miriam,** família Francalacci de Tubarao, e desse casamento, meu com a Miriam, **temos 4 filhos, 3 engenheiros, dois trabalham na Petrobras, e 1 na SC gás,** **e a minha filha está fazendo doutorado** em urbanismo e meio ambiente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sobre a infância: A minha infância é uma curiosidade muito grande. Eu nasci aqui em porque eu **nasci em Retiro, na cavoca.** **Sabe ali onde tem a passagem de nível, a caixa d'água, né.** Então aquela casa a direita que tem ali, que vai, bem antiga, daqui pra lá, quando você **passa exatamente na passagem do trilho, a direita,** que tem **aquela casa antiga, abandonada, quase caindo tudo, ali eu nasci.** **Então eu me considero como nascido ali, eu me considero do Morro Grande,** apesar, exatamente pelo fato de eu ter nascido em Tubarão, eu ter sido registrado lá em tubarão. **Nasci ali e ali eu via.** A primeira fase da vida da gente que a gente não esquece né: a mata atlântica, né, os passarinhos, os animais, o vento soprando na porta, assobiando na porta, galinha no pátio. E a imagem que eu tenho da minha infância. **Do trem passando na frente, apitando, ficou tudo marcado.**

Sobre infância: Os negros na verdade eles estavam em Morro Grande, **o negro era ali naquela coloninha que tem hoje, a baixadinha que chama né.** **Aquilo ali era propriedade minha, você sabe né, eu vendi pra eles construírem aquelas casas ali né.** **Négocieei com a prefeitura de Sangão, né.** **Eu já tinha dado uma parte pra fazerem aquelas casas,** ai depois eu **négocieei o resto.** **Então eles estavam exatamente mais lá.** **Eu fui conhecê-los, os negros. Até os sete anos eu estive ali.** **Ai depois nos fomos pro Morro Grande, aonde hoje é a casa do Edinho,** ali na frente da estação, da estrada de ferro. Foi ali, continuou mais ou menos a mesma coisa, né, Mata Atlântica, pescaria. Ali já no Morro Grande, a gente pescava nos barreiros, abertos pelas olarias, pra forma um barreiro, abertos ao braço, depois enchia d'água e aparecia peixe e nos pescava. Continuava a funda de novo, fazia pelota de barro.

Sobre o trabalho: Ai depois, enquanto eu estive em casa, ali ate os onze anos, **eu não tive trabalho né.** **Era pra ir pra escola.** **Começamos com a escola isolada, escola estadual mista desdobrada, que se chamava no Morro Grande.**

Bar, café e Restaurante Iris, porque dono do bar, a mulher se chamava Iris, e o bar era gente da ferrovia, da estrada de ferro. O seu Santos Costa e a mulher, como se chamava Iris, ele, na verdade era o agente de dono daquele bar, café e Restaurante Iris.

Sobre moradores da ferrovia: No Morro Grande? Toda aquela, ali que é do lado, as casas que tem na frente da ferrovia, tinha 4 que eram da, dos , do agente e dois guarda-chave, que se chamava, né, O sujeito que abria a chave do trem pra desviar ou não desviar. Derrubaram a casa do agente. Foi um crime que foi feito, né. E aos onze anos, depois que eu passei pela escola estadual mista desdobrada, né, era mista porque tinha alunos e alunas, né. Então por isso que era mista. Agora desdobrada eu não sei. O que é eu imagino que deve ser porque tinha várias séries. Ai na terceira série nós fomos pra uma escola lá atrás da igreja. Hoje que também derrubaram a igreja foi um crime que foi feito. Entende, derrubaram aquela igreja antiga que tinha pra fazer essa nova. Mas não foi só lá, aqui em Jaguaruna também derrubaram a que tinha, né. E Sangão também derrubaram a que tinha. Então lá onde tinha a igreja, a direita tinha uma casa do seu Bejoca, e ali funcionava mais uma série. Eu cheguei a ter a segunda série ali, parece que foi a segunda série. A professora chamada Edi. E a primeira professora négra, que era a Rita, que se chamava.

Sobre estudos dos afros: Já sim, eu conheci, todos eles. A Rita foi a primeira professora négra, né. Ela tinha um marido dela era o goleiro do nosso time de futebol, me esqueço o nome dele agora. E a Rita era bem preta. De forma que veja bem, pra nós, foi algo extremamente estranho, porque até então o negro, ainda hoje é estereotipado. Mas já era mais ainda naquela época e chegar uma professora négra né! Joca se chamava o marido dela. O Joca era o goleiro, muito amigo da gente. O relacionamento com negro no Morro Grande era uma coisa alegre. Nos tínhamos um relacionamento, eu Nessa coluna que eu vou fazer aí, eu vou terminar dizendo, que o relacionamento do negro, e aí eu não vou chamar de afro. Foi mais de gargalhada do que de chingamento. Compreende, porque, era mais, nós vivíamos rindo com eles. Não tinha uma clima assim de conflito, de, sei lá, a gente considerava, inclusive os negros. E isso é uma coisa impressionante. A gente considerava eles mais amigos que os próprios brancos, eu sempre tive isso.

Sobre o trabalho dos pais: Tinha uma olaria, ali na, onde é o Edinho. Ele tinha uma olaria. Meu pai continuava trabalhando aqui com engenho de farinha, nesse terreno aqui do Retiro. Trabalhou muito meu pai.

Sobre índios: Não, os indígenas aqui na nossa região, nós o conhecemos como bugres, mas uma história muito remota né. Quando eu vim conhecer sítios arqueológicos, eu que juntei o primeiro, a primeira urna inteira. Porque eu mando, mais ou menos, quando eu cheguei aqui, comecei a dar valor, trabalhei vinte e cinco anos, na verdade vai pra trinta anos beneficiando areia. Então eu não deixava as vezes, quando achava uma coisa antiga né, não deixava o pessoal destruir. E quando eles descobriram essa urna lá, vieram me chamar no escritório: “- Seu (...), descobrimos um negócio que o senhor vai gostar”. E eu fui lá, era uma urna inteirinha, está lá no museu. Então, o índio pra nós, não chegamos a conhecê-lo, né. Esse sujeito é índio, tá aqui filho de índio, não! Não conhecemos. Foi parte exatamente do que eles deixaram, mas, não teve mais nada.

Sobre festas: Bom, no Morro Grande, a grande festa que nós tínhamos era o futebol e o boi de mamão, e o bar, no meu tempo. O bar com mesa de sinuca. O boi de mamão era realmente

o mais, denso, digamos assim, com mais. O boi de mamão na verdade era deles (**dos negros**). O Artur era um sujeito que foi uma figura folclórica do Morro Grande, porque teve a proesa de casar com três irmãs, né. Mas o Artur, eu conheci muito bem. Ele era um grande dançarino. E foi, o indivíduo que mais conseguiu fazer com que o pessoal vibrasse com a festa né. E a cantoria, eu lembro até hoje de todas as músicas, todas a música que eles cantavam né. Impressionante! O salão, só tinha um que era branco né, os pretos não entravam de forma nenhuma, né.

Pão por Deus: Pão por Deus era uma espécie de recado, de mensagem, né. Era na época da primavera, quando floria o ipê, né. Eram versos, eu me lembro de um deles, daí você pode concluir né. Que na verdade era mais uma estigmatização, esse verso era uma estigmatização do verso sério, mas era o seguinte: “Lá vai o meu coração, dentro de uma bacia, pedindo um pão por Deus”.

Chamarrita: A chamarrita eu não conhecia. A chamarrita é uma dança, não né? É uma dança, né. É! Eu não conhecia.

Festa do Divino Espírito Santo e a bandeira do Divino Espírito Santo. Em Jaguaruna se nós quiséssemos ver uma festa do Divino Espírito Santo, sendo do Morro Grande, nós tínhamos que vir a Jaguaruna. E era uma festa extremamente elitizada. Era uma festa da sociedade Jaguarunense, do melhor que tinha a sociedade Jaguarunense

Palavras escritas – interpretadas.

Fandango diz que não conheceu.

Lenda de lobisomem e bruxaria: Sete filhos homens. Um era lobisomem, igual a sete filhas mulheres.

Culinária: Beju (era feito no forno que era uma calota e daí tirava a farinha com a massa crua, as mulheres é que faziam; os negros consumiam mas não faziam) e cuscuz e rosca, rosca de polvilho e angú.

O homem negro fazia pirão d’água com peixe. Ele dava valor quando ninguém fazia. Exemplo: Mata Atlântica, os costumes. O negro sempre foi interessado pelos valores culturais, e ele (o entrevistado), começou a valorizar tais valores na Europa, que começou a aprender a dar valor, por observar que lá se valoriza.

Com as perdas culturais, perde-se a identidade cultural. Exemplo: CTG, vídeo locadora.

O que fazer para valorizar?

O boi de mamão merece um capítulo a parte. Diz-se assim no canto. Respeito: Me dá licença por favor!

O dia seguinte: Até amanhã. Se Deus quiser.

Seu Evaldo conversava com seu Arlindo que cantava no boi de mamão, e riam juntos disso.

Sobre Escolaridade: O João Wendausen, ser professor, que é o avô dela, ela tinha assim uma educação, mais refinada, né. O pai era muito educado também, mas a educação dela era mais refinada, que a do meu pai. Então ela logo botou na minha cabeça, na minha mente, que eu tinha que estudar, né. Não sabia que eu sabia, né, muito menos vindo do Morro Grande, aquilo me surpreendeu. E dali por diante, eu toda vida, tive, na, até chegar na escola de

engenharia, em Porto Alegre, eu tive muito sucesso, Depois eu tenho uma segunda fase de encerramento, né, que foi quando eu me formei em engenheiro.

Então eu me considero que morei no Morro Grande, até os vinte e quatro anos, já que dos dezesse aos quatorze anos eu morei em Porto Alegre, mas eu estava ligado no Morro Grande, né.

Sobre Afros e Leonel Batista: Inventários em que o sujeito, deixa uma propriedade com com tal dimensão, uma casa dessa forma, um carro de boi, um escravo de nome tal, uma escrava de nome tal, você compreende, quer dizer, então eles faziam parte. Era uma propriedade, como não era diferente, né. Bom, agora o que é que passa ai, quer dizer, essa posse, do escravo né, como se fosse uma propriedade, ela já foge da nossa auçada aqui, ela é brasileira é nacional, né. Já vem de Portugal, que veio pro Brasil né, que daqui negociou com a África né, com Angola, Moçambique. Tem um país mais da costa da África que também veio muitos escravos pro Brasil. O 1822, 1808, eu li os dois, nesses dois livros está muito claro o interesse maior era os chefes africanos em venderem a sua gente. Ele é que colocavam a mercadoria fobi. Ele é que levavam o navio dos negros. O que é que acontece, eu imagino que essa elite, que veio pra cá dos Batista, do meu avô, também, porque o meu avô tinha escravo Trabalhava, o Estevão, Anália, era outra escrava que, depois da abolição, eles ficaram morando em qualquer canto. E no Morro Grande tinha uma outra, que eu já disse pro moreno lá, pros meus amigos que ainda estão lá, que era a Sinhá Pelona, nome de uma escrava. Pelona, né, que nos chamávamos de sinhá Pelona, né. Veja bem, ela morava atrás, da coloninha, ali. Você sabe que aquele loteamento ali, um parte ainda é meu, a baixadinha. Aqueles lotes que ainda estão vazios ainda são meus. E a Sinhá Pelona morava nos fundos dali. Saindo dali da baixadinha, em direção do rio, ela morava nos fundos. O meu pai deu um local pra ela fazer uma casa ali. E era escrava.

Sobre relacionamento com negros: Excelente, pro meu pai dar o terreno né! Ela saia de lá a pé, de bengala, né. Subia e vinha vindo e chegava nos fundos da nossa casa. E ela era educadíssima, sabe! Essa sinhá Pelona, então pra não chegar (já com lágrimas nos olhos), digamos assim, de surpresa, ela começava (tossindo), compreende. Pra mostrar que estava chegando, ela ia lá pedir alguma coisa pra minha mãe. A a minha mãe sempre tinha alguma coisa pra dar pra ela. O curioso, (choro), (e pede desculpas).

O que eu ia dizendo, o curioso, é que a gente também não tinha muita coisa, né. Eu ainda não sei como a minha mãe ainda arrumava alguma coisa pra dar pra ela, né, uma coisa engraçada. Então, eu já disse pra eles, o pessoal ali do Morro Grande, deviam fazer, eu me propus, é porque depois as coisas não deram muito certo, mas me propus a fazer uma escultura dessa Sinhá Pelona.

Sobre formação de Morro Grande: É, bom, eu imagino que eles estejam aparecido ali, exatamente, no caso do Morro Grande, levados, ou pela família Batista, alguma coisa, né. Porque os Batista vieram lá do Morro Grande de fora. Eles não eram do Morro Grande. Eles vieram lá daquela região aonde vai para o Campo Bom entende. Na verdade eles tinham o que eu. A estrada não era pela ferrovia, aqui nessa região. A estrada era pela praia, né. O acesso era Camacho, Garopaba, Campo Bom, Arroio Corrente. E eles tinha uma casa. A família Batista tinha uma grande casa de comércio, ali onde hoje. Quando foi construída a ferrovia, que foi em 1918 a ferrovia. A Ferrovia foi construída pelo Henrique Laje, entende, quando ele mudou o eixo, da industria carbonífera, de Lauro Muller para Criciúma, que se descobriu o carvão de melhor qualidade, começo do século XX, né, por volta de 1900. Ele descobriu

carvão de melhor qualidade na, em criciúma. Então ele mudou o ramal para criciúma, em busca desse carvão de melhor qualidade, né. E construiu o Porto de Imbituba, porque o porto de Laguna não suportava os navios que ele precisava. Então foi aí que mudou o perfil da nossa região, nos deixamos de ter o nosso eixo de transporte, pelo litoral para acompanhar a ferrovia. E muita gente veio também.

Dali eles saíram para o Olho d'água. Aquele região onde existe, hoje, aquela colônia grande de mulatos ali né já havendo uma mistura, uma miscigenação, né. Tinha uma família, o seu Manoel Amâncio de Souza. O seu Manoel, digamos assim, é ele praticamente substituiu o seu ponto de vista econômico a família Batista. As primeiras bicicletas quem trouxe foi ele, Casa Amâncio. Então veja bem, o que é que se passou, quer dizer, eu imagino, se você olhar bem que ele só pode ter aparecido junto com a família Batista, porque a família era digamos assim, da elite agrícola né, do comércio. Engenho de farinha, que eles tinham...

Sobre conflito de afrodescendentes e família Batista: Ah sim, era... Eu não diria um confronto, um conflito né! Um confronto já uma coisa mais séria, se bem que... eles porque, porque depois eles, os negros ocuparam né, aquela região do Campo Bom, que era, fazia parte da sesmaria do Campo Bom, e que era propriedade deles. Os negros ocuparam, e naturalmente, houve reação, por parte deles. Mas é uma coisa muito misteriosa, sabe é. Eu não vejo assim, na família Batista, de que eu conheci, das pessoas, e eu conheci o Seu Leonel Batista, eu não me lembro. Eu não tenho como dizer assim: Olha, quem, o indivíduo aqui do conflito foi esse! Compreende! Porque eram pessoas educadas, eles não eram maus indivíduos. Era uma elite? Era, mas não era.. Bom se disesse assim, por exemplo, se falava que é, foi colocado fogo nas casas, entende, mas eu não vejo quem poderia ter colocado fogo nas casas.

Não, eu acho até que essas casas podiam pegar fogo. Porque, você sabe, não tinha estrutura, né. Quer dizer, lá no inverno fazia fogo dentro de casa, né. Então é assunto muito misterioso sabe? Isso aí. Pode ter sido uma grande injustiça, né. Eu sou muito amigo deles, né. Eu diria até que sou suspeito pra falar né. Mas eu, realmente eu vi, várias manifestações de negros e mulatos do Campo Bom contra seu Leonel Batista, assim de barsa (? Ou bar), esse tipo de coisa. Mas eu não sei não se era ele, que realmente preseguiu ou essas coisas aconteciam de maneira natural. Pegava fogo e eles: “ó, quem queimou foi o Seu Leonel Batista”.

Sobre quilombo e torturas: Eles estavam, eu diria, aliás essa questão da tortura, aqui na nossa região, é, eu colocaria sob suspensão. Eu acho que não houve tortura, porque nós não temos nem instrumentos pra comprovar né. Ou tem açoite, ou tem um negócio. Por isso é que eu termino o meu artigo dizendo que houve mais gargalhada, no meu tempo, do que xingamento.

Sobre aprendizados com afros: Ah sim, imagina! Você sabe que o primeiro desfile de Sete de Setembro, primeiro desfile de Sete de Setembro no Morro Grande, o ritmo dado pelo desfile, pra marchar. Eu estou falando uma coisa absolutamente verdadeira, porque eu vi, o ritmo foi dado por um tambor feito por um sujeito chamado Lúcio. Negro Lúcio, sabem com é que é, só que naturalmente, em função do que pregava o cristianismo, aquilo pra nós era coisa maléfica, né

Sobre Candomblé: Ah, tem, dos negros não! o que chamava de trabalho, o Saravá. O cristianismo, os padres convocaram a religião deles. Os costumes religiosos deles ficou como

coisa maléfica. Era feito as escondidas, não estou dizendo, era feito na casa desse Lúcio. O trabalho colocado nas encruzilhadas, hoje já nem existe né.

Sobre o que fazer para haver valorização de patrimônios: Eu acho importantíssimo quando você me procura, como aluna da Universidade pra fazer esse trabalho. Porque dificilmente uma professora dos alunos vai fazer, não vai conseguir fazer, né, porque ela tem outro foco. Isto tem que partir da Universidade

Sobre museu: Um museu, ah toda vida! Você sabe que eu mandei mais de 100 fotografias antigas, de Jaguaruna, e Sangão, Morro Grande, para o Diário Catarinense, uma coluna, que tem lá né. Sobre exatamente, com o objetivo de mostrar o valor cultural na nossa região né. Eu tenho tudo guardado isso, extraordinário, extraordinário! Porque as fotos estão lá. Eles repetem inclusive, na semana passada ainda repetiram bastante.

Sobre preservação com crianças: Eu acho que tem que ter ferramenta, né. Nós estamos falando de museu, exposições... Você vê que eu tenho fotografias aqui. Por exemplo, eu tenho fotografia aqui da Dona Honorata, (risos), na sacada daquele prédio lá. Você sabe onde é que era o prédio deles? Esse prédio tinha inclusive, um desenho! Hoje é uma locadora e completamente mudada, uma pena, mas eu tenho ele o desenho original. A Agostinha era irmã da Dona Consuelo que era professora titular, essa Estadual Mista Desdobrada. A Agostinha era irmã dela e veio morar no Morro Grande. E a Agostinha revolucionou completamente o costume das mulheres. Eu dizia ate que era um pouco na moral também. Porque ela trouxe a saia justa (risos). O Diferente, ela trouxe a saia justa pro Morro Grande e rebolava muito sabe? (risos) Pode falar pra Maria Reni. Ela lembra disso ai, rebolava muito. Então aquilo para nós foi uma coisa fenomenal, tipo...

Aí, daqui a pouco chega a Agostinha rebolando, na saia justa. Naquela época a saia justa era como essa tal de calça legue, nem, eram muito mais ainda forte. Digamos do ponto de vista de moral de diferente, né. É ganhou uma identidade, ela ta nessa fotografia. Pra você ter uma idéia de como eram essas coisas, da surpresa que eram essas coisas. Você sabe, tinha um trem que vinha de Criciúma, e outro que ia de Tubarão para Criciúma, e esse trem que vinha de Criciúma, chegava no Morro Grande mais ou menos, 08:30 da manhã. Hoje ainda tem um bar ali, eu acho, um pouco pra lá da estação, a esquerda, tinha um bar ali que era do seu Ageu, Seu Ageu Juvêncio Alves. O garoto estava sempre por ali né. E desceu, o trem parou e desceu uma mulher pra ir ali comprar cigarro, o trem dava uma paradinha ali né. E essa mulher estava de calça. Entende, nós saímos todos correndo pra ir lá ver a mulher de calça. Então, o pessoal começou a gritar: “Olha tem uma mulher de calça aí, tem uma mulher de calça!” Nós fomos todos lá. Hoje é coisa mais normal!

Sobre preservação: Bom, eu diria que se tivesse que dizer alguma coisa, eu começaria dizendo que isso, para mim, para mim, foi de uma felicidade extraordinária, conhecer esse tipo de costume que nós tínhamos né, era alguma coisa simples, mas era tudo com muito amor. Tudo feito com muita ternura, com muita sensibilidade. Intromissão de uma cultura de fora ela tirou a sensibilidade das pessoas. É o resgate que precisamos né. Isso é que é interessante!

Após a entrevista ele comentou o seguinte: eu ajudo os negros porque eu sei que eles são menos que a gente né, já são discriminados!

6.6.1 Considerações sobre a narrativa 5

N5 apresenta sua narrativa através de relatos e informações com muitos detalhes, evidenciando sua boa memória. Demonstra também a importância que concede a identidade cultural na formação do lugar: “aquela marca que fica na sociedade né, de costumes, de ações, de trabalho, de comportamento, que exatamente identificam aquela sociedade”.

Reconhece sua ascendência alemã e açoriana, bem como a cultura híbrida delas resultante. “Bom, pelo lado da minha mãe, de origem alemã, Wendausen, pelo lado do meu pai, açoriano, Cabral da Silva, vieram dos Açores mesmo. Então eu sou alemão e açoriano. Mesclado, híbrido né, e é daí essa minha aparência de alemão”.

A origem da localidade de Morro Grande e, tal como outros narradores, atribuída por N5 à chegada dos Batistas. Pertencentes à elite social, esses precursores da referida localidade trouxeram consigo e disseminaram manifestações da cultura europeia. N5 narra sobre a formação e a influência da família Batista na comunidade: “E foi onde vieram os batista, eles possivelmente, o Hipólito batista que foi o precursor, do Morro Grande, ele deve ter vindo de Laguna, possivelmente, porque eles migravam, era uma elite”.

A importância de seu papel social, assim como os demais narradores, constitui uma das marcas desta narrativa. Em momentos de sua história, N5 revela sua formação escolar superior e seu papel social na comunidade. “Bom ai tem como eu falei, o meu pai casou primeiro com a filha do Antônio Batista, ele viuvou e casou com a minha mãe, a Lucília, que era bem mais nova que ele na verdade, uma diferença de 15 anos, ela era da Jaguaruna, e hoje tem 101 anos, é e desse casamento nasceu o Evaldo. Eu casei com a Miriam, família Francalacci de Tubarão, e desse casamento, meu com a Miriam, temos 4 filhos, 3 engenheiros, dois trabalham na Petrobras, e 1 na SC gás, e a minha filha está fazendo doutorado em urbanismo e meio ambiente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul”.

Lembranças em tons de nostalgia aparecem também quando N5 traz à cena passagens de sua infância. “A primeira fase da vida da gente que a gente não esquece né: a mata atlântica, né, os passarinhos, os animais, o vento soprando na porta, assobiando na porta, galinha no pátio. E a imagem que eu tenho da minha infância. Do trem passando na frente, apitando, ficou tudo marcado”.

O N5 destaca sua que influência social decorre de seu trabalho. Como empresário

de indústria oleira, comenta que sempre empregava os afros e se relacionava muito bem com todos eles. Inclusive, relata que parte do terreno onde mora hoje um número expressivo de afrodescendentes, todos juntos – conhecido como baixadinha, diz ter sido doado por ele. “Os negros na verdade eles estavam em Morro Grande, o negro era ali naquela coloninha que tem hoje, a baixadinha que chama né. Aquilo ali era propriedade minha, você sabe né, eu vendi pra eles construírem aquelas casas ali né. Negociei com a prefeitura de Sangão, né. Eu já tinha dado uma parte pra fazerem aquelas casas, ai depois eu negociei o resto. Então eles estavam exatamente mais lá. Eu fui conhecê-los, os negros. Até os sete anos eu estive ali”.

A partir desse relato vale citar que esse ensejo do narrador em buscar a aproximação com o negro deriva justamente de nosso sentimento mestiço brasileiro. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado” (RIBEIRO, 1995, p.453). Sempre estivemos e sempre estaremos rodeados de culturas diversas.

Ao contar sobre a formação do município e da localidade, mostra sua lamentação pelo patrimônio que fora destruído. O hibridismo cultural recebe destaque também durante sua passagem pela escola local, em especial, pela influência da professora na escola. “E aos onze anos, depois que eu passei pela escola estadual mista desdobrada, né, era mista porque tinha alunos e alunas, né. Então por isso que era mista. Agora desdobrada eu não sei. O que é eu imagino que deve ser porque tinha várias séries. Ai na terceira série nos fomos pra uma escola lá atrás da igreja. Hoje que também derrubaram a igreja foi um crime que foi feito. Entende, derrubaram aquela igreja antiga que tinha pra fazer essa nova. Mas não foi só lá, aqui em Jaguaruna também derrubaram a que tinha, né. E Sangão também derrubaram a que tinha. Então lá onde tinha a igreja, a direita tinha uma casa do seu Bejoca, e ali funcionava mais uma série. Eu cheguei a ter a segunda série ali, parece que foi a segunda série. A professora chamada Edi. E a primeira professora negra”.

Conforme salienta Hall, “na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (2002, p. 13). O processo de reconhecimento da identidade híbrida destaca-se, também, quando N5 traz à cena as diferentes cores, formas e ações nos momentos de suas lembranças.

Quanto à relação entre ‘afros e brancos’, o relato do N5 mostra uma convivência alegre, em que se tornavam amigos muito facilmente. Embora ocorressem maus tratos,

preconceitos por parte de outrem, ele se posiciona contrário tanto em suas concepções como em suas ações. “O relacionamento do negro, e ai eu não vou chamar de afro. Foi mais de gargalhada do que de xingamento. Compreende, porque, era mais, nos vivíamos rindo com eles. Não tinha uma clima assim de conflito, de, sei lá, a gente considerava, inclusive os negros. E isso é uma coisa impressionante. A gente considerava eles mais amigos que os próprios brancos, eu sempre tive isso”.

N5 conta que também reconhece a relevância dos sítios arqueológicos, os sambaquis da região. Destaca seu papel social no processo de valorização e preservação desses: “Quando eu vim conhecer sítios arqueológicos, eu que juntei o primeiro, a primeira urna inteira. Porque eu mando, mais ou menos, quando eu cheguei aqui, comecei a dar valor, trabalhei vinte e cinco anos, na verdade vai pra trinta anos beneficiando areia. Então eu não deixava as vezes, quando achava uma coisa antiga né, não deixava o pessoal destruir”.

Ao lembrar sobre a dança do boi de mamão na comunidade de Morro Grande, caracterizada pela mistura da cultura açoriana, com o gingado africano, N5 evidencia mais uma vez o hibridismo cultural. “O boi de mamão era realmente o mais, denso, digamos assim, com mais. O boi de mamão na verdade era deles (dos negros)”.

Ainda sobre o boi de mamão, o N5 relembra as palavras da encenação: “Respeito: Me dá licença por favor! O dia seguinte: Até amanhã. Se Deus quiser”.

Os folguedos contados pelo N5 reportam aos feitos das comunidades de Morro Grande e Jaguaruna. “Pão por Deus era uma espécie de recado, de mensagem, né”. **Chamarrita:** “A chamarrita eu não conhecia. A chamarrita é uma dança, não né? É uma dança, né. É! Eu não conhecia”. **Festa do Divino Espírito Santo e a bandeira do Divino Espírito Santo.** “Em Jaguaruna se nós quiséssemos ver uma festa do Divino Espírito Santo, sendo do Morro Grande, nós tínhamos que vir a Jaguaruna. E era uma festa extremamente elitizada”.

Quanto ao fandango, declara que não conheceu. Entretanto, ao abordar sobre o misticismo, seu relato evidencia a “**Lenda de lobisomem e bruxaria:** Sete filhos homens. Um era lobisomem, igual a sete filhas mulheres”.

“**Culinária:** Beju (era feito no forno que era uma calota e daí tirava a farinha com a massa crua, as mulheres é que faziam; os negros consumiam mas não faziam) e cuscuz e rosca, rosca de polvilho e angú. O homem negro fazia pirão d’água com peixe. Ele dava valor quando ninguém fazia”.

Sobre a formação e origem de Morro Grande, N5 conta que a chegada da família

Batista e da família Amâncio, bem como também a construção da ferrovia foram determinantes para a formação da localidade. “Quando foi construída a ferrovia, que foi em 1918 a ferrovia, mudou o eixo, da indústria carbonífera, de Lauro Muller para Criciúma, que se descobriu o carvão de melhor qualidade, começo do século XX, né, por volta de 1900. Então ele mudou o ramal para criciúma, em busca desse carvão de melhor qualidade, né. E construiu o Porto de Imbituba, porque o porto de Laguna não suportava os navios que ele precisava. Então foi ai que mudou o perfil da nossa região, nos deixamos de ter o nosso eixo de transporte, pelo litoral para acompanhar a ferrovia. E muita gente veio também”.

Todos esses aspectos lembrados pelo narrador são símbolos que denotam a sua cultura, lembranças que marcam o seu passado e que fazem parte de seu histórico. Desde a sua alimentação, até os primeiros moradores, o contato com o negro, o boi de mamão; toda essa simbologia deriva na sua formação cultural, assim como afirma Geertz (1987), “A cultura, numa visão semiótica é como uma “teia de símbolos” que podem ser lidos e que formam os padrões culturais ou sistema de símbolos” (GEERTZ, 1978, p.15 apud LITAIFF, 1996, p.20).

Em sua narrativa, o N5 comenta sobre a escravidão. Destaca que esta aparece gravada em inventários e que, infelizmente, sua família também teve escravos. “Inventários em que o sujeito, deixa uma propriedade com tal dimensão, uma casa dessa forma, um carro de boi, um escravo de nome tal, uma escrava de nome tal, você compreende, quer dizer, então eles faziam parte”.

Assim como os outros narradores, a narrativa do N5 tem seu momento nostálgico ao lembrar do carinho de sua mãe com as negras. Entre lágrimas, conta que o exemplo da mãe muito contribuiu para sua relação de amizade com os afrodescendentes. **“Sobre relacionamento com negros:** “Excelente, pro meu pai dar o terreno né! Ela saia de lá a pé, de bengala, né. Subia e vinha vindo e chegava nos fundos da nossa casa. E ela era educadíssima, sabe! Essa sinhá Pelona, então pra não chegar (já com lágrimas nos olhos), digamos assim, de surpresa, ela começava (tossindo), compreende. Pra mostrar que estava chegando, ela ia lá pedir alguma coisa pra minha mãe. A a minha mãe sempre tinha alguma coisa pra dar pra ela. O curioso, (choro), (e pede desculpas)”.

N5 conta que não tem provas para dizer se foi ou não a família Batista a responsável pela maior escravidão e a destruição das casas dos negros. Conforme podemos perceber, esse episódio recebe diferentes versões pelos narradores/entrevistados. De acordo com N5, “Eu não diria um confronto, um conflito né! Um confronto já uma coisa mais séria, se bem que... eles

porque, porque depois eles, os negros ocuparam né, aquela região do campo bom, que era, fazia parte da sesmaria do Campo Bom, e que era propriedade deles. Os negros ocuparam, e naturalmente, houve reação, por parte deles. Mas é uma coisa muito misteriosa, sabe é. Eu não vejo assim, na família Batista, de que eu conheci, das pessoas, e eu conheci o Seu Leonel Batista, eu não me lembro. Eu não tenho como dizer assim: Olha, quem, o individuo aqui do conflito foi esse! Compreende! Porque eram pessoas educadas, eles não eram maus indivíduos. Era uma elite? Era, mas não era.. Bom se dissesse assim, por exemplo, se falava que é, foi colocado fogo nas casas, entende, mas eu não vejo quem poderia ter colocado fogo nas casas. Não, eu acho até que essas casas podiam pegar fogo. Porque, você sabe, não tinha estrutura, né”.

O hibridismo cultural, para N5, contribuiu também com o aprendizado e com as manifestações nas datas efemérides. Ele narra que “7 de Setembro” acontecia ao som dos tambores, marcantes como sinais de trocas culturais que aconteceram entre as etnias da localidade de Morro Grande. “Você sabe que o primeiro desfile de Sete de Setembro, primeiro desfile de Sete de Setembro no Morro Grande, o ritmo dado pelo desfile, pra marchar. Eu estou falando uma coisa absolutamente verdadeira, porque eu vi, o ritmo foi dado por um tambor feito por um sujeito chamado Lúcio”.

N5 registra, nas linhas de sua narrativa, a relevância da memória material, em especial, pelos registros fotográficos. Pelas imagens, consegue se reportar momentos de sua vida, da história das famílias e da sua localidade. Declara a importância dos museus: “Um museu, ah toda vida! Você sabe que eu mandei mais de 100 fotografias antigas, de Jaguaruna, e Sangão, Morro Grande, para o Diário Catarinense, uma coluna, que tem lá né. Sobre exatamente, com o objetivo de mostrar o valor cultural na nossa região né”.

A identidade cultural, para ele, cria-se através de gestos, marcas, aspectos étnicos e não simplesmente em uma descendência, é justamente isso que buscamos concretizar em nossa pesquisa. Que nas simples coisas estão as nossas recordações e nossas identificações culturais, assim como N5 relata o caso acima, da Agostinha, que ganhou uma identidade por rebolar, e quando se fala em rebolar, ele relembra desse fato. Isso é pertencimento e preservação. “A Agostinha era irmã dela e veio morar no Morro Grande. E a Agostinha revolucionou completamente o costume das mulheres. Eu dizia até que era um pouco na moral também. Porque ela trouxe a saia justa (risos). O Diferente, ela trouxe a saia justa pro Morro Grande e rebolava muito sabe? (risos)”.

Embora o entrevistado afirme que o resgate é o que precisamos, basta reconhecer as identificações híbridas ao nosso redor. “Intromissão de uma cultura de fora ela tirou a sensibilidade das pessoas. É o resgate que precisamos né. Isso é que é interessante!”

7 CONCLUSÃO

No desenvolvimento desta dissertação procuramos, aportados em pressupostos teóricos sobre a linguagem e a identidade, estudar o hibridismo cultural. Através da pesquisa qualitativa, as reflexões sobre a nação, a memória, a oralidade, a arte e o cinema constituíram referências para avaliar falas de moradores de diferentes ascendências étnicas, das quais pretendíamos avaliar a presença do hibridismo cultural.

Optou-se, como suporte metodológico, a pesquisa bibliográfica e as técnicas e procedimentos da história oral. Com intuito de estabelecer uma analogia e ilustrar, por meio da arte, ou até mesmo destacar o valor da história oral atribuído pela arte cinematográfica, os procedimentos e elementos que aparecem representados no filme *Narradores de Javé* (2003).

Moradores do município de Sangão-SC foram eleitos para as entrevistas/narrativas. E o filme *Narradores de Javé* como referência desta arte para as reflexões e procedimentos metodológicos, conforme já mencionado.

Ao problematizar as concepções sobre identidade cultural e avaliar o papel da linguagem, dos legados étnicos e da história, destacamos as considerações de Bakhtin, que evidencia a linguagem como uma prática de caráter institucional, a fala, a enunciação, possuem natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais (1997, p. 16). Neste sentido, o hibridismo decorreria das ações sociais que designariam representação identitária atual, embora a própria comunidade ainda não a reconheça. Logo, ainda que as identidades, dentro de suas peculiaridades, se interpenetrem.

Ao ser entrevistado, constatamos que cada falante/narrador procurou mostrar seu lugar enquanto sujeito, colocando em cena suas particularidades, como o legado étnico, social, individual, político e cultural. Tais aspectos reiteraram que o possível confronto de “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”. (HALL, 2001, p.13)

A utilização de técnica da história oral representada no filme *Narradores de Javé* e os recortes decorrentes da decupagem da obra contribuíram para a análise dos dados recolhidos na pesquisa de campo, na medida em que se observou tanto uma aproximação na

técnica das entrevistas, quanto no papel do entrevistado. Tal como em *Narradores de Javé*, os entrevistados apresentavam seus enunciados através de narrativas. Este aspecto permitiu, neste estudo, denominar os entrevistados de narradores.

Assim, ao observar a narrativa como lugar de enunciação de identidades culturais, desenvolvemos as reflexões que constituem a análise proposta nesta pesquisa. O hibridismo cultural emergia dos detalhes e da composição das narrativas obtidas pelas entrevistas com moradores do município de Sangão-SC.

O hibridismo cultural enunciava-se pelas ações sociais, pelas representações identitárias que, mesmo nas singularidades dos valores, verifica-se uma cultura permeada pelos diferentes aspectos presentes nas representações culturais miscigenadas.

Através das entrevistas orais conseguimos identificar diversos elementos na narrativa oral que comprovam a fixação de práticas que sinalizam a presença de etnia híbrida, como os exemplos discorridos sobre cada narrativa.

O Narrador 1, que possui características físicas africanas, possui em suas ações diárias e nas lembranças de seu passado festejos (Festa de São João Batista), costumes (pão por Deus, Boi de mamão), reconhecidos por serem originários de Portugal. Sendo assim, a sua identidade híbrida está presente nessas citações, que podemos frisá-las como identidade pelo sentimentalismo com que essas memórias foram narradas. A cada fato contado, o Narrador 1 reforçava que as suas atuações não foram efêmeras. Exemplo: Ele não escrevia as cartinhas do Pão por Deus, mas as entregava; sendo assim, tal aspecto cultural fez parte de sua construção cultural.

O Narrador 2, possui suas identificações culturais ligadas à religião e vale ressaltar que todos os entrevistados citam as questões religiosas como características marcantes acerca da formação cultural de sua comunidade. Como tal, o N2, tem suas práticas ligadas às questões da igreja e, sendo este narrador de ascendências alemãs, apresenta participações em manifestações de costumes açorianos, como as festas, danças e até mesmo no reconhecimento das práticas de africanos em sua comunidade. Mesmo que tal narrador não seja um umbandista, afirma conhecer o candomblé e que existiam pessoas ao seu redor que o praticavam. Sendo assim, as interferências exteriores influenciam sua memória acerca do passado que vem reconstruir a sua história.

Temos claramente, em diversos momentos da entrevista do Narrador 3, falas que denotam a sua hibridização cultural. Começamos pela sua ascendência, que diz ser indígena, e

percebemos a presença de valores e práticas oriundas das mais diversas etnias, como por exemplo: As lendas, as comidas, as festas açorianas, a religiosidade, as práticas africanas, reconhecidas pelo candomblé que, mesmo com aversão diz reconhecer, o Boi de Mamão, o fandango, a bruxa, o lobisomem, as benzeduras, e as ainda comidas italianas, tal como a polenta.

Este narrador, não simplesmente relembra, ele faz questão de demonstrar, ensinar o que sabe dessa cultura que faz parte de sua história, sendo assim, fica realmente comprovado que já faz parte de sua identidade.

Já o narrador 4 demonstra firmemente seu papel social na comunidade, onde busca ajudar os demais, inclusive cita casos de ajuda aos negros que eram martirizados. Fala de convivência e trabalho em conjunto, sendo assim, através de sua rotina de auxílio e importância para com o outro, tal narrador adquire e transfere simbologias culturais que fazem parte de sua vida, uma troca que deriva no hibridismo.

Por fim, o narrador 5 demonstra o quanto a história oral é importante no resgate de uma cultura. Ele relembra momentos importantes de seu passado, conta-os com fervor e se apresenta com um amante do patrimônio, isso faz com que a entrevista concedida sirva como entendimento de que não existem versões históricas pré-estabelecidas e que, a cada dia, constrói-se um pouco mais de nossa identidade. Ele já se apresenta como híbrido, e denota em suas falas diversos valores culturais que estão sendo esquecidos, como o boi de mamão, as festas, as arquiteturas, a formação escolar, enfim, os mais variados atos cotidianos que revelam a supremacia do hibridismo em nossa identidade cultural.

Ainda acerca das entrevistas, conseguimos revelar que a história não é estática, ela possui diversos vieses. Através dos relatos em torno da família de Leonel Batista, entre as ações para o bem e para o mal, constatamos que não conseguiremos chegar ao que poderíamos definir como verdade. Os diferentes pontos de vista também serviram para avaliar a presença do caráter híbrido da cultura pelos papéis sociais dos falantes.

Aquele que possuía um vínculo com a família Batista, seja comercial ou afetivo, como no caso do N4 e N2, não conseguia identificar, nas práticas de Leonel Batista, atuações de maus tratos com negros ou escravização; em contrapartida, aquele que apresentava outra realidade, que não fazia parte dessa elite, identifica e aponta momentos de ações más da família Batista, como no caso do N1 e N3. Mas, o N5, faz refletirmos que ele não possuía nem uma e nem outra característica, pois afinal, as várias vozes representam a vida de cada

um, portanto, criar uma realidade ou uma versão seria totalmente ilusório e contraditório. Como buscamos salientar que a identidade é moldada pelos diversos gostos, formas, cores, tanto quanto a história também não é uníssona, possui várias caracterizações.

Nosso estudo evidenciou a confrontação cultural híbrida decorrente das etnias, que algumas vezes é reconhecida, outras não. Podemos afirmar que nossa história é construída e reformulada diariamente. Afinal, como foi demonstrado no filme *Narradores de Javé* e também na vida, não temos histórias prontas, nem ascendência única e muito menos algo concreto a ser posto e defendido. De fato, o que temos é uma conjuntura de ideias e culturas que se entrelaçam e se transformam.

Fica desta pesquisa, também, o sentimento sobre a importância de se resgatar e preservar a memória como lugar para analisar as culturas, os tempos, as sociedades e outros.

Ainda que não fosse uma das propostas ou objetivos deste estudo, procuramos registrar as entrevistas dos “Narradores de Sangão” por meio de gravações audiovisuais. Estas gravações dos narradores foram editadas com o formato de um DVD documental. O referido material poderá ser disponibilizado nas instituições de ensino e pesquisa.

Ao realizarmos esse estudo percebemos a relevância das pesquisas sobre a cultura, a arte em seus tempos, na medida em que oportunizam refletirmos, através da linguagem, dentre outros aspectos, a complexidade de nossa existência e de nossa própria transcendência por meio dela.

Entendemos, também, que muito há de se estudar, investigar, avaliar, analisar no contexto das ciências da linguagem, ficando a sugestão para outros estudos, talvez suscitados pelas reflexões apresentadas em nossa dissertação.

REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52182/>> Acesso em 07 mar. 2012.

ANDERSON, Benedict. Memória e esquecimento. In: ROUANET, Maria Helena (Org.). **Nacionalidade em questão**. Rio de Janeiro: UERJ (Cadernos da Pós/Letras, n. 19), 1997.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes 1995.

_____. BAKHTIN, Michael. Estética da comunicação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Florianópolis: Editora UFSC, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURCH, Noel. **Práxis do cinema**. trad. de marcelle pithon e regina machado. São Paulo: perspectiva, 2006.

CARLIM, V. I. Ética & bioética - **Novo direito e ciências**. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CIAMPA, Antônio da C. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão lingüística**. 2ª ed. São Paulo: Edições Quiron. 1976.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy. **Distribuição e padrão de assentamento – Propostas para Sítios da Tradição Umbu na Encosta de Santa Catarina**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de; KNEIP, Andreas. **Panorama arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Editora Unisul, 2010.

_____. **Arqueologia e Educação: uma proposta de preservação para os sambaquis do Sul de Santa Catarina**. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo: 500 anos, litoral catarinense: um livro para o ensino fundamental**. Florianópolis: Ed. Do autor, 2000.

FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira de, et al (Org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fio Cruz/Casa Oswaldo Cruz, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira de; AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro. Editora da FGV, 2006.

FIORI, Neide Almeida (Org.) **Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres**. Florianópolis/Tubarão-SC: Editora da UFSC / Editora da UNISUL, 2003. 258 p.

FOSSARI, T.D. **A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis. Tese (Doutorado) – UFSC. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Geografia, 2004.

_____. **Arqueologia e História das populações do Brasil pré-colonial**. In FARIAS, D. S. E. de. (org). Maracajá: Pré-História e Arqueologia. Tubarão-SC; Unisul, 2005.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Ática, 1974.

_____. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Unesp, 1997.

FREYRE, Fernando de Mello. **“Gilberto Freyre: ontem e hoje, além do apenas moderno”** in Ethel Kosminsky, Claude Lépine e Fernanda Peixoto (orgs.). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt, 1933.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2004.

- GENETTE, G. **Discours du récit; essais de méthode**. In: Figures III. Paris: Seuil, 1972.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2001
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. Trad. Adail Sobral e Maria Gonçalves. 7 ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- HOBBSBAWM, Eric. **A era dos Extremos: O breve século XX**, São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo, Ática, 1996.
- LITAIFF, Aldo. **As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-mbyá**. Florianópolis. Editora da UFSC, 1996.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MEYE, J. C. S. **Manual de historia oral**. 4ª ed. São Paulo: Loyola. 1996.
- MEYE, J. C. S. **Manual de historia oral**. São Paulo: Edusp, 2002.
- MIGNOLO, Walter D. **La Idea de America Latina**. Gedisa Ed. Pasco Bonanova, Espanha. 2007
- NARRADORES DE JAVÉ**. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/narradores-de-jave>>. Acesso em 27 jun.2011.
- NEIVA, Eduardo Jr. **A imagem**. São Paulo: Ática, 1998.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- POLLACK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. In: Revista Estudos Históricos, vol 2, nº 3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.
- PRUDÊNCIO, Rosiane. **A comunidade de Morro Grande Município de Sangão - SC - oralidade e imaginário do quilombo**. (Monografia do curso de História). Unisul, 2007.
- RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão-SC: Ed. UNISUL, 2002. 264 p.
- _____. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão-SC: Editora UNISUL, 2006.

Revista Época, 2004 apud CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco, **Narradores de Javé: história, imagens e percepções**. Revista de História e Estudos Culturais, 2008.

RIBEIRO, Darci. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICHARDSON, Robert Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SÁ, Jussara Bittencourt de. **Nação em Cena**. Florianópolis: Unisul, 2010.

SCHMITZ, Pedro Ignácio, et AL. **Os índios engenheiros e suas estranhas casas enterradas**. Anais do I colóquio sobre sítios construídos: casas subterrâneas. Santa Maria/RS. Palotti, 2005.

SPRÍCIGO, Antonio César. **Sujeitos Esquecidos, Sujeitos Lembrados**. Caxias do Sul-RS: Murialdo, 2007.

TIBURCIO, Suzana Luiz. **Mapeamento Arqueológico e Educação Patrimonial no município de Sangão SC: conhecimento e preservação entre os alunos da 5ª série da EEB Bernardo Schmitz**. 2009. (Monografia do curso de História) Unisul, 1991.

VIEIRA, Édmo Henrique. **Patrimônios de Sangão - SC**. (Monografia do Curso de História) Unisul, 2007.

YIN, Rober K. "Case study research: design and methods". Tradução e síntese de Ricardo Lopes Pinto e adaptação de Gilberto de Andrade Martins, 2003. Disponível em <<http://www.eac.fea.usp.br/metodologia.referencias>>. Acesso em 18/04/2011.

ANEXOS

ANEXO A – CARTA DE ACESSÃO AOS OUVINTES

Sangão-SC, 08 de julho de 2011.

Os indivíduos abaixo assinados declaram para os devidos fins que cedem os direitos de suas entrevistas, gravadas no período de Março de 2011 a 07 de Maio de 2011 para que a Sra. Suzana Luiz Tibúrcio possa usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Dessa forma, autorizam o uso de terceiros para ouvi-las e usar citações, ficando vinculado o controle à Universidade do Sul de Santa Catarina, que tem sua guarda.

Abdicando de direitos seus e de seus descendentes, subscrevem a presente carta de cessão.

Nome	Assinatura

ANEXO B – FOTOS

Moradores de Morro Grande em procissão (diversidade cultural)
Fonte: Foto Regina/ PRUDÊNCIO (2007).



Festa de São João Batista (1950). Presença da maioria da população
Fonte: Foto Regina/PRUDÊNCIO (2007).



Naufração do navio Buenos Aires (um dos vários que aconteceram no balneário Campo Bom- local por onde possivelmente chegaram os afrodescendentes). Fonte: Sr Evaldo Ávila.



Vista parcial de Morro Grande (década de 50) – ao fundo, do lado direito da foto, está aparecendo próximo à estação ferroviária, a fumaça de uma das primeiras cerâmicas.

Fonte: Foto Regina/ PRUDÊNCIO (2007)



Honorata G. Batista e Leonel Batista.

Fonte: PRUDÊNCIO (2007).



Baxadinha (onde mora a maioria dos negros do Bairro Morro Grande).

Fonte: PRUDÊNCIO (2007).



A Ferrovia Tereza Cristina que passa pelo bairro é um símbolo cultural e identitário da localidade
Fonte: Sr Evaldo Avila.



Banda Marcial que tocava nas festas e nos desfiles cívicos. Presença abundante de negros (Hibridismo cultural)
Fonte: Sr Evaldo Avila.



Festa do Divino Espírito Santo em Jaguaruna
Fonte: Sr Evaldo Avila.